



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**RODA DOS SENTIDOS: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE  
PROFESSORES EM ESPAÇOS DE COLETIVIDADE**

Maria Claudia Cardoso Farias

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanise dos Santos Gomes

MARIA CLAUDIA CARDOSO FARIAS

**RODA DOS SENTIDOS: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM  
ESPAÇOS DE COLETIVIDADE**

MARÇO  
2015

MARIA CLAUDIA CARDOSO FARIAS

**RODA DOS SENTIDOS: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM  
ESPAÇOS DE COLETIVIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanise dos Santos Gomes

MARÇO  
2015

*Dedico este trabalho à Roda dos Sentidos, que me ensina a ser professora e a refletir sobre o meu trabalho na nossa sociedade.*

*Dedico também a minha mãe (in memoriam) que me ensinou, e ao meu pai, que até hoje me ensina a dignidade e a dedicação no trabalho.*

*Por fim, dedico a meu esposo e a meu filho pela parceria sempre presente nesta caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao momento da conclusão de mais esta etapa de minha vida, agradecer torna-se mais significativo que nunca. Pois ao entender o sentido da partilha com os outros, fica impossível não pensar em todos os que de alguma forma contribuíram para que chegasse até aqui e compreender que este é mais um passo na minha vida profissional, não o último.

Agradeço primeiramente a Deus, por iluminar os meus caminhos e pensamentos.

Agradeço aos meus pais, primeiras pessoas com quem pude aprender a ser sujeito de direito e de deveres. Um agradecimento especial a minha mãe (in memoriam), por ter a certeza que onde estiver está sempre enviando bons pensamentos.

Agradeço pelo amor de meu marido e companheiro Cleber, por compreender todas as minhas angústias e estar ao meu lado todas as tardes de sol de domingos sem praia.

Agradeço ao meu filho, por compreender as ausências e por ser meu jovem companheiro e confidente.

Agradeço a meus irmãos, cunhados, cunhada, sobrinhos e sobrinhas, por todas as tardes de risos descontraídos que me proporcionaram, para que eu pudesse revigorar minhas forças e esperanças.

Agradeço especialmente a minha orientadora, Vanise Gomes, pelas partilhas, pelas aprendizagens, pelo olhar sempre atento e pelas palavras tão bem colocadas nos momentos de angústia.

Agradeço à Roda dos Sentidos, Saraçol, Luciana, Vanise, Caroline, Suzana e Paulinha, “que posso chamar de amigos”, como lembrávamos em nossas escritas no portfólio. Pelas aprendizagens, pelos avanços nos estudos marxistas, mas principalmente por me ensinar a compreender que a seriedade na educação pode ser vivenciada com afetividade.

Um agradecimento especial à banca, Saraçol e Moacir, pelas contribuições tão significativas, pelo olhar atento e pela rigorosidade permeada pela afetividade.

Agradeço também aos amigos do NEEJAA, onde iniciei minha caminhada como pesquisadora.

Agradeço aos colegas e professores do PPGEDU, pelos momentos de aprendizagens vivenciados no processo do mestrado.

Agradeço aos meus alunos e seus familiares que através dos questionamentos despertam em mim o sentido da docência.

*Sonho é uma coisa que não existe no mundo de fora,  
mas existe no mundo de dentro.  
Existe no mundo de dentro provisoriamente,  
porque os sonhos são como crianças:  
querem nascer.  
(ALVES, 2010, p. 52)*

## RESUMO

A dissertação de mestrado aqui apresentada está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação – PPGEduc, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, situada na linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Utopias. O objetivo do estudo é contribuir para que os professores possam pensar em outras práticas de formação docente dentro dos espaços educativos nos quais atuam, desenvolvendo suas ações pedagógicas, a partir da reflexão sobre cotidiano docente no coletivo. A pesquisa envolve um grupo de professores que se propôs a estudar a categoria trabalho e seus entrelaçamentos com o trabalho docente a partir da perspectiva marxista. Tal grupo organizou-se tendo em vista a metodologia das Rodas de Formação, conforme a perspectiva de Warschauer, intitulando-se Roda dos Sentidos. Como corpus de análise foram utilizados os registros escritos em um portfólio coletivo, realizado a cada semana por um dos professores da Roda. Tal escrita era alternada entre os sujeitos para que, assim, todos contribuíssem, ao seu modo, na composição dos registros da Roda dos Sentidos. Foram analisadas as escritas dos anos de 2011 e 2012, buscando-se responder ao questionamento: “que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como os da Roda dos Sentidos?” A análise dos dados foi inspirada na Análise Textual Discursiva – ATD, de Moraes e Galiazzi, inicialmente realizou-se a impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, para então proceder com a unitarização, a construção de categorias analíticas e a escrita de metatextos. As problematizações realizadas no decorrer da dissertação foram apontando compreensões sobre a importância da formação docente no coletivo, constituída pelos estudos e diálogos vivenciados pelos sujeitos envolvidos; a compreensão das amarras do sistema societário que interferem no trabalho docente, salientando a necessidade dos professores resgatarem, enquanto categoria, sua capacidade de luta, seu sentido de união e coletividade no trabalho, fortalecendo suas representatividades através dos sindicatos; a compreensão da profissão docente como interpelada pelas relações humanas, ao entrelaçar a construção do conhecimento aos sentimentos como afetividade, respeito, alegria e esperança, envolvidos nesse processo, estão, nesse sentido, os professores constituindo sua humana docência. A partir das análises realizadas, compreender-se que as vivências de estudo e formação na Roda dos Sentidos, proporcionaram momentos de avanços teóricos, realizados a partir de diálogos sobre o trabalho e o trabalho docente, potencializados pelos registros escritos e compartilhados nos encontros da Roda, possíveis a partir da construção do sentido de coletividade, compreendendo-se, assim, a importância dos elos afetivos na constituição docente.

**Palavras-chave:** Rodas de Formação. Formação no coletivo. Trabalho docente. Afetividade.

## ABSTRACT

This Master's Thesis is attached to the Post Graduation Program in Education (Programa de Pós Graduação em Educação) — PPGEduc, from Universidade Federal do Rio Grande — FURG, in the Culture, Language and Utopias line of research. The objective of this paper is to contribute with the teachers' collective reflection about other practices for teacher training inside the schools in which they are working. The research involved a group of teachers willing to study their work and its connections with the Marxist perspective. It was developed through "Teachers' Training Circles", theory defended by Warschauer, which was called "The Circle of Meanings". Entries from a collective portfolio were the analysis corpus, weekly written by one teacher each week. The writing of the entries was alternated among the participants so all of them could contribute in their own way in "The Circle of Meanings". Entries from 2011 and 2012 were analyzed, trying to answer the following question: which are the teachers' education meanings experienced in collective spaces as the ones in The Circle of Meanings? Data analysis was inspired in Discourse Textual Analysis — DTA, from Moraes and Galiazzi. Initially the researcher was "impregnated" by the material produced by the subjects. Then, the content was divided in units, building up analytical categories and meta-texts were written. Questionings made during the thesis were pointing out to understandings about: the importance of the teacher education in groups, made by studies and dialogues experienced by the involved subjects; the understanding of how social system ties interfere in the teachers' work, highlighting the needs teachers have of developing their fighting capacity, collectiveness at work, strengthening their representative force through Teachers' Union. Also, it pointed out to understandings about how the teachers' work is influenced by feelings such as affection, respect, joy and hope, while teachers are building up their humanitarian teaching. Taking the analysis into consideration, we can understand that the study experiences and education in The Circle of Meanings provided moments of theoretical advances, that were made through dialogues about job and teaching, increased by written registers and shared in the Circle meetings. This was possible because it was built collectively, being understood, thus, the importance of kind ties in the teaching identity.

**Key Words:** Teachers' Training Circles. Collective Education. Teachers' work. Affectivity.



## **LISTA DE SIGLAS**

ANA	Avaliação Nacional da Alfabetização
APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
ATD	Análise Textual Discursiva
CPERS	Centro de Professores do Rio Grande do Sul
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IE	Instituto de Educação
IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NEEJAA	Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PPGEA	Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental
PPGEC	Programa de Pós-graduação em Educação e Ciências
PPGEdu	Programa de Pós-graduação em Educação
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
ZH	Zero Hora

## SUMÁRIO

<b>SITUANDO O CONTEXTO DA PESQUISA: SOBRE O QUE E PARA QUEM DESEJO FALAR</b> .....	12
<b>1. VIVÊNCIAS E CURIOSIDADES ACADÊMICAS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE QUE APONTARAM O CAMINHO DA PESQUISA: O QUE DESCOBRI “ATRAVÉS DAQUELA PORTA”</b> .....	15
<b>1.1. Histórias que se entrelaçam a partir da Roda dos Sentidos...</b> .....	22
<b>a. O que me encaminhou ao estudo da Roda dos Sentidos.</b> .....	22
<b>b. A Roda dos Sentidos: história dos nossos significados...</b> .....	24
<b>c. Retorno aos meus “Sentidos do Trabalho”... A busca por um sentido para o trabalho.</b> .....	28
<b>2. FORMAÇÃO DOCENTE: COMPREENSÕES TEÓRICAS ENTRELAÇADAS ÀS VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO COMO PROFESSORA EM ESCOLA PÚBLICA</b> .....	32
<b>2.1. Formação Inicial: anunciando de forma breve alguns aspectos relevantes</b> .....	34
<b>2.2. Formação continuada: as reflexões sobre o tema e os avanços em busca de outros modelos de formação</b> .....	36
<b>2.3. Breves reflexões sobre as primeiras vivências de formação continuada</b> .....	42
<b>3. RODAS DE FORMAÇÃO: OUTRAS PERSPECTIVAS PARA ANTIGOS DESAFIOS</b> .....	45
<b>4. DISCUSSÕES SOBRE TRABALHO E TRABALHO DOCENTE, CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS NAS RODAS DE FORMAÇÃO.</b> .....	53
<b>5. UMA PROPOSTA METODOLÓGICA INSPIRADA NA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA</b> .....	58
<b>6. CATEGORIAS DA PESQUISA: ANÁLISES DOS DADOS PRODUZIDOS</b> .....	66
<b>6.1. O SIGNIFICADO DO ESTUDO E FORMAÇÃO NA RODA DOS SENTIDOS: ESPAÇO COLETIVO DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES E FAZERES DOCENTES.</b> .....	71
<b>6.1.1 Constituir-se Roda no movimento com o outro: aprendizagens proporcionadas pelo espaço coletivo</b> .....	74

6.1.3. “Abertura ao diálogo”: indispensável à construção do aprendizado no coletivo...	82
6.1.4. A escrita como espaço de materialização do diálogo: reflexões dos sujeitos da Roda dos Sentidos .....	86
6.1.5. Considerações finais .....	93
<b>6.2. ESTUDOS SOBRE CATEGORIA TRABALHO NO ESPAÇO COLETIVO DA RODA DOS SENTIDOS: AMPLIANDO O DEBATE SOBRE O TRABALHO DOCENTE.</b> .....	<b>96</b>
6.2.1. Avanços teóricos construídos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos: a possibilidade da ampliação do debate no estudo coletivo .....	100
6.2.2. As metamorfoses no mundo do trabalho e o enfraquecimento dos movimentos sindicais: o resgate dos sonhos como possibilidade de enfrentamento .....	104
6.2.3. A concepção do ser professor na sociedade do capital: contribuições dos estudos sobre categoria trabalho na perspectiva marxista.....	109
6.2.4. O trabalho docente (re) significado a partir dos estudos na Roda dos Sentidos: espaço coletivo que possibilitou a concretização do “tempo livre” <i>dentro e fora do trabalho.</i> .....	117
6.2.5. Algumas considerações .....	121
<b>6.3. A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA COLETIVIDADE NO ESPAÇO DE FORMAÇÃO INTITULADO RODA DOS SENTIDOS</b> .....	<b>123</b>
6.3.1. Rodas de Formação: construir a docência pelos sentimentos que mobilizam a busca pelo conhecimento.....	126
6.3.2. A escrita como espaço para compartilhar sentimentos vividos na construção do conhecimento e no reencontro com a humana docência.....	134
6.3.3. Considerações finais.....	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEIXANDO MARGEM PARA OUTRAS REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE</b> .....	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>147</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>150</b>

## **SITUANDO O CONTEXTO DA PESQUISA: SOBRE O QUE E PARA QUEM DESEJO FALAR**

A presente dissertação está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e apresenta como temática central a formação de professores na perspectiva das Rodas de Formação, propondo-se a investigar **que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos**. Roda que se formou para o estudo da categoria trabalho e seus entrecruzamentos com o trabalho docente, a partir dos referenciais marxistas. Com o objetivo de propor aos professores que pensem sua formação a partir de seus contextos de trabalho, organizados no coletivo, reconhecendo outras perspectivas de formação como possibilidade.

Os teóricos presentes nos estudos anteriores e no processo do percurso no mestrado que colaboram para a discussão do tema em questão e no processo de análise da pesquisa aqui apresentada foram: Warschauer (1993, 2001), salientando a constituição docente nas Rodas de Formação como metodologia de trabalho; Lima (2011), abordando o exercício da escrita em Roda, assim como a importância desta metodologia na constituição docente; Souza (2010), contribuindo com os significados da “partilha” no espaço das Rodas de Formação em Rede; Firme (2011), auxiliando na compreensão sobre o portfólio coletivo como espaço para os registros em Roda; Imbernón (2010) para compreender a formação continuada de professores; Freire (1987, 1992, 1996) organizando os pensamentos sobre o diálogo, a esperança, os sonhos, o amor, dentre tantas exigências ao educador transformador; Pimenta (2000, 2012), trazendo contribuições sobre a construção dos saberes e fazeres docentes; Saviani (2007) para pensar sobre a questão da educação aliada às premissas do trabalho e vice versa; Lima (2005), abordando os sentidos do trabalho docente dentro da formação continuada dos professores; Antunes (1999, 2011) que me ensinou a compreender as questões das metamorfoses do mundo do trabalho; Marx (1865, 1849) através das premissas que envolvem a sociedade do capital; Moraes e Galiazzi (2007), aporte teórico que inspira a metodologia utilizada na análise dos dados produzidos pelos sujeitos da pesquisa e na constituição dos metatextos que fazem parte desta dissertação.

A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa apresentada nesta dissertação envolveu os registros escritos no portfólio coletivo que foram produzidos por sete professores que participaram da Roda dos Sentidos nos anos de 2011 e 2012. A cada semana, um dos

sujeitos realizava a escrita, abordando desde os avanços teóricos oportunizados pelos estudos no coletivo, até os sentimentos e questionamentos construídos neste espaço formativo. As escritas eram alternadas a cada semana, para que todos os professores pudessem colaborar a partir do seu olhar sobre os encontros, na construção dos conhecimentos do coletivo.

Na presente pesquisa, a análise dos dados, foi inspirada pela metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2007), iniciada pela impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, unitarização, construção de categorias analíticas e por fim a construção de metatextos.

No primeiro capítulo, **“Vivências e curiosidades acadêmicas sobre formação docente que apontaram o caminho da pesquisa: o que descobri “através daquela porta”**, busco ilustrar de que forma me encontro com o movimento de ser pesquisadora, o que me mobilizou enquanto estudante de Pedagogia a inserir-me ao Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos – NEEJAA/FURG. Espaço que me inseriu na curiosidade e na busca pelos estudos dos referenciais marxistas, iniciando seu aprofundamento com minha inserção na Roda dos Sentidos. Espaço que me instigou a investigar a formação de professores a partir da metodologia das Rodas de Formação, pois orientou-me a uma possibilidade de aprendizagens dos saberes e fazeres docentes no coletivo. Conto sobre minha trajetória da experiência no comércio até a chegada à docência, tentando deixar para o leitor um sentido de esperança, pois foi este sentimento que, como relata Freire (1992), não se constitui na espera, mas na caminhada, entre lutas e conquistas.

No segundo capítulo, **“Formação docente: compreensões teóricas entrelaçadas às vivências de formação como professora em escola pública”**, demonstro a compreensão alcançada através dos estudos sobre formação de professores que me orientaram ao questionamento sobre os espaços de formação vivenciados enquanto professora da rede estadual nos anos iniciais do ensino fundamental.

No terceiro capítulo, **“Rodas de formação: outras perspectivas para antigos desafios**, oriento minha escrita para a compreensão da metodologia de trabalho teorizada como Rodas de Formação, considerando este espaço formativo como possibilidade para oportunizar o diálogo, o debate, a construção de conhecimento no coletivo dos professores que se propõe ao estudo e formação neste contexto.

O quarto capítulo, **“Discussões sobre trabalho e trabalho docente, construídas a partir das vivências nas Rodas de Formação”**, traz reflexões sobre o contexto social

vigente, que através de suas metamorfoses para a superação de suas crises históricas acaba modificando o mundo do trabalho e, por consequência, interferindo também no trabalho docente.

No quinto capítulo, **“Uma proposta metodológica inspirada na Análise Textual Discursiva”**, busco demonstrar o percurso do movimento da pesquisa, da impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, que inclui sete professores que pertencem à Roda dos Sentidos; avançando pela unitarização, processo em que construí as unidades de significado, desmembrando as escritas dos sujeitos da Roda; a construção das subcategorias, pela aproximação dos discursos dos sujeitos em seus registros escritos; a categorização, alinhamento entre os significados das escritas das subcategorias; finalmente a construção dos metatextos, organizados em artigos científicos, a partir da análise das escritas entrelaçadas aos referenciais teóricos que compuseram os estudos para a escrita desta dissertação.

No sexto capítulo, intitulado **“Categorias da pesquisa: análises dos dados produzidos”** organizo artigos científicos elaborados pelas reflexões emergentes pelas análises das categorias finais da presente pesquisa, argumentando sobre as Rodas de Formação como possibilidade metodológica ao trabalho dos professores; as contribuições que o estudo sobre a categoria trabalho possibilitou aos sujeitos da Roda dos Sentidos a pensar sobre o trabalho docente; e quanto os sentimentos como a afetividade podem interferir de forma positiva na nossa compreensão sobre nosso próprio trabalho.

Acrescento como forma de ilustrar momentos significativos na trajetória anterior e no processo da pesquisa, algumas crônicas com o intuito de tornar a leitura da dissertação mais próxima do cotidiano do ser professor em formação, sem deixar de ressaltar o tema sobre formação docente de forma argumentativa.

Assim, pretendo contribuir de forma singela, mas ao mesmo tempo reflexiva e crítica, para que os professores possam perceber as amarras que o sistema capitalista impõe ao trabalho docente e as possibilidades geradas a partir da construção da criticidade sobre essas questões em prol do fortalecimento da luta historicamente travada pelos docentes em busca de valorização profissional como um dos preceitos para uma educação de qualidade.

## **1. VIVÊNCIAS E CURIOSIDADES ACADÊMICAS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE QUE APONTARAM O CAMINHO DA PESQUISA: O QUE DESCOBRI “ATRAVÉS DAQUELA PORTA”**

Neste capítulo, busco expor as trajetórias vividas por mim até a escrita da presente dissertação, os caminhos que me levaram a entender a importância da formação docente na minha profissão enquanto professora, realizando uma reflexão através das investigações por respostas às minhas curiosidades sobre o tema em questão, em alguns momentos, atrevo-me a expor para os leitores, por forma de crônicas, meus sentimentos ao vivenciar esses movimentos de pesquisa e formação, algumas escritas ainda no processo dessas vivências, outras, a partir das lembranças sobre fatos que me constituíram até o momento.

Para ilustrar meu primeiro contato com pesquisa, destaco a crônica a seguir, a qual anuncia minha inserção no Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização – NEEJAA, grupo de pesquisa que acolheu meus questionamentos e contribuiu na minha constituição docente:

### **Através daquela porta...**

Houve um tempo em que não conseguia vislumbrar a vida que me aguardava ao meio dos livros e escritas. Um tempo de trabalho onde pouco diálogo era estabelecido, onde o patrão e seus mandos e desmandos eram o que me aguardava todo início do dia. Houve um tempo em que eu desejei o mundo universitário, tão distante que me parecia intocável, embora vivesse tempos de alienação da minha força de trabalho, percebia um horizonte na universidade. Aprendi a me identificar com a docência, no tempo que o vestibular era o único meio de adentrar a universidade. Era uma grande vitória poder desfrutar deste espaço para aqueles que tinham o dever com a família, de ajudar a prover o sustento das necessidades básicas. Assim, muitas foram as tentativas... Até que, ao escutar meu nome na lista dos aprovados, na época divulgada pelas rádios locais flutuei, senti que minhas asas começavam a abrir-se, ainda não imaginava os voos que elas poderiam realizar, tampouco as paisagens que iria ostentar. Nem todas tão lindas quanto uma visão romântica desejaria, mas algumas muito encantadoras. E no primeiro ano na universidade, encontro uma porta, através de um evento do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos/NEEJAA. Entregar o boleto de depósito do pagamento da inscrição de um curso nunca foi pra mim tão significativo quanto aquele dia.

Olhei aquela porta aberta, na sala, uma imagem de Paulo Freire, uma janela que dava para o estacionamento do prédio 4 da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Através daquela porta desejei permanecer. Mais de dois anos esperei para abandonar o trabalho no comércio e iniciar uma jornada diferente. Já no 5º semestre da Pedagogia, tive a oportunidade de pertencer a este espaço, um grupo acolhedor como é a proposta freireana. E de lá jamais desejo sair.

Esta crônica reflete um período em que a educação superior no Brasil ainda não se fazia presente na maioria das famílias brasileiras. Uma época atravessada pelo início de um governo voltado às necessidades sociais, apesar de todas as inquietações e dúvidas sobre vários pontos a respeito do governo Lula, algo que não podemos deixar de refletir, é a abertura das universidades às classes populares. Ainda com inúmeras dificuldades e anúncios de melhorias em vários aspectos, é inegável o quanto hoje podemos constatar, quantitativamente, o que representa os alunos formados e em formação de origem social que antes nem pensavam em cursar o ensino superior.

Neste sentido, quando a educação tem sido um dos focos das ações governamentais, entra em debate também - e com muita força - a questão da formação docente, destacando-se como tema de discussão no âmbito nacional, como um dos pontos emergentes acerca de melhorias na educação brasileira, pela preocupação com os investimentos que isso pode gerar ao país.

Para os professores, o significado da formação continuada vai para além disso, tem caráter de valorização profissional que só poderá efetivar-se com a consolidação de políticas públicas que garantam a formação no exercício da profissão. Fazendo-se necessário criar espaços onde os professores discutam sobre sua formação e problemas enfrentados no cotidiano escolar.

A temática me encanta por tratar-se de um contexto por onde transito e que faz parte da minha vida profissional. Enquanto professora de rede estadual de ensino, vivencio espaços de formação, através do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, programa realizado pela parceria entre o Ministério da Educação e algumas universidades federais, que se organizam em regiões, coordenando formações em nível estadual e municipal. Contudo, o diálogo e a troca de experiências não faz parte da metodologia de formação na maioria dos



encontros, ao menos que estes sejam para compartilharmos atividades solicitadas anteriormente a fim de serem realizadas com as crianças.

Investigar os processos formativos que possibilitam aos professores a construção de seus saberes e fazeres docentes ao mesmo tempo em que vivencio a jornada dentro da Rede Estadual de Ensino como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental torna-se significativo. Muitos questionamentos perpassam essas vivências, de forma a reafirmar a compreensão e o desejo de que espaços construídos coletivamente sejam cada vez mais difundidos e compreendidos pelas instituições como possibilidade à formação continuada de professores em todos os níveis de ensino.

Durante minha formação inicial em Pedagogia fui fomentando minhas curiosidades sobre a formação docente, percebi que participar de eventos era muito interessante, inspirador ouvir as palavras de estudiosos e pesquisadores, alguns ainda vivenciando a docência, compartilhavam conosco, estudantes das licenciaturas, os prazeres e desafios de ser professor. Mexendo com nossas interrogações, alguns de nós, iniciavam assim, a inserção nos processos de pesquisa, enquanto bolsistas.

Foi assim que conheci o NEEJAA e foi assim que me inseri neste grupo de pesquisa, aprendendo a investigar, a partir da pesquisa intitulada “Alfabetização e educação ambiental: diálogos na compreensão dos discursos de professoras alfabetizadoras”. Estimulada pela curiosidade e pelo desejo de aprofundamento teórico, adentrei nos estudos dos referenciais da educação ambiental, foi então que recebi o convite para participar, como ouvinte, de um grupo com doutorandos do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da FURG e Programa de Pós Graduação em Educação e Ciências – PPGEC da FURG. Coordenado por uma das professoras que fazia parte do NEEJAA e que me orientava na pesquisa citada anteriormente.

Esse grupo de estudos constituiu-se a partir da metodologia das Rodas de Formação, mas o que define, ou o que diferencia, uma roda de professores estudando alguma temática de interesse, de uma Roda de Formação?

Para argumentar sobre este tema, trazemos algumas pesquisas que investigaram as Rodas de Formação, para salientar que este espaço coletivo torna-se uma alternativa na busca por encontrar estratégias formativas que possam contribuir com as mudanças às quais os professores tem se deparado em seu cotidiano de trabalho. Reconhecemos o estudo e formação em Roda é uma das perspectivas que tem se efetivado no contexto da FURG,

através dos grupos coordenados pela professora Maria do Carmo Galiuzzi se disseminando pelos espaços onde os professores e alunos que vivenciam essa metodologia de trabalho transitam, na graduação, pós-graduação e também na parceria com escolas da educação básica.

Elencamos alguns dos estudos orientados por Maria do Carmo Galiuzzi, que caminham nesta perspectiva de construir elos entre professores de diversos níveis de ensino, além disso, destacando a formação permanente do professorado em consonância com a inicial dos graduandos, potencializada pela vivência nas Rodas de Formação.

A tese defendida por Souza (2010) é de que as Rodas de Formação em Rede são espaços privilegiados na ambientalização de professores que escrevem, lêem e contam suas histórias. Souza (2010) analisou as narrativas de um grupo de licenciandos que, no ano de 2004, ingressaram no curso de Química – Licenciatura da FURG. Doze conjuntos de quinze narrativas semanais, parte dos relatórios dos estágios realizados pelo grupo durante o segundo semestre de 2007 – Roda do Estágio V. Os entrecruzamentos das narrativas dos licenciandos e dos professores que participaram do que o autor chama de “rede”, por constituir-se um elo entre diversos professores, compuseram histórias que se constituíram a feitura do que o autor designa Colcha de Retalhos. Tal pesquisa contribui para que possamos entender como se desenvolvem outras possibilidades formativas para os licenciandos que passam a vivenciar as Rodas de Formação durante os estágios, potencializando suas estratégias de construção da docência.

No caso da tese de Lima (2011), pesquisa realizada com professores formadores, do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) com intuito de planejar e executar um curso de formação continuada – Encontros Dialógicos com o PROEJA, possibilitou à pesquisadora, constatar que a construção do diário em roda potencializa os processos de formação docente.

Ainda destaca-se a tese de Albuquerque (2012), pesquisa sobre a formação acadêmico-profissional de licenciandos em Química da FURG que participaram do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID), salientando a importância da escrita das histórias dos graduandos durante os processos de estágio.

Neste sentido, a metodologia das Rodas de Formação surge como alternativa nesta busca por espaços formativos que considerem o profissional docente em sua capacidade de ser

sujeito transformador, inicialmente pensando sua própria formação e como consequência suas práticas educativas com seus alunos.

A credibilidade dada a esta metodologia pelos professores da FURG surge a partir dos estudos de Warschauer (2001). Esta educadora defende em sua tese que a Roda “é o símbolo para viabilizar o diálogo, a troca de experiências, a construção de conhecimentos com sentido para seus sujeitos”. Essa metodologia se constitui pelo trabalho coletivo, troca de saberes e busca por estratégias que possam fazer com que os professores avancem na compreensão das mudanças necessárias aos fazeres docentes nas instituições onde atuam produzidas no contexto social e histórico em que vivemos.

Na perspectiva de Warschauer (2001), a troca de experiências não pode ser pensada e construída pelo sentido mercantil, como objeto que garante a obrigatoriedade de retorno imediato à pessoa, mas aquele constituído pelo significado da partilha, pois o movimento que acontece no relato e troca de experiências docentes, dentre estas, os saberes e fazeres dos professores, se dá na perspectiva da partilha. Através da oralidade e da escrita, os sujeitos que participam da metodologia das Rodas de Formação, tem a possibilidade de aprender a partilhar com o outro, conceitos teóricos que auxiliem na busca pela compreensão da própria docência, assim como seus sentimentos vividos no fazer pedagógico com seus pares.

No trabalho com a metodologia das Rodas de Formação destacamos a FURG porque no movimento de pesquisa bibliográfica realizado no Portal de Periódicos da Capes não há registros que enfatizem estudos relacionados às Rodas de Formação com professores. Existem pesquisas que utilizam o termo Rodas de Conversa, em áreas como a da saúde, por exemplo, com o intuito terapêutico. As Rodas de Formação que enfatizo neste projeto de pesquisa, são aquelas constituídas por professores, com objetivo específico que é a formação inicial e continuada dos docentes.

No caso da FURG, as Rodas de formação têm sido utilizadas como metodologias na formação inicial de professores, nos cursos de pós-graduação e em projetos de extensão, junto às escolas municipais e estaduais de Rio Grande, fazendo a interlocução entre ensino, pesquisa e extensão, uma vez que envolvem graduandos, pós-graduandos e professores do ensino básico e superior.

As Rodas de Formação têm sido foco de investigação na FURG por expressar-se como outro modelo de formação possível e significativo para a docência. Como algumas dessas pesquisas foram utilizadas como aporte teórico para pensar o projeto inicial da pesquisa que

busco desenvolver, realizei o movimento de pesquisa bibliográfica no site da própria universidade. Ao acessar o site da universidade utilizei o recurso “bibliotecas” e, após o recurso “ARGO<sup>1</sup>”, introduzindo o termo “rodas de formação” e especificando “teses”. Foram apresentados dois registros:

“Histórias de sala de aula nas Rodas de professores de química: potência para a formação acadêmico-profissional”. Neste trabalho Fernanda Medeiros de Albuquerque realiza pesquisa com licenciandos do curso de Química da FURG que participaram do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência) nos anos de 2009 e 2010, defendendo a tese de que as histórias produzidas em Rodas de Formação contribuem para a formação acadêmico-profissional destes licenciandos. As histórias possuem conteúdos que podem sinalizar para a produção de currículo nos cursos de Licenciatura, expressam o medo da solidão e a ousadia no trabalho coletivo e potencializam a compreensão sobre a constituição do professor em Roda.

A tese do professor Moacir Langoni de Souza, defendida em 2010, para obtenção do título de Doutor em Educação Ambiental, através do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental/PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, intitulada Histórias de constituição e ambientalização de professores de química em rodas de formação em rede: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas, em que o autor entrelaça a metodologia das Rodas de Formação em Rede, como “espaços privilegiados na ambientalização de professores que escrevem, lêem e contam suas histórias” (p. 8).

Ao introduzir no ARGO o tema “rodas de formação” e especificar “dissertações”, foram apresentados três registros:

“A roda dos bordados da formação: o que bordam as professoras de química nas histórias de sala de aula?” Esta dissertação foi defendida por Aline Machado Dorneles em 2011, para obtenção do título de mestre em Educação e Ciências: Química da vida e saúde da FURG. Nesta pesquisa a autora analisa as histórias de seis professoras de química na educação básica.

“Portfólio coletivo: artefato do aprender a ser professor (a) em roda de formação em rede”, dissertação defendida por Márcia Von F. Firme, em 2011, para obtenção do título de Mestre em Educação e Ciências: Química da vida e saúde da FURG. Nesta pesquisa a autora

---

<sup>1</sup> Sistema de Administração de Bibliotecas da FURG.

analisa o potencial do portfólio escrito coletivamente por professores em formação permanente.

“Tecendo saberes em alfabeturas: a Educação Ambiental no tear das rodas de formação continuada de professoras”, foi defendida por Tania Tuchenhagen Clarindo, para obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, pelo PPGEA/FURG, no ano de 2011. Nesta pesquisa a autora busca compreender como as rodas de formação continuada do grupo Alfabeturas contribuem para a reflexão/ação, bem como para a constituição das professoras alfabetizadoras.

Por reconhecer que, muitas vezes, utilizamos apenas o termo “roda”, para especificar a metodologia das Rodas de Formação, introduzi no “ARGO” apenas o termo “roda” no item “título”, foram apresentados 6 registros. Uma delas já foi mencionada anteriormente e será utilizada como referencial, a qual foi defendida pelo professor Moacir Langoni de Souza.

A tese da professora Cleiva Aguiar de Lima, foi defendida em 2011, para obtenção do título de Doutora em Educação Ambiental, através do PPGEA da FURG. Intitulada “O diário em roda, roda em movimento: formar-se ao formar professores no Proeja”, a tese defende a perspectiva de formação continuada através da metodologia de Rodas de Formação, ratificando a escrita, o diálogo e a escuta freireanos como aspectos desenvolvidos nestes espaços e que se constituem como imprescindíveis a formação docente.

Fica evidenciado neste movimento que as pesquisas apontam para uma alternativa de formação de professores, uma possibilidade que tem sido considerada relevante, visto que, os docentes podem constituir seu trabalho de forma coletiva, entre pares.

Neste sentido, o estudo apresentado nesta dissertação busca contribuir para que espaços como os espaços das Rodas de Formação possam ser percebidos como profícuos à compreensão da complexidade do trabalho docente, considerando aspectos formativos como parte da constituição do professor que pensa, vive e busca transformar a escola, a partir da construção de seus saberes e fazeres no cotidiano de seu trabalho.

## **1.1. Histórias que se entrelaçam a partir da Roda dos Sentidos...**

### **a. O que me encaminhou ao estudo da Roda dos Sentidos.**

O interesse que deu início à pesquisa emerge com a minha participação em uma Roda de Formação desde 2011. A Roda dos Sentidos foi o espaço que se constituiu para os estudos de referenciais marxistas e que contribuiu significativamente para que pudesse perceber a importância da formação continuada na minha vida profissional.

Ao vivenciarmos diversos espaços de formação, nós, professores, podemos perceber o significado que é dado a cada um. Nas palestras, por exemplo, por ser uma metodologia mais expositiva, a voz é dada ao sujeito que traz suas considerações sobre determinado tema. Nas Rodas de Formação, o diálogo é aberto a todos os sujeitos participantes. Por isso, é espaço onde podemos nos considerar construtores de nossa própria formação e que contribui para a constituição de um professor ativo, participativo no movimento de aprender sobre a docência.

Segundo Warschauer (2001), os professores vivenciam tempos de proletarização do trabalho docente, de baixos salários, de jornadas duplas, o que o afasta da possibilidade de investimento em formação continuada fora da carga horária de trabalho. Aspecto que afirma ainda mais a importância de espaços como as Rodas de Formação, nos ambientes onde atuam os docentes, na sua constituição.

Neste sentido, podemos perceber a valorização do trabalho docente, das práticas expressas em nosso cotidiano em sala de aula e compartilhadas entre pares. Além disso, os estudos dos referenciais a que nos propomos tornam-se cheio de significados, pois orientam nossos fazeres e ampliam nossos saberes docentes.

Durante minha graduação, em Pedagogia, na FURG, muitos professores buscavam realizar atividades para refletirmos em Roda sobre os temas estudados, mas compreendendo tais espaços pela perspectiva de Warschauer (2001), percebemos que, em muitos momentos, era realizada apenas a organização do espaço, pois as premissas de diálogo e troca de experiências para a efetivação de uma Roda de Formação, ainda não se faziam presentes.

Somado a este aspecto, enquanto graduandas nos faltava maturidade teórica para perceber a relação possível entre diversos estudos realizados no decorrer do curso. O diálogo sobre os referenciais ficava um tanto prejudicado pela preocupação que tínhamos naquele momento com relação às práticas que vivenciaríamos nas salas de aula, e o aprofundamento

teórico ficava em segundo plano. Ou ainda, realizávamos o caminho inverso, discutíamos o referencial teórico deslocado do cotidiano das experiências durante os estágios.

Neste sentido, o estudo de Souza (2010), contribui para que possamos compreender a metodologia das Rodas de Formação em Rede, como espaços em que os professores podem interagir, a partir de suas próprias histórias vividas no processo de aprender a ser professor. Os licenciandos que participaram do movimento de constituição da docência durante os estágios vivenciados no Curso de Química da FURG, mais especificadamente durante a Roda de Estágio V, em 2007, puderam relatar suas histórias, escrevendo-as e lendo-as em Roda, tiveram a possibilidade de vivenciar um processo de formação através da partilha. O que contribuiu para que dessem outros significados à construção de suas aprendizagens sobre a docência.

O Curso de Pedagogia da FURG, a partir de algumas iniciativas de professores que puderam vivenciar espaços como as Rodas de Formação por experienciarem parcerias com outros professores de outras licenciaturas da FURG, inclusive com os do Curso de Química, tem realizado alguns exercícios de construção de espaços mais dialógicos, como possibilidade de formação. Foi o que pude, enquanto graduanda, participar, mas ainda não se destaca com caráter de Rodas de Formação, devido o explicitado anteriormente.

A Roda dos Sentidos tornou-se, para mim, espaço privilegiado, visto que estudar os referenciais marxistas para a compreensão da categoria trabalho e relacionar esses referenciais com o trabalho docente não seria tarefa fácil em outro espaço de formação, individual, por exemplo.

Dado o significado destes estudos, emerge a necessidade de compreender o sentido de estudar em Rodas, percebendo o trabalho do professor impregnado pela necessidade de estar em constante estudo e formação. Esta perspectiva de trabalho vai de encontro com o que pude vivenciar até então, antes da inserção na universidade, no curso de pedagogia e, mais pontualmente, antes da Roda dos Sentidos.

Por isso, busco realizar um movimento de escrita sobre a historicidade da Roda dos Sentidos e minhas vivências anteriores à chegada a este espaço de formação. Antes de ser professora, transitei pelo mundo do trabalho em instituições no comércio de Rio Grande, o que me motiva a entender melhor essa categoria e que me fez encontrar na Roda dos Sentidos outros significados para o trabalho.

## **b. A Roda dos Sentidos: história dos nossos significados...**

A Roda dos Sentidos surge em 2011, pela necessidade de alguns professores aprofundarem os estudos dos referenciais marxistas sobre a categoria trabalho na sociedade capitalista. Alguns haviam participado da disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG - PPGA, “Relações Sociais e a lógica capitalista”.

Instigados pelas discussões realizadas em tal disciplina, decidiram organizar juntamente com a professora, o que inicialmente seria um grupo de estudos sobre referenciais marxistas. A partir de diálogos iniciais, ocorreu a proposta de estudo e formação em Roda, uma perspectiva que está para além do estudo e discussão de capítulos organizados previamente.

Nas rodas de formação, as leituras são organizadas e planejadas, mas a dinâmica que se realiza durante o estudo é diferente, o diálogo, os questionamentos, as dúvidas e entrecruzamento de ideias irão direcionando o avanço do referencial estudado. Segundo Warschauer (2001) a Roda é espaço que propicia a troca de experiência com sentido para os sujeitos que dela participam, o estudo teórico se estabelece de forma dialógica e vai constituindo-se no decorrer de todo o processo. O coordenador é um mediador e não há linearidade nos estudos, cada Roda encontra suas estratégias para melhor compreensão dos estudos, a partir das relações que se estabelecem entre os conceitos estudados e suas necessidades formativas.

Na Roda pesquisada, o primeiro estudo realizado coletivamente foi “Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho”, de Ricardo Antunes (1999). Tal estudo inspirou um componente do grupo a propor uma identidade: Roda dos Sentidos.

As leituras eram entrelaçadas às experiências vividas por alguns dos sujeitos da Roda, em diferentes áreas. Alguns foram professores durante toda vida profissional, escolheram a docência como primeira opção. Outros haviam trabalhado na indústria e no comércio antes de ser professores. Esta diversidade de vivências no mundo do trabalho engrandeciam os debates e em muitos momentos, facilitavam algumas compreensões sobre as teorias da sociedade de produtores.

Aos poucos íamos desenvolvendo o sentido de ser Roda. Confiança, respeito, admiração, são sentimentos que serviram como apoio a estudos tão intensos e à compreensão de uma realidade vivida, construída, histórica, econômica, socialmente. Com suas premissas



de exclusão e exploração em prol do lucro que gera o aumento do capital de poucos em detrimento da exploração e da pobreza de muitos.

Para elucidar alguns momentos da trajetória da Roda dos Sentidos e da minha própria, atrevo-me a escrever em forma de crônicas, na tentativa de fazer com que o leitor possa deleitar-se com alguns momentos significativos vividos nessa trajetória. O texto que apresento abaixo se refere à construção do contexto que se estabelece como objeto de pesquisa e alguns “sentidos” a ele atribuídos.

### **A Roda dos Sentidos: quem somos?**

Era o último dia do mês de março de 2011. Uma tarde de quinta-feira. O lugar de encontro já remetia vários significados. A sala do Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos - NEEJA, na Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Na porta do armário uma foto de Paulo Freire, que sempre mantinha presença naquele espaço de formação de professores. Os graduandos e as pesquisas orientadas pelas professoras e suas perspectivas teóricas. E Paulo Freire lá, nos olhando sempre a intimar “O mundo não é. O mundo está sendo (1996)” instaurando naquele espaço compreensões do ser professor, da nossa luta historicamente vivida pela nossa valorização e de nossos educandos.

Era este o cenário que nos acolhia. Não menos aconchegante que os abraços afetuosos das pessoas que aos poucos chegavam para compor o que inicialmente seria um grupo de estudos.

Henriete, com seu sorriso característico, instigada pelos estudos em Meszáros, se propunha a coordenar um grupo para estudar a categoria trabalho em nossa sociedade capitalista, professora universitária. Marxista<sup>2</sup>? Radical certamente não, acredito que marxiana<sup>3</sup> com fortes traços levinasianos. Karla, sua companheira dos estudos em Meszáros, na época doutoranda do PPGEA-FURG, professora de História, uma das pessoas mais inteligentes e humildes que pude conhecer nas trajetórias da universidade. Jenny, pessoa inquieta, como todo educador popular deveria ser, recém-formada em Pedagogia, na época, aluna especial do PPGEA. Eu, Donatella, graduanda de Pedagogia, cheia de dúvidas e anseios sobre os estudos que iriam ser iniciados. Alguns buscavam se reencontrar, de outras vivências

---

<sup>2</sup> Estudiosos de Marx.

<sup>3</sup> Estudiosa de Marx através do próprio autor e de outros estudiosos que o estudam e escrevem obras tendo-o como base teórica.

na universidade. Outros, ainda em formação inicial sentiam-se integrados ao ambiente que aos poucos se formava com aquele grupo de professores.

Mais acolhedor foi o café com que Patrícia, professora do IE, nos brindava, com um carinho de uma cesta recheada: café, chá, biscoitos, coisas das quais eram irrelevantes, não fosse o sorriso de acolhimento dessa demonstração de carinho. Assim, já se apresentava o Arthur professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, campus Rio Grande, “homem dos números” como se intitulava, Engenheiro de formação, descrevendo que aos poucos se apropriava das compreensões sobre educação. Agradecia a cesta do “Zé Colmeia”, personagem que ele recordava de sua infância. Iniciava-se o primeiro encontro de estudos de um grupo que ainda não tinha nome, ou identidade, como dizia Arthur. Ao redor de uma grande mesa retangular nos acomodávamos. Já sabíamos que nosso estudo iria abordar a categoria trabalho, “Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho”, de Ricardo Antunes (1999) seria nosso primeiro desafio. Entender as amarras que o sistema capitalista impunha aos trabalhadores, assim entrelaçando nossas compreensões sobre a categoria trabalho e o próprio trabalho docente. Mais tarde, durante o processo de formação, empolgadas (pois éramos a maioria mulheres) desejávamos estudar “O Capital”. – Vamos estudar Marx direto na fonte! Arthur nos interpela com olhar mais objetivo: – Pensem... Às vezes nos pegamos lendo e relendo alguns conceitos apresentados por Antunes, imagina... O CAPITAL... Acalmem-se meninas...

Mais do que um grupo de estudos, fomos construindo uma identidade para além dele, nos constituíamos a Roda dos Sentidos, nome o qual Arthur relacionou com os estudos de Antunes e com os significados que iam constituindo-se naquele espaço. Se Paulo Freire pudesse, com certeza sairia daquela imagem estática e tomaria um cafezinho conosco. Mas certamente, suas palavras perpassavam nossos encontros, pelo legado deixado sobre o “sentido” de ser educador.

No início de 2012, ganhávamos uma nova companheira de estudos, Eleanor, a mais jovem da Roda, iniciava o trabalho conosco como se sempre tivesse dele participado, atenta, objetiva, neste ano, ingressando no Mestrado em Educação, juntamente com a Jenny.

Nossas quintas nunca seriam as mesmas depois daquela tarde de 31 de março de 2011.

Além da leitura desta crônica, ainda na tentativa de que o leitor possa elucidar melhor o contexto que constitui a pesquisa e o objeto de estudo que é a Roda dos Sentidos, segue uma

breve descrição sobre cada sujeito que a compõe. Consciente que esta é uma percepção sobre cada um deles e seus percursos, traçados no decorrer do movimento de formação docente.

Henriete é professora do Instituto de Educação – IE/FURG, membro da coordenação do NEEJAA, pesquisadora na área de Educação de Jovens e Adultos e formação de professores, membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU/FURG.

Karla é professora de história na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, formada em Pedagogia, mestre e doutora em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Atuou também como tutora na Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, no âmbito Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB.

Patrícia é professora do IE/FURG, mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre/RS e doutora em Educação Ambiental pelo PPGA/FURG.

Arthur é engenheiro, professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Rio Grande, doutor em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/FURG.

Jenny, pedagoga, formada pela FURG, membro do NEEJAA, mestre em Educação pelo PPGEDU/FURG, atua como professora na rede particular de ensino em Rio Grande, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Eleanor, pedagoga, também formada pela FURG e mestre em Educação pelo PPGEDU/FURG, membro do NEEJAA, atua como professora no ciclo da alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, na rede privada de ensino em Rio Grande.

Donatella é professora da rede pública de ensino, do estado do Rio Grande do Sul, atua no ciclo da alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, mestranda do PPGEDU e membro do NEEJAA. É o último sujeito a ser contado, autora da presente dissertação, escolhi o nome citado por ter um significado: Donatella foi esposa de István Mészáros, professora da rede pública e militante em defesa da escola das maiorias ou o que denominamos por educação popular. De forma singela, tento seguir os passos dessa mulher, que representa uma entre tantas que lutaram por uma educação para as camadas menos privilegiadas da sociedade.

**c. Retorno aos meus “Sentidos do Trabalho”... A busca por um sentido para o trabalho.**

Um dito popular relata “... o trabalho dignifica o homem”, durante muitos anos da minha vida esta foi a compreensão que tive. Era digno o homem que trabalhava dezoito horas por dia, encostado na parede de ferro do navio, o qual vigiava, protegendo-se do frio porto de Rio Grande. Era digno o homem que dormia o resto do dia que lhe restava, cuja companhia calmamente pedia silêncio às crianças da casa. Foi assim que aprendi o que era trabalho digno, aquele que dava o sustento à família. Portuário, meu pai foi o primeiro trabalhador que conheci sindicalista, lutava por um pouco de dignidade ao esforço diário que dispensava a tantos países que passavam por nosso porto representado por cada um daqueles navios.

Aos dezoito anos, tive o primeiro contato pessoal com um espaço de trabalho, salário mínimo, embora com curso técnico completo já aos dezessete anos. Era necessário ocupar o cargo que surgisse, filha de família humilde encontrar emprego em nossa cidade em uma época em que Rio Grande não recebia grandes empresas nem grandes investimentos, não era tarefa fácil. Era o ano de 1997.

A década de 1990 foi marcada pela privatização do porto de Rio Grande. No fim dos anos 1990, a cidade continuava sua estagnação econômica iniciada na metade da década de 1980, colocando-a nos índices das cidades com maior exclusão social e desigualdade do Brasil<sup>4</sup>. Somente a partir dos anos 2000 inicia-se um processo tímido de recuperação das vagas de trabalho com a revitalização da área industrial e mais tarde com a estruturação do Polo Naval.

Porém, minha trajetória como trabalhadora, iniciada no período de estagnação do mercado de trabalho em Rio Grande, me direciona a uma rede de supermercados, hoje multinacional. Não conseguia entender o porquê dos salários injustos, da carga horária de trabalho exaustiva e do trabalho sem sentido, pois o importante eram as vendas, as metas. Sempre questionava os patrões, em reuniões organizadas pela empresa, insatisfações que nunca eram ouvidas, mas o sentido de reivindicação, aprendido com meu pai, estava sempre presente em minhas palavras.

---

<sup>4</sup> De acordo com a pesquisa **O Polo Naval e Offshore e o desenvolvimento regional na Metade Sul do Rio Grande do Sul, 2013.**

Foi então que percebi que estava em um lugar que não me fazia feliz, um espaço imposto pelo mercado de trabalho escasso e que já não me satisfazia enquanto sujeito. Então, o que alguns poderiam dizer que, tardiamente, encontrei a docência. Sabia ensinar minha função exercida nos lugares onde trabalhei, ensinando a cada nova colega todos os passos a serem executados naquilo que era contratada para fazer, pois sabia todos eles. Fui me identificando com algo que não havia entendido como profissão a seguir em outros momentos.

De uma família de cinco irmãos era a segunda que terminava a graduação. As inquietudes em trabalhar com adolescentes e o discurso apaixonado de minha irmã mais velha sobre a docência nunca me cativaram. Até perceber que minha identidade era a Pedagogia, a ciência da educação, quando meu filho iniciava sua vida na escola, aos dois anos de idade, muito me questionava sobre várias atitudes e atividades propostas na escola de educação infantil onde ele vivenciava muitas horas do seu dia, já que eu era trabalhadora do comércio de Rio Grande durante 44 horas semanais.

Curiosa, iniciei um processo de leitura e pesquisa sobre a Educação Infantil e percebi que poderia fazer diferença na vida do meu filho, nos momentos em que comigo ele podia ler, desenhar e pintar o que quisesse, sem estereótipos, usar a imaginação. Não tinha opção de mudar de escola, sendo esta a que mantinha convênio com a empresa onde trabalhava. Foi assim que fui percebendo que poderia entender melhor o porquê a Pedagogia despertava, para mim, o sentido de mudança. Ao tentar realizar pequenas ações conseguia afetar de forma positiva a vida do meu filho, fazendo-o pensar sobre o mundo que ele vivia, já tão pequeno. Conseguia fazer esse movimento com meu filho, por que eu não podia então contribuir de forma mais efetiva para a sociedade como um todo, a partir do meu papel de Pedagoga a pensar a educação?

Durante a graduação fui me apropriando de algumas perspectivas e modos de pensar a educação, mas pensar na sociedade através dos fatos históricos e sociais, acreditando neste processo como transformador e aquele que contribui para que os sujeitos possam pensar de forma crítica, apoiados pela compreensão construída de forma reflexiva com relação ao mundo e buscando alternativas para modificar seu ser e estar no mundo, foi o que me mobilizou.

A garantia de que a profissão escolhida foi acertada está sendo construída desde a graduação, mas defino, pontualmente, essa certeza com uma breve Crônica de Sala de Aula

escrita por mim, com intuito de registrar alguns momentos vividos nos primeiros dias de aula do ano de 2013, momento que inicio minha inserção como professora em escola pública:

### **Alguns indícios de um bom começo...**

Era início do ano letivo de 2013, minha primeira turma, 3º ano. No dia anterior havia realizado uma reunião com os pais das crianças expondo minha formação acadêmica, Pedagoga, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rio Grande/ FURG. Necessária tanta formalidade? Não sei, acreditei naquele momento que daria maior segurança aqueles familiares se eles soubessem que meu maior desejo era estar ali com suas crianças, naquele processo de ensinar e aprender juntos. E que pra isso tinha dedicado alguns anos de estudo e ainda continuava buscando entender melhor a educação.

Então, naquela tarde um dia após a reunião entramos todos à sala de aula. Nos acomodamos. Estava prestes a iniciar o ritual da chamada quando, no meio da sala, um menino, chegado depois da turma já formada, por que sua mãe havia mudado ele de escola por ouvir que a professora do 3º ano era nova, pois a que fazia dezoito anos neste mesmo nível, havia saído da escola, e neste retorno ele levanta sua mão e pergunta: “ – Professora? O que é Pedagoga?” Friozinho na barriga. Pensei... Como explicar para crianças de oito e nove anos o que é ser Pedagoga? Pensei mais um pouco, a turma ali, me olhando com aqueles olhinhos estalados esperando uma resposta. Por que na escola, ainda é assim, o professor precisa saber das coisas, ou saber pelo menos como lidar com essas perguntas inusitadas. Precisa!?

Então iniciei: “ – Pedagogo é o cientista da educação, nós investigamos tudo o que diz respeito ao como aprender, como ensinar, os sentimentos dos professores nesses momentos, o dos alunos, e tantas outras coisas. É como o Biólogo, ele pesquisa a natureza, então por exemplo, ele pode pegar uma planta e tentar descobrir várias coisas sobre ela, colocar um pedacinho dela no microscópio e ir observando, até entender como ela cresce, do que ela precisa pra crescer, essas coisas... Nós, os Pedagogos, não usamos microscópio, usamos o diálogo, a observação, para descobrir algumas coisas sobre educação para ajudar a pensar melhor a escola, por exemplo.”

A turma neste momento, penso que até aliviada por eu não dizer que iria abrir a cabeça de ninguém, ecoa um “- Ah!” Aquele que todo o professor espera depois de uma determinada explicação. Ufa! Consegui.

Através desta crônica, busco ilustrar com este momento específico de aprendizado da docência, o quanto o meu sentido do trabalho se modificou durante a trajetória como trabalhadora. Da luta por melhores condições de trabalho no comércio, espaço privado, de um trabalho exaustivo e sem perceber neste um sentido para além do acúmulo de capital para o empregador, para uma vida cheia de sentido dentro do trabalho. A docência me mobiliza sentimentos e compreensões que são construídas com meus pares, colegas e crianças com os quais divido meu espaço de trabalho: a escola.

São essas compreensões que têm transformado meu sentido do trabalho e fomentado minhas inquietações e meu fazer docente na escola pública, tentando construir espaços de diálogo com meus pares, na tentativa de imersão das crianças em um novo pensamento sobre a sociedade que as cercam.

Neste sentido, tracei as primeiras linhas desta dissertação entrelaçando buscas por compreensões sobre o trabalho, momentos pessoais, algumas inquietações do início da carreira docente, minhas primeiras percepções sobre a formação docente, para fomentar as discussões que seguem. Salientando que, muito do que os possíveis leitores encontrarão, poderão ser questões tomadas e acesas pelo meu desejo por uma escola que possibilite o trabalho no coletivo com meus pares e que contribua respectivamente para meu trabalho coletivo com as crianças. E como meu “sonho possível”, constituído também no fazer docente dos meus colegas participantes da Roda dos Sentidos e de todos aqueles que ainda irei compartilhar a docência.

## **2. FORMAÇÃO DOCENTE: COMPREENSÕES TEÓRICAS ENTRELAÇADAS ÀS VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO COMO PROFESSORA EM ESCOLA PÚBLICA**

Pensar a formação de professores tem sido um movimento constante no que tange às melhorias na educação brasileira. As estruturas precárias das escolas públicas, a falta de verbas para recursos pedagógicos, a desvalorização profissional, são alguns aspectos que influenciam diretamente no trabalho dos professores. Tentando compreender como algumas dessas necessidades podem ser superadas a partir da formação de professores que busco entendê-la. Ainda assim, tento encontrar indícios que possam expressar que esta é apenas uma das premissas para atingirmos uma educação de qualidade no Brasil, mas não a única.

Segundo Azzi (2000), não se trata em acreditar que somente a qualificação dos profissionais da educação garantirá a qualidade da/na educação, mas para a prática de democratização da escola pública que tenha como objetivo um ensino de qualidade só irá se construir a partir também da qualificação dos profissionais que nela atuam. Desta forma, garante-se também, a permanência dos bons professores nas instituições públicas, bem como a atração de novos, para isso há a necessidade da valorização dos profissionais.

Imbernón (2010), expressa que historicamente a formação continuada de professores foi definida de forma individualizada, cursos em que o teor técnico no fazer docente era privilegiado. Somente a partir dos anos 2000 pensa-se uma formação continuada a partir de alternativas, em que o professor participa de forma mais reflexiva.

Os programas de formação continuada no Brasil apresentam três grandes características, genericamente identificadas pela: 1) descontinuidade no tempo, no espaço e nas políticas implementadas; 2) natureza modular de seus cursos de curta duração, presenciais e a distância, numa perspectiva de treinamento; e 3) clara desconsideração das contribuições dos profissionais diretamente interessados no seu desenvolvimento pessoal quando da definição, implementação e suspensão dos programas de formação. (LIMA, (2001) *apud* LIMA (2005, p. 19)

Espaços de formação continuada que não priorizam a continuidade do trabalho entre os docentes, realizadas em pequenos períodos, ou quando se dá no decorrer do ano letivo, com poucos encontros mensais, seria capaz de oportunizar a construção de um espaço do qual os professores sentem-se pertencentes? As relações dialógicas, as discussões entre pares, a construção dos saberes docentes, seriam concretizadas? Os professores ainda estão dispostos a passar horas em cursos em modelos de treinamento? Constroem sentidos à sua formação



quando não podem expor suas reais necessidades e contribuir para que se pense um espaço formativo significativo?

Desta forma, concordamos com Lima (2005), quando expõe as novas demandas da escola, que seriam importantes serem repensadas no processo formativo dos professores, para a referida autora, o professor hoje precisa estar preparado para atuar com “realidades heterogêneas”, de compreender que os alunos tem diferentes ritmos e formas de aprender, de entender que em muitos momentos a autoestima dos estudantes poderá ser desenvolvida nas relações em sala de aula, trabalhando com aspectos que fazem parte indiretamente dos conteúdos, como respeito, regras de convivência. Todo esse aprendizado para além dos conteúdos deve auxiliar para que as crianças, os jovens ou adultos, construam “significado científico, social e cultural”, em todos os conteúdos desenvolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Entendemos que o contexto de formação, onde se prioriza as questões técnicas, vai ao encontro de uma escola esculpida aos moldes de uma educação que prioriza a transmissão de conhecimento. É importante buscar meios para que possamos pensar em um modelo de escola diferente. Este movimento, ainda tímido, encontra muita resistência, principalmente no que tange aos docentes que já tem uma trajetória há muito construída, pois desacreditam que mudanças na escola possam trazer valorização profissional. Destacando aspectos que neste momento não serão desenvolvidos nesta dissertação, mas que estão diretamente ligados a este contexto de descrédito e desmotivação docentes. Alguns desses aspectos estão ligados ao comportamento dos alunos, à falta de participação das famílias e ao fracasso na escola como culpa do professor.

[...] se a formação não é acompanhada de mudanças contextuais, trabalhistas, de promoção de carreira, de salário, etc., pode-se “culpabilizar o professor”, até criar-lhe uma identidade enganadora, não se conseguindo, porém, transformá-lo em um profissional inovador. (IMBERNÓN, 2010, p. 40)

A mídia contribui para que se pense no professor como culpado pela incapacidade de transformação da educação. Interferindo de forma a sinalizar que as mudanças só são realizadas mediante auxílio de empresas privadas, buscando, assim, implantar o pensamento neoliberal no consciente coletivo.

Podemos citar como exemplo, as críticas realizadas por Lasier Martins, jornalista do Jornal do Almoço, da RBS, filiada da Rede Globo de Televisão, no ano de 2012, quando o concurso público para professores da rede estadual do Rio Grande do Sul reprovou mais de

90% dos docentes. Neste contexto, não foram considerados vários aspectos relevantes, como a questão econômica de grande parte dos professores que necessitam trabalhar em outros espaços diferentes da escola até o ingresso no concurso público, tendo pouco tempo disponível entre as horas de descanso e o estudo.

O Secretário de Educação do Rio Grande do Sul na época, José Clóvis de Azevedo, questionou a formação acadêmica dos docentes, em entrevista ao Jornal do Comércio de Porto Alegre, anunciou que o grau de exigência do concurso vem ao encontro de uma perspectiva interdisciplinar de educação, apontando a necessidade de discussão sobre a formação no ensino superior.

Assim como a repercussão de tal concurso público para o magistério do Rio Grande do Sul, outras questões entram em destaque de forma a defender o papel do professor como “salvador”, não importando as condições em que realiza seu trabalho, mas sempre destacando como este profissional necessita superar os desafios cotidianos.

Neste sentido, muitas são as matérias jornalísticas que apontam o auxílio de empresas privadas como transformador de algumas escolas, mas o que podemos perceber com um olhar mais atento é que são movimentos pontuais, como mudanças na estrutura escolar, na aquisição de materiais, etc. Não destacando aspectos realmente transformadores e que só poderão efetivar-se quando tornarem-se políticas públicas, como é o caso do direito à formação continuada dos professores, pensando a escola como palco principal dessas transformações.

Embora já percebamos inúmeros professores dedicando-se a propostas inovadoras e cheias de sentido, estes são profissionais que vivenciam essa jornada de forma muito particular e solitária. Muitos professores expressam o receio e a impossibilidade de verem-se em processo de mudança dos seus fazeres docentes.

## **2.1. Formação Inicial: anunciando de forma breve alguns aspectos relevantes**

A formação inicial dos professores através das licenciaturas se dá a partir da construção de conhecimentos mais amplos com relação à educação e mais específicos quando se remetem a cada campo do conhecimento, quais sejam, pedagogia, matemática, química, história, etc. A graduação direcionada à formação de professores pode ser o primeiro passo em direção à docência. É importante aos educadores, desde a formação inicial, reconhecer a

necessidade da busca permanente por conhecimento, com seus pares e também com seus alunos.

Com relação ao trabalho docente, Pimenta (2000) ratifica que a licenciatura deve desenvolver nos alunos a construção de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que contribuam para a construção permanente de seus saberes e fazeres, sendo que esses devem suprir as necessidades e encorajar para os desafios diários da docência.

Nossas experiências enquanto alunos, também são fontes de inspiração, assim, foram para Souza (2010), ao relatar que no início de sua carreira docente pode lembrar-se de seus professores e de suas particularidades, o que contribuía para que o referido autor fosse delineando suas primeiras atitudes em sala de aula. Com isso, pode constatar que nem tudo o que resgatamos das nossas memórias de alunos pode suprir nossas necessidades, enquanto professores, pois vivenciamos outro tempo histórico e a docência se modifica neste processo.

Pimenta (2000) ressalta que muito da nossa docência é reflexo da nossa experiência de estudantes, nesta trajetória, pudemos aprender quais especificidades docentes eram necessárias para que o saber do professor pudesse ser norteador dos nossos saberes enquanto educandos e educandas. Porém, é importante um exercício de reflexão crítica para que possamos adaptar o que vivemos ao contexto atual, ressignificando as experiências.

A docência passa também por esses aspectos, de resgate da história de uma profissão que foi se modificando a partir das necessidades, dos avanços e das mudanças nos processos de aprender e ensinar.

Assim, os cursos de graduação em licenciaturas avançam em direção a perspectivas de interação entre os professores já atuantes na escola e os licenciandos. Além dos estágios obrigatórios como parte do processo de formação, surgem alguns programas que contribuem para a inserção dos professores iniciantes no processo educativo dentro das instituições de ensino.

Um exemplo é o Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID), no qual os licenciandos têm a oportunidade de estarem inseridos nas escolas sob orientação de um professor da universidade em parceria com professores da rede pública de ensino. Participando dos planejamentos, realização e avaliação das aprendizagens dos alunos do ensino básico e também dos movimentos de formação oferecidos aos professores dentro desta parceria universidade e escola.

Albuquerque (2012) acrescenta que “é importante que os cursos de formação acadêmico-profissionais oportunizem espaços de investigação da prática docente na prática docente juntamente a um comprometimento com o papel do professor envolvido com as aprendizagens dos seus alunos” (p. 32). Desta forma, vivenciar o espaço educativo, perceber as premissas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem nas escolas, contribuem para que os licenciandos construam suas concepções sobre a docência.

Este aspecto da formação inicial é defendido por Pimenta (2000), quando assinala a importância da formação inicial articulada à realidade vivenciada nas escolas e à formação contínua. Salientando a potencialidade da união entre esses dois momentos da vida profissional dos educadores, que aprendem na relação da experiência com o entusiasmo e novos aprendizados sobre a educação.

## **2.2. Formação continuada: as reflexões sobre o tema e os avanços em busca de outros modelos de formação**

Torna-se relevante pensar na possibilidade de vivenciar processos de formação continuada que possam auxiliar os professores a constituírem-se no movimento dialógico, entre pares, orientados por referenciais que considerem relevantes aos contextos em que vivenciam seu trabalho. Neste sentido, apontamos as Rodas de Formação como metodologia que surge como possibilidade formativa, a ser construída, organizada e vivida, pelos professores, para que possam pensar através de seus estudos, seu contexto de trabalho.

A Roda de Formação dentro das instituições onde atuam os docentes pode ser uma forma de transformar os medos em possibilidades efetivas de vivenciar as mudanças dentro do processo de formação, desenvolvendo elos entre as necessidades formativas, pedagógicas e de solução de conflitos por dentro dos contextos onde os professores atuam, refletindo sobre sua prática entrelaçada a estudos de temas relevantes ao espaço específico de trabalho.

Ter um espaço para pensar a formação docente, em conjunto com os pares, viabiliza que os professores aprofundem o conhecimento sobre sua profissão e possam eles próprios descobrir modelos de formação e de trabalho, afirmando a importância das dimensões pessoais e organizacionais enquanto fortalecem sua comunidade profissional. (WARCHAUER, 2001, p. 201)

Constituindo suas trajetórias dentro da instituição onde atuam, organizando o trabalho de forma coletiva com a equipe da qual faz parte, os professores podem pensar juntos a realidade vivida no cotidiano escolar específico. Com isso, salientam as mudanças inerentes a

este contexto, pensada e efetivada por cada sujeito que compõe o corpo docente da escola, podendo assim, mobilizar os educandos também em prol dessas mudanças.

Freire (1996) defende que ensinar tem como uma de suas premissas *a convicção de que a mudança é possível*, ratificando que é saber fundamental compreender que as mudanças são difíceis, mas que é necessário entendê-las como possíveis. São essas mudanças que devem mover nossas ações político-pedagógicas enquanto docentes que somos, envolvidos na reconstrução dos sonhos dos nossos educandos.

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se [...] Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no *sonho* também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p.91).

E é neste sentido que percebemos as mudanças acontecerem no processo escolar, como sonhos possíveis, que emergem da esperança de educadores que a partir do momento que vivenciam espaços de troca e de aprendizagem no coletivo, compreendem essa metodologia como possível em sua prática pedagógica, modificando assim, o modelo de escola ainda tão defendido como único possível.

No exercício da profissão, cumpra-se faça a formação nos seus próprios lugares e tempos; no caso do educador, o tempo-espaço mais específico da sala de aula e da escola. Este é o mundo de referência de todo processo formativo. Em todas as suas instâncias, quer nas preparatórias, quer nas que se seguem a título de formação continuada, tudo se deve organizar e conduzir em função do ensino-aprendizagem mediado pela docência e pela escola. (MARQUES, 2000, p. 206)

O professor não é único responsável pelas mudanças necessárias na escola, mas é potencialmente aquele que pode mobilizar os outros agentes. Estando ele se constituindo em espaços formativos nos quais possa dialogar com seus pares, em prol da compreensão de suas necessidades e de sua comunidade aprendente<sup>5</sup>, torna-se sujeito ativo e não reproduzidor de modelos educacionais.

Pimenta (2007) contribui para pensarmos nas transformações necessárias a escola, entendendo os vários fatores que devem ser mobilizados para estas mudanças. Ela precisa ser

---

<sup>5</sup> Comunidade aprendente é um conceito trazido por Brandão (2005) para compreender que os sujeitos envolvidos nos processos educativos são todos os que diretamente vivenciam a escola (professores, funcionários, alunos, equipe diretiva) assim como a comunidade que vive ao redor da escola.

transformada, com certeza, na sua forma de gestão, na forma de organizar o processo de ensino e aprendizagem. Ela precisa ser transformada, portanto, no seu espaço e no seu tempo, nas suas relações com a comunidade.

O professor não inicia sua docência enquanto vivencia os primeiros anos de graduação. A universidade propicia inúmeros espaços para que este profissional vá se constituindo no decorrer de sua formação inicial, mas é a partir do início de sua atuação nas instituições de ensino que ele começa a traçar sua trajetória enquanto professor. Seus saberes e fazeres estão permeados por aquilo que vivenciou na formação inicial, mas o “chão da escola” é espaço complexo, cheio de significados, por isso afirmamos a necessidade da formação permanente.

E a escola, como espaço privilegiado para a formação, pode viabilizar a construção dessa nova relação com o conhecimento, consigo própria e com os outros, ao rever sua estrutura organizacional e inaugurar em seu cotidiano práticas sistemáticas de encontros, de trocas de experiências, de cultivo do belo e da sensibilidade solidária. (WARSCHAUER, 2001, p. 16)

Assim, estando os professores mobilizados, sentindo seu trabalho valorizado e sua formação continuada sendo construída por eles, pensando em seus cotidianos e suas problemáticas, associando-se a equipe diretiva e aos seus educandos, bem como à comunidade escolar como um todo, potencializa-se o movimento de mudança dentro da escola.

A escola, como o espaço de transmissão de saberes, precisa ser repensada, assim como a concepção de aprendizagem e de ensino, pois aprender significa questionar certezas pretensamente conclusivas e manter aceso o fogo da curiosidade, da criatividade; chama da vida. Por ser o local onde vivem os professores, a escola pode ser proposta como espaço privilegiado para sua formação. Apesar da usual programação restritiva do cotidiano escolar, há ainda brechas à inovação, à criação[...] (WARSCHAUER, 2001, p. 15)

Ensinar é tarefa que necessita de um movimento contínuo de reflexão, de compreensão teórica entrelaçada às vivências cotidianas. Alarcão (2010) destaca, “a noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores.” (p. 44) Assim, a referida autora vem defendendo a construção de professor reflexivo no contexto do seu cotidiano de trabalho. Fazendo emergir o conceito de escola reflexiva, defendendo que a escola é espaço de que necessita ser organizado de modo a criar “condições de reflexividade individuais e coletivas” (p.47).

Embora Pimenta (2012) faça uma forte crítica à concepção que foi disseminada no Brasil sobre o conceito de professor reflexivo, questionando que condições teriam os professores em nosso país de desenvolver a consciência social, econômica e política da atividade de ensinar, pois não têm condições para realizar essas reflexões, mediante as inúmeras problemáticas que perpassam seu cotidiano pessoal e profissional. A autora reafirma que a transformação da prática do professor deva se dar numa perspectiva crítica, evidenciando o contexto ao qual o professor realiza sua prática.

Ao ratificar a compreensão da importância de se formar professores que fazem uma reflexão crítica sobre sua prática pedagógica, Pimenta (2000) afirma que a perspectiva do professor reflexivo, faz a interlocução entre formação e profissão como constituintes dos saberes docentes, assim, “valorizam o trabalho do professor como sujeitos das transformações que se fazem necessárias na escola e na sociedade. O que sugere o tratamento indissociado entre formação, condições de trabalho, salário, jornada, gestão, currículo” (p. 30-31).

A docência foi constituída historicamente por lutas por melhores condições de trabalho, pelo reconhecimento profissional e social, e é exercício que fomenta a construção de uma sociedade mais justa, menos excludente, com momentos também de exaustão, mas com outros significados. Na luta pela efetivação de direitos, como por exemplo, formação continuada contemplada na carga horária de trabalho, hora atividade para professores dos anos iniciais e várias outras reivindicações.

Os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nomeados ou contratados pelo estado do Rio Grande do Sul, não possuem hora atividade, período em que deveriam dispor dentro da carga horária para planejamento, nem a formação continuada está inserida em seu tempo de trabalho, já que os professores necessitam realizá-la em outro horário.

A hora atividade é um período de 1/3 referente ao total da carga horária trabalhada pelo professor, disponível para planejamento e correção das avaliações que realiza com os alunos, uma das premissas da Lei nº 11738/2008. No caso dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, o que vem sendo discutido pelos estados que não concedem como direito esse período de hora atividade é que esses docentes recebem remuneração por exercerem sua atividade em uma única turma, a chamada unidocência.

Conforme o Centro dos Professores do Rio Grande do Sul - CPERS<sup>6</sup>, a hora atividade para professores dos anos iniciais, não é concedida porque ele é um único professor, mas

---

<sup>6</sup> Fonte: [http://www.cpers.org.br/index.php?&menu=1&cd\\_noticia=3760](http://www.cpers.org.br/index.php?&menu=1&cd_noticia=3760) acesso 06 fevereiro 2015

porque trabalha de forma multidisciplinar. Instituída através da Lei do Piso Salarial Profissional Nacional do Magistério, Lei 11.738/2008, não faz diferenciação entre os professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio, para conceder a hora atividade.

A discussão sobre o Piso Nacional do Magistério, ainda se mantém acesa, visto que cinco estados ainda não cumprem com a Lei 11738/2008, são eles: Amapá, Amazonas, Paraíba, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>7</sup>. Ainda assim, aqueles que assim o fazem, não cumprem a questão das horas atividades, que também faz parte dos direitos garantidos por esta lei.

Além do exemplo do Rio Grande do Sul, já citado anteriormente, podemos citar São Paulo, em que a Secretaria de Educação entrou com recurso, contra o posicionamento judicial que se manifestou favorável à solicitação do sindicato ao cumprimento da hora atividade, suspendendo a decisão tomada pelo judiciário em janeiro de 2012<sup>8</sup>. O governo de São Paulo argumentou que os dez minutos de intervalo entre uma aula e outra deveriam ser considerados como período para atividades extraclasse.

A categoria docente expressa suas insatisfações tentando fazer com que a sociedade compreenda as premissas para uma educação de qualidade, que a oportunidade de um lugar na escola para todas as crianças, jovens e adultos, tem se efetivado, mas que isso, não basta. A qualidade na educação passa pela salubridade da escola, pela valorização do trabalho do professor e pela conquista de outras tantas necessidades ainda não efetivadas, dentre elas a formação dos professores durante toda a carreira docente.

[...] A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser [...] (FREIRE, 1996, p. 66)

---

<sup>7</sup> Fonte: <http://noticias.terra.com.br/educacao/salarios-professores/> acesso 06 fevereiro 2015

<sup>8</sup> Fonte: [http://noticias.terra.com.br/educacao/sp-governo-ganha-disputa-com-sindicato-sobre-jornada-dos-professores\\_b30167ad5e8ce310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html](http://noticias.terra.com.br/educacao/sp-governo-ganha-disputa-com-sindicato-sobre-jornada-dos-professores_b30167ad5e8ce310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html) acesso 06 fevereiro 2015



A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, em seu título VI, que discute sobre os Profissionais da Educação, garante em seu parágrafo 1º a promoção por parte do Distrito Federal, dos Estados e Municípios, em regime de colaboração, a formação inicial e continuada bem como a capacitação dos profissionais do magistério. Fica evidente a preocupação não só com a formação inicial dos professores, mas também a formação continuada. Essa questão, porém, se efetiva em sua plenitude? Podemos considerar que todas as práticas vivenciadas no decorrer da nossa vida profissional são práticas de formação continuada pautada na construção da identidade, dos saberes e fazeres docentes de forma reflexiva?

No mesmo título, em seu artigo 67, a LDB 9394/96, destaca a valorização dos profissionais da educação, garantindo que lhes seja assegurada nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público, a efetivação do inciso V, em que destaca períodos de estudos incluídos na carga horária de trabalho dos professores. A quantos educadores e educadoras têm sido proporcionados momentos de reflexão dentro da instituição escolar? Como tem se configurado nestes espaços, movimentos de efetiva formação de professores? Quantos depoimentos ouvimos de profissionais que participam de reuniões de formação que acabam se restringindo a resolução de problemas administrativos?

A formação continuada que vivenciamos, enquanto professores da rede pública de ensino, está voltada à participação em eventos, formações com temas específicos destinados às resoluções de problemas do cotidiano escolar, como, por exemplo, inclusão escolar, violência na escola, etc. Temas importantíssimos, mas tratados de forma muito generalizada, com alguns docentes participando em momentos extremamente pontuais da formação.

Esse método de formação teria maior significado se houvesse interlocução com a prática vivida nas instituições, organizado de forma que os professores tivessem maiores períodos de tempo para dialogar e perceber como os outros colegas enfrentam essas problemáticas para, então, voltar para a sua instituição de origem com outras possibilidades de ação e novamente dialogar entre pares. Esse movimento de formação torna significativo o que é estudado e debatido durante todo o processo. E faz do professor sujeito reflexivo em sua formação.

[...] os programas da formação continuada assumem variadas formas. Podem desenvolver-se como cursos de duração maior ou menor, como oficinas, encontros, seminários, congressos, etc. Qualquer das formas, porém, deve supor a experiência gestada no exercício da profissão, para a ela regressar com o questionamento, com o convite à reflexão e com novos elementos que

enriqueçam o debate que dá vida aos coletivos da sala de aula, da escola, das comunidades educativas mais amplas. (MARQUES, 2000, p. 209)

Neste sentido, a formação continuada assume papel significativo na vida profissional do professor, dando sentido a suas compreensões, resgatando o sentimento de capacidade de intervir efetivamente no cotidiano da escola, assim como fazem, em sua maioria, de forma solitária na sala de aula. Porém, tal metodologia de formação continuada não deve sobressair-se à formação dentro da instituição onde o professor atua. Por concordarmos com Imbernón (2010), quando ressalta que a escola é sujeito e objeto da mudança, para que a formação seja entrelaçada às problemáticas centradas nos problemas práticos e que seja possível tornar-se o foco do processo “ação-reflexão-ação” e, por conseguinte, uma instituição autônoma.

### **2.3. Breves reflexões sobre as primeiras vivências de formação continuada**

Nos anos de 2013 e 2014, nos primeiros anos de trabalho na escola, pude experienciar a formação continuada de professores oferecida pelo Estado do Rio Grande do Sul. Como professora do terceiro ano do ciclo de alfabetização de crianças, integro-me à proposta do PNAIC – Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Um programa nacional, ao qual o estado gaúcho aderiu e tem como objetivo principal que, ao final do ciclo, todas as crianças até oito anos de idade estejam alfabetizadas, lendo, escrevendo e realizando as quatro operações matemáticas.

O “PACTO”, assim chamado pelas docentes <sup>9</sup> que dele participaram, constituiu-se nos referidos anos como formação de professores alfabetizadores a nível nacional. No ano de 2013, o foco dos encontros para formação era a alfabetização e o letramento, através do uso dos gêneros textuais. No ano de 2014, o foco passou a ser a alfabetização matemática, dando prioridade à ludicidade na construção desses conhecimentos.

O material disponibilizado pelo MEC, que compõe os cadernos pedagógicos possui textos importantes para o estudo e a compreensão de nossas práticas, de forma a intensificar o trabalho pedagógico com as crianças. O estudo coletivo dos textos desses cadernos foi relevante para entendermos o processo de alfabetização e alfabetização matemática.

Os espaços destinados ao diálogo entre as docentes deveriam ser ampliados de forma a reconhecer a importância das trocas de experiências dentro da formação continuada, fica

---

<sup>9</sup> Escrevo no gênero feminino, pois dos encontros que participei, apenas mulheres estavam presentes como professoras do ciclo da alfabetização.

evidenciada nesta prática a necessidade do diálogo entre professores em início de carreira e professores com uma trajetória construída no decorrer da docência, o que potencializaria o processo de formação.

Algumas oficinas sobre práticas que podem ser construídas com as crianças foram interessantes para que pudéssemos perceber outras formas do fazer pedagógico, compartilhando com colegas de outras instituições nossos saberes e fazeres. Embora, também fossem realizados em momentos pontuais, para ilustrar algum tema exposto pelas orientadoras de estudo.

Neste sentido, Pimenta (2000) destaca que [...] Os profissionais da educação, em contato com os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia, podem encontrar instrumentos para se interrogarem e alimentarem suas práticas, confrontando-os. É aí que se produzem saberes pedagógicos, na ação. (p. 26). Compreendemos dessa forma a constituição da carreira docente, pautada no diálogo que nos faz refletir sobre o entrelaçamento entre teoria e prática.

Porém, ainda há a necessidade da mudança do foco do que se estuda para quem o estuda e como este pode tornar-se significativo, Imbernón (2010), destaca a importância de rompermos com a compreensão de que a formação continuada é atualização científica.

Trata-se de abandonar o conceito tradicional de que a *formação continuada* de professores é atualização científica, didática e psicopedagógica, que pode ser recebida mediante certificados de estudo ou de participação em cursos de instituições superiores, de sujeitos ignorantes, em benefício da forte crença de que esta formação continuada deva gerar modalidades que ajudem os professores a descobrir sua teoria, a organizá-la, a fundamentá-la, a revisá-la e a destruí-la ou construí-la de novo. (IMBERNÓN, 2010, p. 47)

A formação ofertada pela 18ª Coordenadoria Regional de Educação – CRE, em parceria com a Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, com os municípios os quais abrange, no ano de 2013, apontou para uma tentativa de valorizar os saberes e fazeres dos professores, possibilitando que cada um pensasse os estudos proporcionados pelos materiais fornecidos pelo Ministério da Educação – MEC, de forma a compreender suas práticas, sendo suas perspectivas de ensino tradicionais, construtivistas, transformadoras ou que as professoras defendessem a mescla entre várias perspectivas.

Porém, os espaços proporcionados para o diálogo foram pontuais, em poucos momentos nos encontros, o que impossibilita até mesmo a construção da clareza para algumas professoras da perspectiva a qual desenvolve e busca defender. É importante salientar que esta

formação é a única realizada pela maioria das professoras, por que as escolas não possuem períodos de formação dentro da instituição onde atuam.

Fica evidente a importância das trocas de experiências e do diálogo entre pares, mas também a necessidade de dar continuidade a esses diálogos dentro das escolas em que os professores que vivenciam o mesmo contexto também têm muito a contribuir para pensar esse nível de ensino, visto que eles também estão relacionados com este período da vida das crianças de forma indireta.

### **3. RODAS DE FORMAÇÃO: OUTRAS PERSPECTIVAS PARA ANTIGOS DESAFIOS**

O capítulo que se inicia traz as Rodas de Formação como possibilidade metodológica ao trabalho docente, buscando destacar os aspectos que fortalecem a importância da formação de professores, defendida por Warschauer (2001), a partir de sua tese onde destaca que as Rodas potencializam o diálogo, a troca de experiências, a construção de conhecimentos com sentido. Lima (2011) salienta a perspectiva das Rodas como metodologia a ser vivenciada pelos próprios formadores, argumentando que, a partir desses movimentos, o educador pode exercitar o registro escrito que fortalece o diálogo entre pares. Da mesma forma, Souza (2010) salienta a importância da partilha dentro do processo de formação inicial dos licenciandos que se reúnem em Rodas.

Vivenciar a metodologia das Rodas de Formação torna-se significativo, faz do professor protagonista no seu próprio processo de reflexão sobre a docência e configura-se como possibilidade de repensar a formação de professores. Dialogar, expressar suas ideias, ouvir e internalizar a ideia do outro, são aspectos vividos nas Rodas de Formação.

Warschauer (2001) expressa a importância dos professores em participarem de formações em espaços dos quais se sintam pertencentes e que sejam construídos coletivamente, como é o caso das Rodas de Formação. A referida autora ressalta a Roda como “o símbolo para viabilizar o diálogo, a troca de experiências, a construção de conhecimentos com sentido para seus sujeitos”.

A metodologia das Rodas de formação parte do princípio de que o professor, sujeito que vive a instituição onde trabalha - juntamente com seus educandos, com outros trabalhadores em educação, com a equipe diretiva e com os colegas de profissão - é capaz de pensar sua formação entre pares. Com isso, perceber que suas angústias e conquistas podem, sim, ser partilhadas ao dialogar sobre seus contextos e buscar referenciais que auxiliem a pensar que tais problemáticas estão entrelaçadas ao contexto social que constitui o seu trabalho. Possibilita, então, ampliar suas compreensões acerca das situações vividas, encontrando estratégias coletivas de superação das angústias e de construção das conquistas.

As Rodas de Formação são constituídas, para que os professores possam pensar seu trabalho nas instituições de ensino a partir das necessidades emergentes nestes espaços. Esse movimento constitui-se como expressão da capacidade dos professores em vivenciar

processos de formação mais significativos. Fazem parte de sua organização, percebem suas problemáticas e buscam compreendê-las, para, assim, encontrar respaldo teórico para enfrentá-las e superá-las.

Cabe ressaltar que “a importância atribuída aos saberes vindo da experiência provoca a valorização do local de trabalho para a aprendizagem e a formação, no caso dos professores, as escolas: cenário de suas experiências profissionais.” (WARSCHAUER, 2001, p. 164) Saliento, assim, a relevância de, ao pensar na formação docente, considerar como foco central os espaços por onde transitam esses professores durante sua jornada profissional.

A formação continuada dos professores pode ser potencializada nas Rodas de Formação. Neste movimento, nos percebemos inseridos em nossa própria constituição docente, desenvolvemos identidade com a categoria de professores. Principalmente se a formação for vivenciada no espaço onde atuamos, pois também é importante criar elos e o sentimento de identidade neste grupo de trabalho.

Reconhecer que a docência é uma categoria profissional com suas particularidades, necessidades e conquistas historicamente construídas, requer novas formas de pensar a construção dos saberes e fazeres docentes. Somos profissionais interpelados por um contexto social de exclusão e marginalização social. Essas premissas interferem, diretamente, em nosso trabalho nas instituições em que atuamos.

Os espaços de formação por onde transitam os professores afetam significativamente suas perspectivas de ser educador. As palestras, simpósios, eventos aos quais os professores são convidados a participar, nem sempre oportunizam, porém, o diálogo e a participação efetiva. São falas de sujeitos que tem muito a acrescentar aos saberes e fazeres docentes, pois muitos deles possuem trajetórias significativas no campo da educação.

Embora sejam espaços que devido sua organização não possibilitam o diálogo de forma mais ampla, construído no decorrer do encontro, são importantes à construção da identidade de categoria docente, como Arroyo (2000) defende, são nesses momentos em que os docentes se encontram, em seminários, simpósios, palestras, que se reúnem com objetivos comuns, que se estabelece a compreensão da identidade coletiva de categoria profissional.

Salientamos que esses movimentos de formação contribuiriam mais efetivamente, se deles partissem o diálogo para dentro das instituições onde atuam os docentes. Retomando o tema exposto nestas palestras em encontros em que se estabeleçam espaços de diálogo entre

professores da mesma instituição, aproximando o tema tratado pelo palestrante ao contexto vivido no cotidiano das salas de aula.

A formação de professores há muito passa por enormes desafios. Tentar superar a perspectiva técnica, estimular os docentes ao estudo teórico e a compreensão de que este não está dissociado à sua prática, são apenas alguns. Não descartamos, aqui, a formação nos modelos expositivos citados acima, onde os professores assistem a palestras de pesquisadores ou especialistas em assuntos que também perpassam o cotidiano das escolas, como a psicopedagogia, psicologia e saúde. Porém, tantos assuntos acabam deslocando o foco da educação escolar, que é a apropriação de conhecimentos socialmente construídos no decorrer da história.

O professor sabe o que necessita conhecer, pois o cotidiano da escola é interpelado por todos esses temas, dessa forma, associar esses conhecimentos adquiridos em eventos expositivos torna-se significativo quando dialogado e pensando no contexto de trabalho dos professores. Neste sentido, as Rodas de Formação surgem como alternativa a um movimento de construção de saberes e fazeres com sentido aos sujeitos que delas participam.

Warschauer (2001) ratifica que defender a formação dos professores, através das partilhas entre pares, bem como, vivenciada dentro da escola, não significa excluir a rede de conversas com os especialistas e pesquisadores, pois seria renunciar ao movimento de articulação dos conhecimentos fundamentais que orientam a prática docente. A autora ainda destaca a importância da troca de saberes entre essas duas esferas educativas.

[...] É necessário que o diálogo e a abertura para a aprendizagem entre estas categorias profissionais se deem em reciprocidade e não reproduzindo a concepção de que os professores, como práticos, devem aplicar as teorias geradas pelos especialistas do meio científico acadêmico. (WARSCHAUER, 2001, p. 183)

Os estudos teóricos do que se tem pensado sobre educação são imprescindíveis no decorrer da formação docente, pois destacar a importância das pesquisas contribui para que os professores pensem e repensem seus saberes e fazeres docentes. As Rodas de Formação contribuem para que os professores possam refletir sobre esses estudos, levando em conta suas realidades de trabalho.

Lima (2011) compreende a relevância das Rodas de Formação sem negar a importância dos espaços individuais; entende a formação envolvida no contexto coletivo, destacando as Rodas como “opção político-epistemológica e não apenas metodológica”, como espaços de reflexão e de construção de ações educativas que possam contribuir para a prática

pedagógica dos educadores e educadoras envolvidos. Rodas que se constituem, para além do círculo, como espaços de efetivação da constituição docente.

Neste sentido, torna-se importante que as Rodas sejam compostas pelos grupos de educadores e educadoras dentro das próprias instituições de ensino. Cada contexto necessita dialogar sobre questões específicas. Constrói-se a identidade de grupo, a partir do significado que cada um atribui à sua formação dentro do espaço onde atua. Na medida em que vão sendo compartilhadas experiências no contexto comum, construindo outras concepções sobre a docência, essa aprendizagem pode abrir-se ao debate em outros espaços e com sujeitos distintos, de diversas instituições, dialogando com os colegas, a realidade vivida em diferentes contextos, (re)significando os espaços de formação mais amplos.

Ressaltamos a importância dos espaços formativos dentro de cada instituição, possibilitando pensar que a formação de cada grupo de educadores emerge pela necessidade de também compreender sua docência neste espaço especificamente. Por isso, cada Roda é única, e se constitui pelo grupo de pessoas que dela fazem parte.

Outra possibilidade é a reunião de professores de diversas instituições, reunidos pela necessidade de um estudo específico, mobilizados por referenciais de interesse do grupo todo, entrelaçam os avanços teóricos aos desafios que buscam superar no seu contexto de trabalho, compartilhando as questões com seus pares, encontrando outras experiências que possam contribuir para a solução de suas problemáticas.

Segundo Warschauer (1993), a Roda é a abertura para o novo, porque ao reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras diversas de pensar e sentir, o diálogo que emerge neste contexto não obedece a uma lógica linear, é atravessado pelos significados que os temas estudados despertam em cada um de forma diferenciada.

Cada Roda descobre como melhor realizar seus estudos, como iniciar o movimento dos encontros, como estabelecer o processo dialógico. As particularidades se entrelaçam e formam o sentido de Roda. Os indivíduos passam a fazer parte deste grupo, atribuindo sentido e sentimentos às vivências neste espaço que ultrapassam os estudos e a formação, mas ao mesmo tempo não se perde o objetivo principal que é pensar a formação docente, impregnados pelos estudos a que se propõem.

São nas Rodas de Formação que os estudos e diálogos reflexivos sobre a docência alcançam outros significados, “alguém narra uma experiência, (com)partilhando-a na Roda, outros interlocutores podem dela apropriar-se por inteiro e, ainda assim, a experiência retorna



para o narrador ressignificada” (SOUZA, 2010, p. 18), neste sentido, as Rodas configuram-se como espaços diferenciados de pensar e construir a docência, ao compartilharmos um pouco de nós com o outro e percebermos, neste movimento, nossa própria reconstrução.

As Rodas configuram-se como espaços diferenciados de pensar e construir a docência, compartilhar saberes e fazeres docentes com nossos pares faz emergir o sentimento de coletividade.

As Rodas de Formação se destacam pela qualidade das partilhas entre os participantes. Nessa Roda, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Essa configuração, com o objetivo de formar-se formando, nos mostra a possibilidade de construção de um espaço em que as aprendizagens se constroem por meio da relação entre os sujeitos. (ALBUQUERQUE e GALIAZZI, 2011, p.388)

Torna-se necessário aprender com a experiência de outro professor a partir de um diálogo sobre as problemáticas vivenciadas no cotidiano da sala de aula interpelados por estudos teóricos que façam pensar sobre o contexto vivido. Constituir-se professor em espaços nos quais nos sentimos acolhidos a expressar nossas angústias, levantamos questionamentos, potencializamos o diálogo e construímos propostas de enfrentamento às problemáticas vividas, expressa o sentido de mudança no que tange à formação de cada professor que participa desta prática. Ampliando significativamente nossos saberes docentes e afetando positivamente nossos fazeres em sala de aula, dando sentido a nossa formação como profissionais capazes de nos refazermos a partir do que Freire (1996) defende, a reflexão sobre nossa ação.

Fora desse contexto de partilha, o professor é trabalhador solitário, em sua sala de aula, permeado por desafios cotidianos, muitas vezes, sente-se incapaz de encontrar soluções para as problemáticas vividas. Por ser cada grupo de alunos diferentes uns dos outros, aparentemente torna-se difícil compreender o contexto se não é vivido. Assim, o professor se isola na resolução de problemas.

As Rodas de Formação tornam possíveis as proximidades dos contextos vividos por diferentes professores. Mesmo que seja em uma única instituição as particularidades dos grupos de alunos são diversas, nos encontros essas diversidades podem se aproximar, a partir dos relatos e do movimento de partilha dos saberes e fazeres docentes de forma a construir uma identidade de grupo, além de contribuir para o resgate do sentido de categoria profissional.

Neste sentido, concordamos com Albuquerque e Galiazzi (2011) ao ressaltarem que as Rodas de Formação são espaços que retiram o professor do isolamento tornando-os sujeitos pesquisadores de sua prática, o que contribui para sua formação e para a formação de seus pares, sejam eles professores ou alunos.

A docência é profissão que por tratar da formação de sujeitos no cotidiano do seu trabalho, tem sido culpabilizada pela sociedade pelos diversos fracassos sociais desses sujeitos que forma. Os índices atingidos pelas avaliações externas têm aguçado olhares em torno do trabalho do professor na escola, os dados são analisados pelo aspecto quantitativo, sem que se considere os contextos em que estão inseridos os alunos.

Quando os alunos atingem um índice de avaliação considerado aceitável, salienta-se o trabalho do professor como satisfatório. Se esse índice é atingido por uma escola sem estrutura física, sem condições de trabalho, sinaliza-se como se fosse possível isso acontecer em qualquer contexto, sem considerar a forma precária como esse educador realizou o seu trabalho, mas salientando somente sua conquista.

A culpa do fracasso é direcionada aos professores porque lidam diretamente com as aprendizagens na escola. São responsáveis diretos pelos resultados nos índices de avaliações nacionais, que nem sempre condizem com os avanços que o professor tem conseguido atingir com as crianças, pois as avaliações externas, como por exemplo, a Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA, é construída e aplicada por sujeitos que não pertencem ao contexto das escolas.

Neste sentido, coloca-se a margem a função social da escola de auxiliar na construção de sujeitos que entendam a sociedade em que vivem e suas premissas de exclusão e marginalização social. Para aqueles que mexem nas engrenagens do capitalismo, fomentar outras perspectivas de formação dentro da escola, constitui-se na formação de sujeitos que buscarão direitos dos quais os donos do capital não estão interessados em suprir.

Assim, os poderosos capitalistas contam com a mídia para fomentar um discurso de culpabilização dos professores, que trabalham por salários irrisórios, a fazer sua função por amor. Procuram relatos de professores que cansados de esperar pela concretização de políticas públicas para a realização de seu trabalho, encontram soluções alternativas, para atuar com seus alunos na construção do conhecimento. Muitas vezes reafirmando as premissas da concretização de um bom trabalho, apenas como responsabilidade do professor e/ou da escola.

Contraria-se, assim, a perspectiva freireana de amorosidade na profissão, por que amorosos, os educadores e educadoras têm o compromisso de construir a educação como ato político. Neste sentido, o professor “permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos”. (FREIRE, 1996, p. 142).

Os próprios professores acabam por culpabilizarem-se por traçar diversos caminhos teóricos no decorrer da história (muitas vezes de forma equivocada) que nem sempre alcançaram os objetivos desejados. Mas esquecem de que foram traçados a partir de programas pontuais de governos, implantados para que os professores como técnicos os aplicassem.

Partilhar esses anseios no coletivo de professores constitui-se como o resgate da capacidade dos docentes em perceberem-se sujeitos em formação permanente e não como únicos sujeitos responsáveis pela resolução das problemáticas da educação.

Compreender o trabalho docente através do diálogo com seus pares torna significativo o processo de formação. Nas Rodas de Formação este objetivo amplia-se no sentido de entender que este profissional é sujeito em formação permanente<sup>10</sup>.

[...] a ideia do educador como alguém que não está pronto e acabado, pois não nasce professor, mas se constitui à medida do exercício de sua prática e da reflexão sobre ela, remete à formação permanente de professores como algo inalienável à docência. Depreende disso a compreensão do educador como alguém capaz de construir conhecimento sobre ser professor. (LIMA, 2011, p. 57)

Além disso, são nas vivências entre pares que os professores constituem sua docência. Alguns com uma trajetória já construída, mas que percebem suas necessidades formativas ainda latentes. Outros, iniciando o processo de construção do ser professor, compreendendo os desafios que pretendem superar, mas que muitas vezes desconhecem os caminhos. A união entre essas duas categorias de professores estabelecendo elos entre o entusiasmo do início de carreira e a visão da experiência, é um movimento que se torna significativo quando dialogado e construído nos espaços das Rodas de Formação.

O movimento de troca de saberes e experiências entre professores em diferentes fases da vida profissional fortalece a categoria, deixando a margem estereótipos criados pelos

---

<sup>10</sup> Utilizo o conceito de formação permanente compreendendo que a profissão docente constitui-se no decorrer da vida do professor, conforme destaca Lima (2011).

próprios professores, a resistência ao novo, quando chegam à escola os recém-formados e o sentimento de onipotência dos jovens educadores, acreditando terem a solução para todas as problemáticas da escola. Pensar a profissão docente estabelecendo este elo entre todos os professores, cada um com sua particularidade, mas compreendendo o outro, é um movimento profícuo à formação de professores na escola.

Ter um espaço para pensar a profissão docente, em conjunto com os pares, viabiliza que os professores aprofundem o conhecimento sobre sua profissão e possam eles próprios descobrir modelos de formação e de trabalho, afirmando a importância das dimensões pessoais e organizacionais enquanto fortalecem sua comunidade profissional. (WARSCHAUER, 2001, p. 201)

Neste sentido, as Rodas de Formação surgem como alternativa, como espaço diferenciado, construído no coletivo, capaz de estabelecer elos significativos dentro das instituições onde os professores trabalham. Fortalecendo a categoria docente e contribuindo para a construção de espaços de mudança e de transformação na escola e quem sabe na educação como um todo.

#### **4. DISCUSSÕES SOBRE TRABALHO E TRABALHO DOCENTE, CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS NAS RODAS DE FORMAÇÃO.**

No presente capítulo busco apresentar algumas reflexões acerca dos avanços que foram possíveis serem realizados a partir dos estudos no contexto da Roda dos Sentidos e os que pude ter acesso no processo de pesquisa durante o decorrer do mestrado e no diálogo com pessoas que contribuíram, significativamente, com a referida pesquisa através de alguns apontamentos e indicações de alguns teóricos.

Estudar a categoria trabalho através das premissas da sociedade capitalista da qual fazemos parte, fez com que os sujeitos da Roda dos Sentidos pudessem avançar nas compreensões sobre o trabalho docente, pois auxiliamos na formação de trabalhadores que terão sua mão de obra explorada pelos donos do capital.

A categoria trabalho neste texto está orientada por Antunes (1999), quando apresenta a classe-que-vive-do-trabalho-hoje, como uma categoria de trabalhadores que sofreram com as metamorfoses do mundo do trabalho. Segundo o referido autor, inserem-se nesta categoria todos aqueles trabalhadores que vendem sua força de trabalho em troca de salário, sendo incluídos nesta categoria os trabalhadores parciais precários, os temporários, os subcontratados, os terceirizados, além dos desempregados, que contam como mão de obra reserva.

Neste contexto, compartilhamos a compreensão de que os professores têm seu papel educacional afetado diretamente pelas premissas do capitalismo. Torna-se importante então, que se envolvam no processo de apropriação das amarras desse sistema em prol da recuperação do sentimento de capacidade de seus educandos, principalmente, os estudantes de escolas e instituições públicas, em sua maioria, marginalizados socialmente.

Por isso, os docentes que buscam realizar práticas pedagógicas cheias de sentido em busca da efetivação da emancipação dos sujeitos, são desvalorizados pela própria sociedade. Estando totalmente envolvidos por um processo histórico de alienação, as pessoas que compõem nossa sociedade não conseguem perceber o quanto o trabalho dos educadores contribui para a permanência ou para a mudança de perspectiva do sistema societário vigente.

O conceito de alienação entendido neste contexto refere-se ao concebido a partir dos estudos marxistas, em que o sujeito trabalhador torna-se objeto de seu trabalho quanto mais vida ele põe nesse objeto. Segundo Marx (1982) “ele não é o que é o produto do seu

trabalho”, a vida que o trabalhador cedeu à produção lhe é, assim, estranhada, alienada. Neste sentido, Freire (1987) destaca a importância dos processos educativos emancipatórios, para que os trabalhadores e trabalhadoras compreendam-se inseridos em um processo produtivo, mas sem deixar de “ser humanos”.

Compreender a categoria trabalho dentro desta sociedade torna-se imprescindível aos professores e seus educandos, pois esses podem unir forças na busca pela transformação social. Quando o professor entende seu papel de interlocutor entre o conhecimento e a capacidade dos educandos em prol das “mudanças possíveis” (FREIRE, 1996, p. 76), pode auxiliar na percepção de outro paradigma social.

Porém, para que os professores possam interferir na formação de seus educandos, necessitam ter a compreensão do que seria essa mudança a qual Freire (1996) defende e as formas possíveis de atingi-la, entendendo-se sujeito autônomo na construção de seus saberes e fazeres.

Mas está o professor capacitado a exercer sua autonomia? Consegue, no entorno de tantos “incêndios” no cotidiano escolar, criar estratégias para tornar-se emancipado? Entende a relevância de sua emancipação para assim, trabalhar à emancipação dos seus educandos? O trabalho docente conforme se estabelece hoje, no cotidiano do professor, o torna emancipado?

Alguns questionamentos emergem ao pensarmos sobre a docência, a formação e a escola, é necessário refletir sobre eles, tentando, compreender as “amarras” que o sistema capitalista tem imposto ao trabalho dos professores.

Neste sentido, a formação docente necessita ser tema emergente no contexto da escola. Os professores envolvidos com tantos conflitos dentro das salas de aula necessitam de tempos e espaços de diálogo e de escuta, para instituir em seu cotidiano, formas diversas de compreensão daquilo que é vivenciado no contexto da escola. A resolução de problemas não deve ser vista como algo pontual, pois afeta diretamente na vida profissional dos professores envolvidos. Principalmente no que tange a valorização docente.

As Rodas de Formação emergem como possibilidade da efetivação da construção dos saberes e fazeres docentes, resgatando os sonhos mais esquecidos pelos professores que vivenciam historicamente a luta pela valorização da categoria.

Warschauer (2001) destaca em uma de suas experiências de formação com professores, quando utilizava imagens de âncoras, barcos, vulcões, de forma ilustrativa para que os professores pudessem refletir sobre o sentido do seu trabalho, percebeu que muito do

que eles expressavam através daquelas imagens eram o antagonismo “entre a liberdade de formar-se e a institucionalização da formação”. Ao mesmo tempo em que os depoimentos perpassavam pelo sentido de “estar no mesmo barco”, a referida autora percebia a importância da formação no contexto da instituição. Por que se considerarmos a formação como aquela a qual o professor tem liberdade de vivenciar a partir de seus interesses e buscas pessoais, quando esse movimento pode ser possível? Pois este profissional vivencia condições precárias de trabalho, com baixos salários que o leva a ter jornadas duplas, impossibilitando a busca individual pela formação.

Neste sentido, a conquista de tempos e espaços de formação dentro das instituições torna-se importantes à vida profissional dos professores. As Rodas de Formação surgem, neste contexto, como possibilidade formativa, envolvendo docentes e educandos em prol das mudanças nas/das instituições educativas.

O resgate da capacidade de sonhar dos educadores e educandos se estabelece como necessário à luta pela construção das “mudanças possíveis”, às quais, Freire (1996) compreendia como exigência ao ensinar. Para o referido autor, “a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” (FREIRE, 1996, p. 79). Assim, adentrar aos estudos que nos fazem entender os processos de opressão vivenciados na sociedade da qual fazemos parte, torna-se o primeiro avanço na busca pela emancipação.

Concebem-se nossos sonhos como encorajadores às novas lutas e conquistas, anunciando a inquietação e reafirmando a mobilização das camadas sociais mais desfavorecidas associadas às diversas categorias de trabalhadores desvalorizados, dentre elas a categoria docente, em prol da concepção de um novo modelo de sociedade, mais justo, menos excludente.

Estando os professores em contato com crianças, jovens e adultos em seu processo de trabalho nas escolas e outras instituições de ensino, necessitam compreender a realidade social em que estamos inseridos enquanto sujeitos históricos. Estudar a categoria trabalho a partir dos referenciais marxistas nos faz compreender as “amarras” que interpelam o próprio trabalho docente.

Estando a escola imersa na sociedade do capital foi historicamente construída para instituir o modelo de sociedade a ser vivido, introduzindo no cotidiano dos sujeitos, modos de ser e estar nesta sociedade a partir da educação institucionalizada.

Segundo Mészáros (2005), a educação, historicamente institucionalizada foi se constituindo como método de “internalização” dos valores dominantes, tornando os ideais dessa classe aqueles a serem seguidos, como forma de manter em desenvolvimento a máquina produtiva em prol do capitalismo.

A questão crucial, sob o domínio do capital, é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Em outras palavras, no sentido verdadeiro amplo do termo educação, trata-se de uma questão de “internalização” pelos indivíduos (...) da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas “adequadas” e as formas de conduta “certas”, mais ou menos estipuladas nesse terreno. (MÉSZÁROS, 2005, p. 44)

A partir disso fica evidente que ao sistema societário em que vivemos não é conveniente à emancipação dos sujeitos, porque assim, compreenderiam a realidade vivida e se tornariam militantes da construção de um modelo societário mais justo. Na visão capitalista, é necessário que esses sujeitos permaneçam “internalizando” a forma de ser que lhes é imposta pela categoria social dominante, “ocupando” lugares sociais demarcados por tal categoria. Este modo de compreender o sistema societário reflete na concepção dos sujeitos com relação ao seu lugar nessa sociedade. Um sujeito sem opções de deixar de ser marginalizado socialmente acaba, conforme as definições de Freire (2011), “fatalizando-se” e assumindo a identidade de “oprimido”.

Neste sentido, não estaria mais preparado o professor que compreende, estuda e articula suas ideias de forma a pensar o sistema no qual vive? Teria este educador a possibilidade de fazer de sua sala de aula espaço de discussão e compreensão da sociedade em que vivemos sem a construção de espaços para o diálogo? Como a escola pode transformar-se em espaço dialógico?

A sala de aula é espaço de construção da consciência de ser sujeito nesta sociedade, ativo, com direitos e deveres, mas principalmente com a capacidade de transformar-se. A emancipação é conceito chave na luta pelos direitos de sermos sujeitos que compreendem nosso ser e estar no mundo e na sociedade da qual fazemos parte.

A docência foi e é construída historicamente pela busca do reconhecimento da profissionalização e valorização da categoria, como destaca Arroyo (2000) “nosso ofício carrega uma longa memória” (p. 17) e por estar inserida em um sistema societário que valoriza a “produção” de conhecimento pela quantidade de educandos e educandas que



conseguem se adaptar aos sistemas escolares doutrinários, cada vez mais somos questionados por nossa prática pedagógica, principalmente por nossas metodologias.

Por este motivo que Antunes (1999), ao discutir sobre a classe-que-vive-do-trabalho nos inquieta, quando afirma que do ponto de vista do processo de produção capitalista, no sistema societário vigente, fazemos parte da categoria de trabalhadores improdutivos, juntamente com os trabalhadores no setor de serviços, bancos, comércio, turismo, nós enquanto profissionais do serviço público, não gerando mais valia<sup>11</sup> diretamente, fazemos parte dessa categoria.

Os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviços, seja para uso público ou capitalista, e que não se constitui como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo no processo de valorização do capital e de criação de mais-valia. (p. 102)

De forma direta, o trabalho dos professores não gera mais-valia e por isso, é compreendido como improdutivo. Nós, profissionais da educação, geramos mais valia indiretamente ao formar um profissional que irá assumir o papel de sujeito trabalhador na indústria, por exemplo, onde o emprego da força de trabalho gera mais-valia. Neste sentido, buscamos ser reconhecidos não só pela formação de sujeitos trabalhadores e capazes de gerar lucro dentro do sistema capitalista, o trabalho dos educadores e educadoras está para além da formação de indivíduos para o mercado de trabalho, somos sujeitos envolvidos na formação do “ser humano” e na luta por sua emancipação.

A formação não significa apenas aprender mais, inovar mais, mudar mais [...] mas pode ser uma arma crítica contra práticas laborais, como por exemplo, a hierarquia, o sexismo, a xenofobia, a proletarização, o individualismo, etc., e pode promover uma formação centrada no combate a práticas sociais como a exclusão, a segregação, o racismo, a intolerância, entre outros. (IMBERNÓN, 2010, p.46)

Neste sentido, a formação de professores destaca-se como importante no contexto social e histórico de necessidades de mudanças no âmbito educacional, na luta por políticas públicas de formação efetivas, constituindo-se como espaço de diálogo e de construção de conhecimento e principalmente, de valorização profissional.

---

<sup>11</sup> Segundo Marx (1865), a mais-valia é o trabalho excedente, ou seja, dentro da carga horária do trabalhador, existe um tempo de trabalho comprado pelo capitalista que o trabalhador exerce sua força de trabalho e existe um tempo de trabalho que excede o tempo vendido pelo trabalhador, daí constitui-se a mais-valia.

## 5. UMA PROPOSTA METODOLÓGICA INSPIRADA NA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

O presente capítulo é motivado pela narrativa dos caminhos traçados no movimento de pesquisa e da escrita desta dissertação de mestrado. Ao vivenciarmos espaços diferenciados de formação de professores cada vez mais nos sentimos imersos no objeto de estudos que são as Rodas de Formação, percebendo suas diferenças e suas possibilidades dentro da perspectiva de diálogo e intensa troca de experiência entre os sujeitos que delas participam, tornando o movimento de formação mais significativo.

A Roda dos Sentidos, como **objeto de estudo** da presente pesquisa, emerge como espaço diferenciado de formação. São os participantes desta Roda em específico, os **sujeitos da referida pesquisa**.

Sete professores fizeram parte da Roda dos Sentidos durante o percurso percorrido nos dois anos de formação que foram analisados nesta pesquisa. Os nomes utilizados para identificar os sujeitos foram escolhidos por cada um deles, em reuniões da Roda ou em conversas informais.

No ano de 2011, iniciava o movimento de estudo e formação na Roda dos Sentidos, inicialmente vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, como forma de continuidade aos debates realizados durante a disciplina de Relações sociais e a lógica capitalista, por alguns dos componentes do grupo que sentiram a necessidade de continuar os estudos dos referenciais marxistas. Logo se juntaram a esses professores, outros interessados neste mesmo estudo. No primeiro ano de formação, participaram cinco docentes e uma graduanda em Pedagogia:

Arthur, professor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, campus Rio Grande, Engenheiro, realizando sua pesquisa para obtenção do título de doutor em Educação em Ciências. Durante o processo de estudo e formação na Roda dos Sentidos, contribuía significativamente com sua experiência vivida no chão da fábrica antes de entrar na área da educação. Ao escolher seu nome pediu que fosse um nome pequeno, sugeriu assim, identificar-se por Arthur.

Henriete, professora do IE/FURG, do PPGEA/FURG, na época foi professora da disciplina Relações sociais e a lógica capitalista. Já havia experienciado o estudo em grupo da obra de István Mészáros, “Para além do capital”, aguçando em alguns alunos o interesse pela

continuação nos estudos, mobilizando assim a construção do espaço de formação que se constituiu a Roda dos Sentidos. No primeiro ano da Roda ingressava no corpo docente do PPGEDU/FURG.

Karla, tutora da Educação a Distância, no curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, pela FURG, realizava no ano de início da Roda dos Sentidos, sua tese de doutorado na Educação Ambiental, pelo PPGEA/FURG, juntamente com a Pedagogia à distância. Também estudiosa de Mészáros, buscava aprofundar os estudos em Marx. Com sua primeira graduação em História Licenciatura, no ano de 2012, insere-se na rede estadual de ensino como professora dos anos finais do ensino fundamental. Filha de pescador buscava sempre questionar-se com relação às premissas do capital que interferiam diretamente na vida dos trabalhadores que tiravam seu sustento da pesca artesanal.

Patrícia, professora do IE/FURG iniciou sua carreira docente na rede municipal de ensino em Rio Grande, como docente de Língua Portuguesa, acreditando na proposta metodológica teatral como fonte de aprendizado de seus alunos, construiu sua tese de doutorado pelo PPGEA/FURG, ao mesmo tempo em que concluía sua segunda graduação em Pedagogia Licenciatura à distância.

Jenny, Pedagoga, licenciada pela FURG, como aluna especial do PPGEA em 2011, ingressando no mestrado em educação pelo PPGEDU/FURG em 2012. Filha de comerciantes no noroeste do estado do Rio Grande do Sul inquietava-se com as amarras do sistema capitalista, questionando o papel de sua mãe neste contexto.

Donatella, durante o ano de 2011 terminava o curso de Pedagogia pela FURG, iniciou a participar da Roda dos Sentidos pelo interesse em estudar os referenciais marxistas nos quais se inseriu a partir do projeto de pesquisa vinculado ao Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos – NEEJAA/FURG, “Alfabetização e Educação Ambiental: no rastro dos discursos de professoras alfabetizadoras”. Trabalhadora do comércio antes da entrada na universidade pode contribuir com suas experiências neste setor do sistema capitalista.

Eleanor, Pedagoga, formada pela FURG, inicia sua participação na Roda dos Sentidos em 2012, quando se insere como aluna regular do PPGEDU/FURG. Fazendo reflexões importantes quanto à formação inicial de professores entrelaçada aos estudos dos referenciais marxistas.

Através do panorama traçado da situação acadêmica de cada um dos componentes da Roda dos Sentidos, destacamos o porquê da escolha desses dois anos de formação como

recorte de tempo para análise do material escrito produzido pela Roda, aqui denominado de Portfólio: ano de 2011, levando em conta a importância do início da história da Roda e o ano de 2012, considerando que neste ano houve mudança na estrutura, com a chegada de uma nova componente.

O movimento da Roda de Formação oportunizava que os professores pudessem compartilhar as expectativas e questionamentos sobre o trabalho que realizavam nas instituições onde atuavam. Assim, os componentes da Roda dos Sentidos estudavam a categoria trabalho e faziam relações com o trabalho docente na sociedade capitalista na qual estavam inseridos.

A investigação realizada neste estudo está apoiada nos princípios da **pesquisa qualitativa**, tendo como **fenômeno os registros escritos pelos sujeitos pertencentes à Roda dos Sentidos**. Busca-se responder a seguinte questão de pesquisa: **que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos?**

Para responder a esta questão investigamos as escritas realizadas pelos sujeitos da Roda dos Sentidos no chamado portfólio coletivo. De forma alternada, um dos componentes do grupo escreveu sobre cada encontro para explicitar os debates recorrentes dos estudos sobre a categoria trabalho e as impressões sobre os momentos que foram vivenciados em Roda. A cada semana um dos sujeitos da roda ficava responsável pelo registro escrito, assim, todos os componentes da Roda dos Sentidos escreviam no portfólio, pois a escrita era intercalada entre todos os sujeitos.

Acreditando que a prática da escrita foi um espaço de reflexão sobre os estudos realizados pela Roda, o portfólio coletivo, escrito a cada semana por um dos integrantes do grupo sobre cada encontro, foi o corpus de análise da presente pesquisa. Compreendendo o significado deste movimento de estudo vivenciado na Roda, o objetivo desta pesquisa é **contribuir para que os professores possam pensar em outras práticas de formação docente dentro dos espaços educativos nos quais atuam, desenvolvendo suas práticas pedagógicas a partir da reflexão no coletivo**.

Para compreender o movimento da Roda e responder à questão de pesquisa, foram elencadas algumas questões norteadoras:

- Que estratégias de construção do conhecimento são apresentadas no movimento dos estudos realizados pela Roda de Formação analisada?
- Que compreensões são possibilitadas pelas Rodas de Formação acerca do contexto histórico social que produz o trabalho docente?

Ainda cabe destacar a minha participação na roda como aspecto possibilitador de uma imersão intensa no próprio objeto de estudo proposto na pesquisa. Assim, durante todo o processo de pesquisa permaneceu o desafio de investigar a constituição de um grupo do qual fiz parte, o que me solicitou, por vezes, certo distanciamento para poder compreender os discursos postos sem me deixar envolver pelas ligações afetivas construídas no grupo.

Não me refiro à neutralidade, já que isso não é possível em pesquisa, me refiro a um olhar atento, com a percepção de que a proximidade permite ser mais detalhista, aos ditos desses sujeitos. Nas palavras de Boni e Quaresma (2005) este procedimento é denominado de **observação participante**, na qual o pesquisador está incluído no objeto de investigação. Dessa maneira, a observação participante ocorre “na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles” (BONI, QUARESMA, 2005, p.71).

A **análise de dados** foi inspirada na Análise Textual Discursiva – ATD (Moraes e Galiuzzi 2007), assim a definimos pelo movimento realizado durante o processo de investigação, a referida metodologia abrangeu um exercício minucioso e necessitou de uma intensa imersão nos dados produzidos por um longo tempo, exigência que não foi compatível com o período de dois anos que se estabelece como prazo para a conclusão do mestrado. Neste sentido, consideramos que a ATD nos inspirou a realizar alguns passos muito próximos do que se refere essa metodologia, porém, para não correr algum equívoco e entendendo as características da ATD, respeitando essa metodologia e seus referidos autores, Moraes e Galiuzzi (2007), consideramos relevante salientar que em alguns momentos, nos distanciamos do que seria a ATD em sua gênese.

Realizamos nossa análise partindo de alguns pressupostos do movimento da ATD: da impregnação do material, em um movimento de leitura e releitura dos registros escritos e dos discursos dos sujeitos da pesquisa; da unitarização, momento em que desconfiguramos as escritas do portfólio pelos significados dos seus discursos, identificando assim, as unidades de significado, criando as subcategorias; o surgimento das categorias emergentes a partir da aproximação das subcategorias e ao final, cada uma dessas se constituiu em um metatexto.

Ao adentrar no processo de **impregnação** do material, muitos questionamentos perpassavam o processo de pesquisa, assim, durante esse percurso já foi possível exercitar

alguns diálogos entre os autores estudados no decorrer da pesquisa com as escritas registradas pelos sujeitos da Roda dos Sentidos. Assim, dando ênfase a Moraes e Galiuzzi (1997), ao expressarem que de forma consciente ou inconsciente, toda leitura que realizamos do material produzido na pesquisa, pelos sujeitos, é feita a partir de alguma perspectiva teórica, pois se torna impossível, segundo os referidos autores, interpretar sem um aporte teórico que nos oriente.

Segundo Moraes e Galiuzzi (2007), a análise textual pode ser facilitada ao reconhecermos referenciais que fundamentem a pesquisa, porém, é importante que o pesquisador exercite sua autoria, buscando analisar os registros escritos pelos sujeitos de forma que seja possível dar significados às escritas através do diálogo com a teoria.

O movimento de impregnação do material possibilitou nossa reinserção nos registros escritos pelos sujeitos da Roda, visto que, ao participarmos como componentes do grupo pudemos presenciar as leituras dessas escritas no decorrer do processo de formação na Roda dos Sentidos. Porém, ao reler com intuito de investigação saltaram aos nossos olhos, novos significados assim como, alguns aspectos que na primeira vez em contato com esses textos podem ter passado despercebidos.

Outros olhares sobre cada escrita foram possíveis na medida em que o processo de impregnação é exercício de leitura e releitura dos registros escritos pelos professores, resignificando alguns aspectos, retomando outros e destacando novas perspectivas a partir dessas leituras. Assim, conforme Moraes e Galiuzzi (2007), a impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa requer envolvimento intenso por parte do pesquisador, somente desta forma esse movimento poderá possibilitar a leitura válida e relevante dos documentos que foram analisados.

Iniciamos a impregnação dos registros escritos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos, abrangendo, do ano de 2011, os 22 textos realizados pelos professores participantes da Roda, do período que comporta os meses de março a novembro de 2011. Do ano de 2012, foram analisados 10 textos, pois a Roda teve um recesso quando aderiu à greve dos servidores e professores da FURG. Assim, os registros datam de março a maio, retomando o movimento da Roda em outubro e neste ano nos encontramos até fim de novembro, realizando registros escritos até esta data. Totalizando 32 registros escritos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos nos dois anos que abrangem a pesquisa.

O próximo passo foi a realização da **unitarização** que é o momento denominado por Moraes e Galiazzi (2007) como desmontagem e desintegração dos textos. Desse movimento de desconstrução dos textos surgem as unidades de análise, processo de construção de unidades de significados. Durante este processo fomos desconstruindo os textos escritos pelos sujeitos pelos sentidos atribuídos a cada trecho em que considerávamos conter uma ideia ou expressão de significado representado pelas palavras que se destacavam no contexto e assim, iam se desconfigurando para criar interpretações.

Destacamos frases, trechos e parágrafos que constituíam as ideias dos sujeitos expressas nos registros escritos, desta forma, cada encontro da Roda dos Sentidos tinha um texto, construído por um dos sujeitos, assim, a unitarização foi realizada em cada um dos registros, do portfólio coletivo.

Optamos por identificar as unidades de significado pelo nome dos sujeitos seguido pela data em que a escrita foi realizada. Para possibilitar ao leitor a compreensão do processo como um todo. Não no intuito de seguir uma linearidade temporal, pois no decorrer das análises fica claro que as escritas tomam destaque em relação às datas em que foram registradas, mas para que percebam os avanços que os encontros realizados periodicamente puderam proporcionar a esta Roda em específico.

A partir das unidades de significado, foram criadas as subcategorias, pela proximidade entre os ditos dos sujeitos, como: “o que desejamos compartilhar na Roda”, “sentimentos”, “saudades”, “momentos vividos”; “trabalho”, “trabalho docente”, “reflexões sobre a sociedade”, “tempo”; “diálogo”, “escuta”, “significado de estudar em Roda”, “escrita”, “coletividade”, “metodologia de estudo”; entre outras.

A **categorização** constituiu-se pelo agrupamento das unidades de significados que se aproximaram em seus sentidos atribuídos nas palavras escritas pelos sujeitos. É a reorganização dos textos, dando significados aos discursos dos sujeitos investigados, relacionando seus dizeres aos estudos teóricos realizados no decorrer do processo de pesquisa.

[...] a categorização é parte do movimento de síntese e reconstrução da pesquisa em que o pesquisador constrói e estrutura novas formas de compreensão dos fenômenos que investiga, sistematizando estruturas discursivas que se mostram a partir de sua impregnação nos fenômenos investigados. (MORAES E GALIAZZI, 2007, p. 91)

A partir da aproximação das subcategorias, emergem as categorias finais, em um exercício de reconstrução dos discursos apontados nos registros escritos pelos sujeitos. Como podemos observar em parte da construção da categoria “significado do estudo em Roda”:

Unidades de significado	Análise inicial	Subcategoria	Categoria
[...] Compreendendo o que conseguimos compreender, nos limites do nosso horizonte e na ampliação desse horizonte, sendo assim um verdadeiro diálogo e aprendizagem. Uma aprendizagem nada bancária, não é mesmo? Assim, como ampliamos nossas percepções e fazemos as compreensões? Logicamente pela fusão como o horizonte do colega [...] (Arthur, maio/12)	Aprender com o outro através do diálogo (FREIRE)	Aprender	Significados do estudo e formação em Rodas
[...] É muito bom poder dialogar sobre, descobrir e estudar juntos uma temática relevante e ao mesmo tempo complexa que é o CAPITALISMO. Descobrir como surgiu esse modo de produção e ao mesmo tempo pensar nele nos dias de hoje. (Jenny, abr/11)	Dialogar e estudar junto (FREIRE, IMBERNÓN)	Diálogo	
Henriete (maio/11) destaca essa concepção: “a escuta e o sentido de nossas reuniões esparrama-se por estas folhas (do portfólio da Roda) e o que há de pessoal, particular em cada um é chamado elo coletivo, tecendo-se uma escrita que vai e vem, entre o eu e o nós”.	A escrita como espaço da construção da coletividade (WARSCHAUER)	Escrita	

A partir da definição das categorias finais, são construídos **metatextos** referente a análise teórica de cada uma delas. Quando as escritas registradas pelos sujeitos da pesquisa dialogam com os referenciais teóricos que possuímos enquanto pesquisadores, ou ainda, aqueles que o processo de análise nos fazem chegar ao encontro, pois fomentam debates importantes com os discursos dos registrados pelos sujeitos em forma de escrita.

Sendo o sistema de categorias a estrutura de base de um metatexto, a descrição constitui a parte deste voltada a expressar de modo mais direto e imediato essa compreensão associada às categorias. Já a interpretação corresponde a um exercício de afastamento e abstração em relação às categorias propriamente ditas, conduzindo a teorias cada vez mais aprofundadas, à medida que o processo avança. (MORAES E GALIAZZI, 2007, p. 90)

Neste sentido, escrever sobre as categorias avança em direção ao processo de interpretação entrelaçada aos estudos teóricos a que nos propomos no processo de pesquisa,



assim como aos autores que vamos nos apropriando quando reconhecidos como aqueles que possibilitam diálogos com as categorias emergentes.

Os metatextos constituem-se como parte importante da análise, pois comunicam as interpretações e mediam o diálogo entre pesquisadores e leitores. Fomentam novas pesquisas e podem contribuir para os sujeitos da pesquisa reconhecer a importância de seus discursos, bem como a potencialidade de aprofundamento dos mesmos mediante o debate com referenciais teóricos importantes na área da educação.

## 6. CATEGORIAS DA PESQUISA: ANÁLISES DOS DADOS PRODUZIDOS

No presente texto, busco apresentar os artigos referentes às categorias da pesquisa, que emergiram a partir das análises dos dados produzidos pelos sujeitos. Inspirados na ATD – Análise Textual discursiva, (MORAES E GALIAZZI, 2007), como metodologia que possibilita ao final do processo, construir metatextos, organizando as categorias em textos analíticos que abrangem os registros escritos pelos sujeitos da pesquisa entrelaçados aos referenciais teóricos, constituindo-se parte dessa dissertação.

Neste momento da escrita, narro como cheguei a cada categoria, cada uma delas constituída por um artigo científico, reconhecendo suas potencialidades e seus limites, mas acreditando nesta proposta como uma forma de ampliar o debate referente às temáticas abrangentes nesta dissertação. Cabe ressaltar que cada artigo referente às categorias está contido no corpo dessa dissertação e foi escrito nos moldes solicitados pelas revistas a que foram submetidos.

O que vem sendo apresentado neste texto são os resultados emergentes da análise dos dados. Inspirados na ATD, realizamos a impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, os registros escritos pelos professores que compõe a Roda dos Sentidos. Momento em que pude me apropriar mais profundamente de cada relato escrito, mobilizando algumas perspectivas sobre a formação docente em Rodas de Formação.

Neste movimento pude lembrar leituras dos registros escritos, realizadas no espaço da Roda dos Sentidos do qual também faço parte como integrante do grupo, mas com olhar de pesquisadora, organizei as unidades de significado, separando trechos do texto original pelos sentidos que pude perceber em cada escrita. Assim, fui encontrando-me com concepções sobre a formação docente, o trabalho docente, os sentimentos envolvidos nesse processo, e a compreensão das Rodas de formação como possibilidade ao trabalho docente no coletivo.

No processo de unitarização foram construídas 852 unidades de significado. De um total de 32 registros escritos pelos professores participantes da Roda dos Sentidos. Surgiram 15 subcategorias, resultado da aproximação das unidades de significado. Assim, organizadas:

- Tempo de trabalho e tempo livre;
- A Roda que pensa o trabalho;
- Trabalho e trabalho docente;

- Reflexões sobre a sociedade;
- Aprendizados proporcionados pela Roda;
- Portfólio;
- Experiências vividas;
- Afetividade;
- Sentimentos sobre estudar em Roda;
- Saudades;
- Diálogo/ensinar e aprender;
- O que escrever sobre nós e sobre o outro;
- Particularidade/coletividade;
- Exposição de si para a Roda/Escrita;
- Metodologia de estudo.

As temáticas que definiram as subcategorias vão ao encontro dos estudos a que a Roda dos Sentidos se propôs, sobre a categoria trabalho a partir dos referenciais marxistas. Assim, foram sendo retratadas nos registros escritos pelos sujeitos no portfólio coletivo. Destacamos também aspectos que foram relevantes no processo de formação em Roda para esses sujeitos, neste sentido, emergiram subcategorias que destacaram as premissas da metodologia de trabalho a que o grupo se propôs, os significados de vivenciar o espaço de formação da Roda dos Sentidos.

Os registros escritos encaminharam a análise para discussões realizadas no processo de formação docente, como pressupostos a uma formação que possibilita a apropriação dos sujeitos que se formam neste contexto percebendo a potencialidade do estudo e formação no coletivo de professores.

Aproximando ainda mais as subcategorias, entendendo que tinham significados correspondentes, emergiram três categorias finais: “o significado do estudo e formação na Roda dos Sentidos”; “reflexões sobre a categoria trabalho entrelaçada ao trabalho docente”; “Rodas: Sentidos afetivos”.

Assim, os artigos originam-se a partir de cada uma das três categorias apresentadas, como resultado da pesquisa realizada, porém, as temáticas de cada uma delas estão diretamente relacionadas com a centralidade do trabalho que é o estudo sobre a Formação docente em Rodas. Esse movimento de estar sempre em contato com o tema central se dá pela preocupação em orientar o trabalho pela questão de pesquisa, visto que é uma das premissas para a cientificidade do estudo. Entrelaçado também pelos objetivos a que a pesquisa se propõe.

O problema de pesquisa: **que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos**, orientou o movimento de pesquisa e proporcionou assim, o entrelaçamento entre todas as categorias emergentes. A forma como os significados da formação docente são atribuídos pelos sujeitos que participaram da Roda dos Sentidos, construíram seus saberes através do diálogo e do estudo no coletivo, dialogando sobre o trabalho docente e as premissas do capital que interferem diretamente neste aspecto da vida profissional dos professores. Através das análises, ampliamos o debate para a constituição docente também através da compreensão dos sentimentos como a afetividade na relação com seus pares. Diante disso, podendo contribuir para pensar em espaços como as Rodas de Formação como possibilidade à formação de professores que pensam, constroem e vivenciam significativamente sua formação docente.

O primeiro artigo, **“O significado do estudo e formação na Roda dos Sentidos: espaço coletivo de construção dos saberes e fazeres docentes”** traz uma discussão sobre a formação de professores como significativa quando vivenciada em espaços que possibilitem a construção do conhecimento no coletivo, pois assim, destaca-se o aspecto dialógico na formação docente, ampliado pelo movimento da escrita durante o processo de formação. O referido artigo constitui-se através do diálogo dos dados analisados com os referenciais como: Warschauer (2001, 1993), ressaltando a perspectiva das Rodas de Formação e da escrita como instrumento de materialização do diálogo na formação; Imbernón (2010), discutindo sobre formação de professores; Freire (1992, 1996, 2011), contribuindo com as premissas do “diálogo” e da “escuta” na construção dos saberes docentes; entre outros. Esta categoria, “significados do estudo e formação na Roda dos Sentidos”, emergiu a partir de 439 unidades de significado, organizadas nas subcategorias: aprendizados proporcionados pela Roda; portfólio; Diálogo/Ensinar e aprender; o que escrevemos sobre nós e sobre o outro; particularidades/coletividade; escrita; metodologia de estudos; com 23; 27; 18; 74; 129; 115 e 53 unidades de significados respectivamente.

O segundo artigo, **“Estudos sobre categoria trabalho no espaço coletivo da Roda dos Sentidos: ampliando o debate sobre o trabalho docente”** constitui-se pelo debate sobre a categoria “reflexões sobre a categoria trabalho entrelaçada ao trabalho docente”. Para esta análise dialogamos com os estudos de autores como Antunes (1999, 2011), Marx (1849, 1865), Lima (2005), Saviani (2007), Freire (1996), entre outros, para argumentar que as *metamorfoses* do mundo do trabalho modificam também a estrutura do trabalho docente.

Neste sentido, torna-se imprescindível o fortalecimento dos coletivos de trabalhadores representados pelos sindicatos e o resgate do sentido das lutas históricas em prol da valorização da profissão, a fim de vivenciar uma *vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho*. Essa categoria surgiu a partir de 251 unidades de significado reunidas nas subcategorias: Tempo de trabalho e tempo livre; A Roda que pensa o trabalho; Trabalho e trabalho docente; Reflexões sobre a sociedade; com 16; 13; 137 e 85 unidades de significado respectivamente.

O terceiro capítulo “**A afetividade como instrumento de construção da coletividade no espaço de formação intitulado Roda dos Sentidos**” traz o debate sobre as Rodas de Formação como possibilidade para que os professores possam compartilhar saberes, entendendo que a construção do conhecimento perpassa aspectos referentes aos sentimentos como afetividade, amorosidade, amizade, alegria e esperança. Constituindo-se como lugar de compreender sua humana docência, a partir do momento em que no coletivo aprende a estabelecer relações entre a construção do conhecimento e a expressão dos sentimentos vividos no processo de formação. Alguns autores contribuíram para esta discussão, como Freire (1996, 2011), com a concepção da amorosidade como ato político; Warschauer (2001), destacando as Rodas de Formação como espaço coletivo de construção e troca de saberes; Arroyo (2000), levantando questões sobre a humana docência, entre outros. A categoria “Rodas: Sentidos afetivos” constituiu-se pela reunião de 162 unidades, reconfiguradas nas subcategorias: Experiências vividas; afetividade; sentimentos sobre estudar em roda; saudade; com 32; 20; 101 e 9 unidades de significados, respectivamente.

Apresento assim, os três capítulos a seguir, contendo a análise teórica das categorias emergentes no processo de pesquisa, apontando as Rodas de Formação como possibilidade para pensar em outros espaços de formação docente, no coletivo de professores. Destacando a contribuição dos sujeitos da Roda dos Sentidos em seus registros escritos durante o estudo e formação.

[...] Como posso dialogar, se parto de que a Pronúncia do Mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo.

Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de Pronúncia do Mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles.

Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. (FREIRE, 1987, p. 95)

## **6.1. O SIGNIFICADO DO ESTUDO E FORMAÇÃO NA RODA DOS SENTIDOS: ESPAÇO COLETIVO DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES E FAZERES DOCENTES**

### **Resumo:**

O artigo apresenta discussões sobre a análise dos dados construídos em pesquisa em nível de mestrado que teve como temática principal a formação docente em Rodas de Formação. A pesquisa realizada teve como objeto de estudo a Roda dos Sentidos, formada por sete professores que se propuseram a estudar juntos a categoria trabalho através dos referenciais marxistas e seus entrelaçamentos com o trabalho docente. O corpus de análise compôs-se pelas escritas registradas pelos sujeitos nos anos de 2011 e 2012, no que era denominado como portfólio coletivo da Roda. Inspirou-se na Análise Textual Discursiva – ATD, de Moraes e Galiazzi como metodologia para construir as categorias da pesquisa. Buscando-se responder ao questionamento: que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos? No presente texto apresenta-se a categoria: “significado do estudo e formação na Roda dos Sentidos”. Dialoga-se sobre o tema a partir de referenciais como: Warschauer, ressaltando a perspectiva das Rodas de Formação; Imbernón, discutindo sobre formação de professores; Freire, contribuindo com as premissas do “diálogo” e da “escuta” na construção dos saberes docentes; entre outros. Argumenta-se que a formação de professores torna-se significativa quando vivenciada em espaços que possibilitem a construção do conhecimento no coletivo de professores, pois, assim, destaca-se o aspecto dialógico na formação docente, ampliado pelo movimento da escrita durante o processo de formação.

**Palavras-chave: Roda de Formação; Formação de Professores; Coletivo.**

**Abstract:** This essay brings discussions about the data analysis built on a Master’s level research, which had teacher’s education at "Teachers’ Training Circle " as the main theme. The research had as its objective of study “The Circle of Meanings”, which was composed by seven teachers who decided to research the work category through Marxist references and their connections with teaching. The corpus was composed by subjects’ texts recorded in 2011 and 2012 in what was called as a collective portfolio of the “Circle”. The Discursive

Textual Analysis - DTA, by Moraes and Galiuzzi, inspired them as a methodology to build the research categories. Aiming to answer the following question: which are the experienced meanings on teacher's education in collective environments such as "The Circle of Meanings"? In this text, we present the category "meaning of education and study at "The Circle of Meanings". We discuss the theme from references such as: Warschauer, highlighting the perspective of "Teachers' Training Circle"; Imbernón, discussing about teacher's education; Freire, adding the premise of "dialogue" and "listening" when building teaching knowledge; and others. We argue that teachers' education can become significant when experienced in environments that enable knowledge building in the teacher's group. This way, the dialogue aspect on teacher's education is highlighted, increased by the writing practice during the education process.

**Keywords: "Teachers' Training Circle"; Teacher's Education; Collective**

O presente texto traça algumas reflexões sobre a formação de professores. Buscando construir argumentos que contribuam para pensarmos em espaços e metodologias formativas que sejam vivenciadas para que os docentes possam constituir-se no processo coletivo de formação com seus pares.

<sup>12</sup>Os professores têm vivenciado espaços formativos que auxiliam no avanço de algumas discussões, mas a mobilização dos professores a tornarem-se críticos e modificadores de sua prática pedagógica pode ser possibilitada em espaços em que o diálogo não é a metodologia mais evidenciada? Se pensarmos em formações como modelos de palestras, por exemplo, somente as reflexões individuais sobre o assunto tratado, ou pequenas intervenções ao final da exposição, estas podem contribuir de forma significativa para pensar o cotidiano da vida profissional?

Não descartamos a importância da participação em eventos onde os professores possam ouvir os colegas e/ou pesquisadores exporem os avanços e dificuldades que têm sido fonte de análise e produção científica, pois estes espaços também são fonte de construção de saberes. O que fomenta a discussão, neste texto, é a utilização de metodologias que tornem

---

<sup>12</sup> As escritas desta dissertação contem a repetição do 2º ano 7º parágrafos nos três últimos textos, devido à especificidade da organização em artigos. Sugiro à banca que pule estes parágrafos, se assim considerar necessário, para que a releitura não se torne cansativa.



possível uma articulação entre o que se estuda e os interesses dos contextos de trabalho dos professores.

Neste sentido, o movimento de formação a que nos referimos neste artigo, pode ser considerado como alternativa a ser pensada e construída no coletivo de professores para pensarem o espaço em que atuam nas diferentes instituições de ensino. As Rodas de Formação surgem através da tese de Warschauer (2001), como espaço diferenciado, que possibilita o diálogo, a troca de experiências e a construção de sentidos formativos para os sujeitos que estão envolvidos nesta perspectiva de formação.

Para compreendermos a relevância desta metodologia de trabalho, apresentamos a pesquisa realizada em nível de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que teve como objeto de estudo a Roda dos Sentidos. Constituída por um grupo de professores que acreditaram na relevância do estudo da categoria trabalho e das suas interlocuções com o trabalho docente, na perspectiva marxista, para uma melhor compreensão da sociedade vigente, buscando também entender o que as amarras deste sistema influenciam no trabalho docente. A Roda dos Sentidos, assim intitulada por um dos componentes do grupo, inspirado pelo título do primeiro livro de Antunes (1999) que estudamos: “Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho”.

Foram sujeitos da pesquisa, os componentes da Roda dos Sentidos, sete professores: um engenheiro, doutor em educação e ciências e professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, campus Rio Grande; três pedagogas mestradas do PPGEDU; uma doutora em educação ambiental, professora de história da rede estadual; duas doutoras em educação, professoras do Instituto de Educação da FURG.

Os nomes dos sujeitos que compõe a escrita desta dissertação são fictícios, escolhidos pelos componentes da Roda dos Sentidos, alguns deles relacionados à Marx, a partir do estudo da história deste filósofo, como por exemplo, Henriette que era o nome de sua mãe, Jenny e Eleanor que foram suas filhas. Donatella foi o nome escolhido por assim se chamar a esposa de István Mészáros que, como professora, se engajou na luta pela educação, juntamente com o filósofo. Patrícia foi um nome escolhido de forma afetiva, pois era a segunda opção no nascimento, assim com Arthur, que preferiu um nome pequeno, mas que demonstrasse força.

A discussão que impulsionou a pesquisa apontou para a seguinte questão: Que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como a Roda dos Sentidos? Na busca de possíveis respostas, foram analisados registros escritos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos nos anos de 2011 e 2012. Tais escritas compunham o que chamamos de portfólio coletivo do grupo, onde a cada semana um dos professores fazia o registro dos questionamentos, das dúvidas, dos anseios, dos sentimentos e dos avanços teóricos realizados pela Roda dos Sentidos.

Inspirados na metodologia da Análise Textual Discursiva – ATD<sup>13</sup>, de Moraes e Galiuzzi (2007), emergiram três categorias de análise, sendo que o presente texto busca dar conta da categoria “significado do estudo e formação na Roda dos Sentidos”. Os significados que são atribuídos à formação de professores quando vivenciada através da metodologia das Rodas de Formação, constituindo-se como espaço coletivo para reflexão sobre o próprio trabalho.

Para este fim, buscamos um diálogo reflexivo com alguns autores que contribuem para melhor pensarmos a formação docente, tal como Warschauer (2001), e Imbernón (2010), bem como sobre a relação do aprender com o ensinar, a partir de premissas como a do diálogo, destacando-se Freire (1986, 1993, 1996). Ainda outros autores contribuem para as reflexões aqui presentes, sendo “parceiros” nos diálogos e discussões propostas neste artigo. São eles Galiuzzi (2014), Lima (2011), Arroyo (2000), Firme e Galiuzzi (2013), Souza (2010).

### **6.1.1 Constituir-se Roda no movimento com o outro: aprendizagens proporcionadas pelo espaço coletivo**

Aprender com o outro ainda é um desafio aos professores visto que passaram por processos de ensino e aprendizagem durante toda a vida na escola que não possibilitava construir conhecimentos no coletivo, que pudesse articular os estudos teóricos às experiências, envolvendo seus significados.

---

<sup>13</sup> A metodologia de Análise Textual Discursiva – ATD de Moraes e Galiuzzi (2007), consiste na impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, realizando leituras e releituras dos textos; unitarização, momento em que os textos são separados em unidades de significados, pelos sentidos que cada fragmento aponta; pela aproximação das ideias contidas nas escritas, são construídas as subcategorias, das quais emergem as categorias finais; os metatextos são construídos a partir das categorias finais, momento em que o pesquisador traça análises com relação aos ditos dos sujeitos da pesquisa entrelaçados aos referenciais teóricos.

Henriete<sup>14</sup> traz à tona a reflexão sobre ensino e aprendizagem a partir da constituição no coletivo, a hierarquização dos saberes nos impediu de ampliar o diálogo em busca da construção de conhecimentos, assim, aponta o desejo da realização desse movimento através da acolhida ao pensamento do outro.

Apresentamo-nos para além dos meandros de uma educação verticalizada e é precisamente no olhar do outro que buscamos a acolhida necessária para ganhar força na capacidade de inverter a lógica de ensinar e de aprender que vivenciamos a maior parte de nossa vida escolar. (Henriete, outubro/2011)

Conforme ressalta Freire (1993) sobre a necessidade de “aprendermos a aprender”, entendendo que ler criticamente os textos e o mundo tem a ver com a nossa mudança em processo, que ao aprender, existem dois movimentos, o ensinar e o aprender, que estão correlacionados, embora sejam diferentes. Com isso, torna-se significativo que os professores estejam abertos a aprender outras possibilidades que contribuam à sua formação docente no decorrer da profissão.

Com base nos estudos de Imbernón (2010), a formação de professores está atravessando um processo de mudança, de um espaço de atualização das técnicas a serem realizadas no processo de ensino, sendo estes profissionais meros executores das ideias dos especialistas, para tornar-se espaço de diálogo em uma perspectiva que possibilita a parceria em projetos de formação docente que envolvem a escola e a universidade. Como exemplo, podemos citar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, o qual existe uma interlocução entre os licenciandos, orientados por professores universitários, atuando em parceria com professores do ensino básico, nas escolas da rede pública.

Dessa forma, a universidade, em projetos de extensão, busca construir junto ao professorado novos modelos de formação continuada, constituindo-se parceiras nesse processo. Embora ainda encontrem muita resistência e desconfiança por parte dos docentes devido ao fato de que, por muito tempo, tiveram seu trabalho como fonte de análise em pesquisas e nem sempre com o retorno esperado.

Clarindo (2011) expressa o sentimento de desvalorização social das professoras<sup>15</sup> da educação básica em comparação às universitárias, as quais sentem-se como “candangas”, expressão utilizada pelas educadoras participantes do estudo da referida autora, para

---

<sup>14</sup> Os nomes são fictícios, escolhidos pelos próprios sujeitos da Roda dos Sentidos.

<sup>15</sup> Utilizo aqui o termo no gênero feminino, respeitando a escrita de Clarindo (2011), pois o grupo de formação com o qual realizou sua dissertação constituía-se apenas por professoras alfabetizadoras.

diferenciarem-se do trabalho com pesquisa realizado pelas professoras universitárias. Destacando sua compreensão sobre a insatisfação das professoras da educação básica quanto aos modelos de formação aos quais não existe abertura para o diálogo. Neste sentido, os docentes que vivenciam esta perspectiva de formação continuada acabam desenvolvendo certa resistência, conforme Clarindo (2011), sentem que seus saberes são pouco valorizados quando participam de espaços onde não são ouvidos.

Imbernón (2010) destaca que é indispensável considerar as opiniões dos professores ao planejar, executar e avaliar os resultados da formação, estas necessitam estar em consonância com aquilo que pensam os docentes sobre suas dificuldades e sobre seus desafios no cotidiano do seu trabalho.

Somente quando os professores constatarem que o novo programa formativo ou as possíveis mudanças que a prática oferece repercutirão na aprendizagem de seus alunos, mudarão suas crenças e atitudes de maneira significativa, supondo um benefício para os estudantes e para a atividade docente. É quando a formação será vista como um benefício individual e coletivo, e não como uma “agressão” externa ou uma atividade supérflua. (p. 32)

Construir sentido para o espaço ao qual o educador fará parte é o primeiro movimento a ser realizado no processo de formação continuada. A organização metodológica, a escolha dos referenciais a serem estudados, a forma como cada um se constitui a partir do coletivo, são algumas premissas que sinalizam para uma experiência de formação cheia de significados.

Warschauer (2001) ressalta que vivenciar a formação de professores dentro da “organização-escola”, não exclui da rede de conversas com especialistas e com os pesquisadores, pois é importante reconhecer que os conhecimentos construídos neste âmbito são fundamentais para ampliar as compreensões sobre a prática docente. Dessa forma, a autora discute a importância de haver o diálogo entre estas categorias profissionais de forma recíproca, não apenas considerando que os professores da rede sejam meros “práticos”, aplicando, então, as teorias geradas no meio acadêmico.

No processo de formação em que o professor não é ouvido, suas considerações são apenas motivos de críticas por parte dos formadores, acabando por afastar os docentes do que é relevante em sua formação, a construção de saberes e fazeres que possam contribuir ao seu trabalho.

Para que a formação docente tenha significado e possa auxiliar nas transformações necessárias à escola e à sociedade como um todo, o professor necessita aprender a ser sujeito do/no coletivo, construir sua identidade com a docência, com os alunos e com seus pares.

Faz-se importante incorporar a narrativa dos professores à ética da formação continuada, com processos baseados em uma relação não tanto objetiva, que valoriza o indivíduo, senão intersubjetiva, de relação com os outros, de alteridade [...] que permita complementar a identidade do sujeito docente com a identidade grupal (uma identidade colaborativa, não de processos competitivos). (IMBERNÓN, 2010, p. 79)

Neste cenário, de construção de outras perspectivas de formação surge como possibilidade de trabalho o movimento das Rodas de Formação. Metodologia que articula os estudos de referenciais teóricos com as necessidades formativas do grupo de professores que se constituem a partir das aprendizagens e discussões no coletivo.

Warschauer (2001), autora da tese sobre Rodas de Formação, defende a ideia da experiência de compartilhar saberes e construir significado no processo formativo. O movimento de construção de conhecimento vai sendo delineado pelo conjunto de questionamentos a partir dos estudos realizados pelo grupo. No caso da Roda dos Sentidos, trazemos a escrita de Jenny, para exemplificar como o movimento de aprender neste espaço de formação torna-se significativo:

[...] O movimento da roda é o movimento de aprendizagem, e não somente de quantidade de páginas a serem lidas, vamos a passos leves, aprendendo a rodar e neste movimento aprender a aprender, processo este nada fácil, mas no qual nos inserimos profundamente onde cada um tem importância essencial dentro deste processo, estudamos juntos, hoje somos nós estudando no coletivo. (maio/2012)

Quando os professores se inserem de forma mais contundente nos estudos a que se insinuam enquanto grupo, percebem que o conhecimento se constrói e que a cada um este movimento representa algo muito particular, mas que no coletivo, define-se pelo sentido dado ao encontro e aos debates traçados para a compreensão dos conceitos. Ao lermos os registros de Donatella e Karla, percebemos dois movimentos distintos de vivenciar o mesmo espaço. Donatella demonstra necessitar de paciência, enquanto para Karla, o tempo passa rápido quando no encontro com o outro na roda.

Esse movimento de leitura tem me ensinado a ter paciência com as palavras, que nem sempre querem expressar o que uma leitura desatenta e breve pode compreender. (Donatella)

[...] O tempo de nossa Roda é como o relógio da obra de Dali, (*referindo-se à obra de Salvador Dali, "A persistência da memória" de 1931*) passa

depressa demais, mas não no sentido de matar o tempo que temos, mas de preencher a nossa necessidade por conhecimento. (Karla, 09/junho/2011)

Os sujeitos da Roda de Formação analisada estabelecem relações de aprendizagens entre si que não dispensam suas estratégias individuais de estudo, cada um traz sua particularidade para a roda e assim, torna-se coletivo. Este movimento não se estabelece de forma fragmentada, ora individual, ora coletivo. Mas se dá concomitantemente, no processo de aprender uns com os outros.

Ao expor à Roda seus questionamentos, dúvidas, avanços quanto aos estudos realizados, cada sujeito demonstrava seu modo específico de construir seus conhecimentos, influenciando de forma positiva na constituição do coletivo, pois ao compartilhar suas inquietações e compreensões, aguçava a busca por novas conquistas do grupo como um todo.

Algumas metodologias foram delineando o trabalho como colaborativo na Roda dos Sentidos, construídas no decorrer do processo de formação, contribuía para os avanços teóricos dos estudos a que se propuseram os professores que compunham o grupo. Estratégias individuais que colaboravam para a construção de novos sentidos ao aprender no coletivo.

### **6.1.2. Metodologia de estudo e formação da Roda dos Sentidos: do particular ao coletivo**

Para pensarmos sobre como uma Roda de Formação realiza seus estudos e faz a relação teórico-prática para avançar na construção dos conceitos que se propõe a estudar, destacam-se algumas análises acerca das estratégias metodológicas que a Roda dos Sentidos foi realizando no decorrer dos dois anos que abrangem a presente pesquisa.

Arthur ressalta algumas dessas estratégias quando relata em sua escrita a utilização de imagens para poder expressar de forma mais narrativa suas compreensões sobre os estudos realizados.

Tenho sido muito descritivo e aprendi que as imagens devem ser mais exploradas e assim, vou trazer algumas para ajudar na minha expressão [...] tenho que encerrar minha escrita, mas não a minha racionalidade que tem sido provocada pelas leituras e pelas discussões que nos remetem aos dicionários e textos em busca de significados que nos entrelaçam. (maio/11)

O estudo do referencial marxista é intenso e, muitas vezes, nos deparamos com termos muito diversos do cotidiano do professor, porém, o estudo de tal referencial nos aproxima da realidade social e é premissa para entendermos as amarras do sistema capitalista. Na Roda dos Sentidos, muitas foram as estratégias adotadas para a construção de conhecimento. Fazer a

relação da teoria com eventos vividos no cotidiano, com imagens representativas, com músicas, fez com que as reflexões teóricas se tornassem significativas para os sujeitos da Roda.

As diversas formações e experiências no mundo do trabalho dos sete professores que estudavam na Roda dos Sentidos auxiliavam em muitos momentos a entender os processos de uma fábrica ou de um estabelecimento comercial, sua reprodução no espaço das instituições de ensino e, assim, construir os conceitos de valorização do capital em contrapartida à alienação dos sujeitos.

Arthur, engenheiro de formação, iniciando sua carreira profissional no chão da fábrica, pode contribuir com suas especificidades, seu próprio relato ratifica esta análise: “—Vou equacionar isso aqui. Vou usar meu lado engenheiro.” Assim, Arthur traz uma tabela com os custos da mão de obra por hora, na produção da indústria, de diversos países, a fim de fomentar o diálogo durante o estudo do texto de Marx (1865): “Salário, preço e lucro”. A estratégia chamou a atenção da Roda dos Sentidos, como fica evidente na escrita de Donatella (junho/11) “Confesso que o encontro deste dia foi o mais difícil do semestre [...] o que me deixou mais feliz na verdade foi a análise das tabelas que o Arthur trouxe, pude fazer algumas reflexões a partir delas, conforme íamos conversando sobre os dados apresentados”.

Trabalhadora que iniciou sua vida profissional no comércio, Donatella também pode contribuir com suas vivências neste espaço de trabalho, como destaca Karla em sua escrita:

A Donatella salientou as metas de venda que os funcionários tinham que alcançar no walmart, dos quais atingem valores 20 vezes mais altos que os salários mensais de um professor da educação básica em apenas um dia de vendas. (Karla, set/11)

Como professora de história e construindo sua tese<sup>16</sup> em Educação Ambiental, Karla contribuiu para a Roda de maneira significativa ao nos relembrar estudos realizados em outros momentos de nossa vida escolar, com sua perspicácia em resgatar processos históricos vivenciados pela sociedade, íamos dialogando e construindo compreensões sobre o contexto histórico em que Marx escrevia ao mesmo tempo em que vivenciávamos nossa própria história enquanto sujeitos na sociedade do capital estando em processo de formação contínua refletindo sobre o contexto do nosso trabalho docente.

---

<sup>16</sup> Intitulada “Narrativas e imagens sobre as águas: educação ambiental, memória e imaginário na pesca Artesanal - um encontro com contadores de histórias”, defendida em 2013.

Jenny trazia para as suas escritas e, conseqüentemente, para a nossa discussão, suas reflexões sobre a pesca artesanal, partindo de sua pesquisa com mulheres pescadoras e de suas vivências na Ilha dos Marinheiros, localizada em Rio Grande, Rio Grande do Sul, onde pode realizar sua pesquisa com mulheres pescadoras.<sup>17</sup>

Meu sogro que vive da pesca envolve em seu trabalho a minha sogra, que também é pescadora e participa não da pesca diretamente, mas indiretamente, pois cuida do pescado [...] participa do processo de trabalho. Agora, penso na valorização desse processo [...] quando penso que o “capitalista” que aparece dentro deste processo, o chamado “atravessador” explorador, vai com seu caminhão, carrega todo o pescado e paga uma mixaria pelo produto comprado, vejo o quanto é presente o que Marx pensou no passado. (Jenny, set/11)

Também relacionava os estudos na Roda com o trabalho de sua mãe como comerciante do interior do Rio Grande do Sul. Intrigava-se ao buscar compreender o papel de sua mãe no sistema capitalista.

Reconheço que minha mãe é capitalista, proprietária, dona, concentra poder em suas mãos. Falando assim, até parece que ela é uma bruxa das histórias infantis. O que me consola é que ela é proprietária de uma pequena empresa. Tomara que as grandes indústrias não sufoquem as pequenas empresas. Tenho que registrar que agora compreendo o que é o mês que fechou no vermelho, não significa que é o mês do colorado<sup>18</sup> [...] mas o mês em que os gastos foram maiores que os lucros. (Jenny, jul/11)

Eleanor nos inquietava com seus relatos sobre o processo de escrita, tão vivenciado pela Roda dos Sentidos, como outro espaço de formação, ressignificado em sua dissertação<sup>19</sup> de mestrado, com graduandas de pedagogia, no processo inicial de formação.

A Roda dos Sentidos é um grupo que se constitui na coletividade dos seus integrantes. Talvez por isso seja tão mais fácil e agradável escrever neste portfólio [...] o nome que foi dado a esta Roda é a sua “cara”, pois ela é cheia de sentidos que acolhem a cada um que dela vem fazer parte. (Eleanor, março/12)

Também, assim, Patrícia demonstrava suas angústias ao estudar sobre a formação inicial a partir de uma análise da educação estético-ambiental<sup>20</sup>, Patrícia fazia interlocuções

---

<sup>17</sup> “Entre o mar e a escola: os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros-RS”

<sup>18</sup> Referindo-se ao time do Sport Club Internacional.

<sup>19</sup> Intitulada “Escrita reflexiva na formação inicial de professores: vivências no curso de pedagogia da Furg”, defendida em março de 2014.

<sup>20</sup> “Educação Estético-Ambiental: potencialidades do teatro na prática docente”, defendida em setembro de 2014.



com sua prática pedagógica e as contribuições desta para a efetiva transformação do cotidiano escolar, destaco seu próprio registro escrito que traz esta preocupação.

Percebi que venho dedicando algum tempo à prática do teatro na sala de aula, pois acredito que o exercício do teatro contribui para o aluno tornar-se mais crítico na leitura do mundo, [...] este recurso pedagógico não vai modificar a realidade do aluno se não estiver aliado às discussões do mundo capitalista em que vivemos [...] (Patrícia, set/11)

Neste contexto, ao compartilhar nossas angústias vivenciadas no cotidiano da sociedade do capital, entrelaçada aos conceitos marxistas e buscava-se encontrar formas de vislumbrar uma nova sociedade por meio daquilo que podemos contribuir, modificando primeiramente nosso próprio trabalho docente, nossa postura crítica em auxílio à construção deste movimento de crítica à sociedade com nossos alunos.

O aprender acontece a partir da participação em uma rede de conversações que por ela torna o conhecimento de senso comum um conhecimento mais complexo e, neste sentido, reconstruído. É (re)construção de significados em uma negociação intersubjetiva. Para isso, é preciso permitir o questionamento das próprias ideias, pois é pela problematização que pode acontecer a apropriação de significados. Todas as manifestações são contribuições para um diálogo continuado em que o aprender acontece pela discussão coletiva e argumentação no coletivo. (GALIAZZI et al, 2014, p. 55)

Este movimento era fomentado pelas nossas estratégias particulares, que se tornavam coletivas, como podemos perceber, ao compartilharmos materiais construídos nos estudos individuais, quando nos preparávamos para os encontros da Roda dos Sentidos:

Assim, nesta tarde, discutimos os capítulos 2 e 3. O encontro iniciou com uma apresentação da Henriete sobre uma pesquisa que ela realizou, contextualizando a década de 70, trazendo questões importantes para o debate como, por exemplo, as premissas que norteiam os objetivos da educação. (Karla, abr/11)

Recordamos também os slides sobre a questão do trabalho produtivo e improdutivo, lembram desse material? E como não lembrar... ficamos mais de um encontro debatendo sobre isso, esse é o movimento da Roda[...] Neste momento a Roda pensou, em retomar esses conceitos pelos slides organizados pela Henriete, o que será bem interessante, agora com novos olhares, reencontrar esses conceitos. (Donatella, nov/12)

Interessante ressaltar que o movimento da Roda dos Sentidos ao aprender sobre os conceitos marxistas, muitas vezes, remetia a organizações um tanto diferentes das propostas de formação que buscam a aprendizagem dos conceitos pelo direcionamento dos caminhos para o estudo. A metodologia das Rodas de Formação possibilitou a esse grupo que todos fossem responsáveis pelas leituras e debates. Os diálogos eram construídos e a busca pelo

conhecimento era verticalizada, não existia hierarquização de saberes, embora alguns tivessem uma base teórica já construída sobre o referencial estudado, isso não impedia o aprendizado a partir das dúvidas e questionamentos de todo o grupo.

Ao vivenciar as Rodas de Formação, é importante observar que a participação de cada um contribui nas construções das aprendizagens do grupo como um todo, o avanço nas discussões teóricas delineiam-se conforme as compreensões sobre o referencial tornam-se mais amadurecidas.

A participação ocorre na linguagem, na partilha de experiências, em que os participantes têm objetivos comuns. A cooperação produz aprendizagens que superam conflitos, dão suporte e apoio, sendo a aprendizagem potencializada no coletivo, pois os significados são operados estabelecendo relações que se multiplicam por se estar em grupo. Ao operar no coletivo, estabelecem-se relações que isoladamente não seriam possíveis, pois é na diferença e na assimetria que essas relações se potencializam. (GALIAZZI et al, 2014, p. 58-59)

A partir da abertura para o diálogo, a Roda dos Sentidos foi sendo constituída, ao experienciar a partilha das dúvidas, das inquietações e buscando formas de avançar nas construções teóricas, foram sendo estabelecidas relações que contribuiriam para que este grupo de professores aprendessem uns com os outros, estabelecendo um elo coletivo.

### **6.1.3. “Abertura ao diálogo”: indispensável à construção do aprendizado no coletivo**

O diálogo não é um conceito novo quando se pensa em formação de professores, inúmeros teóricos enfatizam sua relevância em vários aspectos do trabalho docente, desde sua formação inicial, continuada e no trabalho com os alunos. Freire (1996) destaca a importância do diálogo como exigência ao processo de ensinar, afirmando que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma com inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. (p. 136)

Defendemos a potencialidade que o diálogo, enquanto abertura para o outro, contribui na construção do elo coletivo entre sujeitos que compartilham espaços de formação como os da metodologia das Rodas. Destaco o registro de Eleanor, em que fica evidente o sentido do estudo e formação na Roda dos Sentidos a partir da valorização deste espaço, enfatizando a questão do diálogo: “[...] Nessas idas e vindas da Roda dos Sentidos estamos pensando um arranjo diferente, dando ênfase ao encontro, a importância do diálogo frente a frente”.

A partir desta perspectiva de coletividade, o diálogo para os sujeitos da Roda dos Sentidos, estabelecia a ligação entre as necessidades formativas da profissão docente e suas especificidades entrelaçadas aos conceitos sobre a sociedade do capital. A preocupação inicial do grupo era compreender a categoria trabalho, visto que todos contribuem para formar pessoas que entram no mercado de trabalho, sendo este formal ou informal.

Conforme fomos avançando nos conceitos, fazendo a relação com nosso próprio trabalho docente, outros enfoques foram sendo traçados, principalmente com relação ao papel do professor nesta sociedade. Esse é o movimento de ensino e aprendizagem das Rodas de Formação, espaços como o estudado por Lima (2011), em sua Tese, onde pode compreender que constituir-se em Roda possibilita um movimento diferente de formação profissional, pois se estabelece como espaço de formar-se com o outro, no movimento de aprender no coletivo:

Pessoas num movimento de um “vir a ser” num “estar sendo” com uma opção política, epistemológica e metodológica – transformação de práticas de formação permanente num processo de formar-se ao formar. E isso indica os percursos trilhados por esta Roda, em passos individuais, movimentos coletivos [...] (p. 12).

A intensidade necessária ao estudo do referencial fomentava o diálogo, os sujeitos da Roda dos Sentidos foram entrelaçando compreensões, construindo argumentos, debatendo e ampliando as aprendizagens relacionadas com o próprio trabalho docente. Um processo que só foi possível pela constituição do elo de coletividade que perpassava pela Roda dos Sentidos. Esta característica desse grupo de formação pode ser percebida nos registros escritos:

[...] Compreendendo o que conseguimos compreender, nos limites do nosso horizonte e na ampliação desse horizonte, sendo assim um verdadeiro diálogo e aprendizagem. Uma aprendizagem nada bancária, não é mesmo? Assim, como ampliamos nossas percepções e fazemos as compreensões? Logicamente pela fusão como o horizonte do colega [...] (Arthur, maio/12)

[...] É muito bom poder dialogar sobre, descobrir e estudar juntos uma temática relevante e ao mesmo tempo complexa que é o CAPITALISMO. Descobrir como surgiu esse modo de produção e ao mesmo tempo pensar nele nos dias de hoje. (Jenny, abr/11)

Esta perspectiva de formação, com ênfase no diálogo para construção de conhecimentos no coletivo, só pode ser possível quando os sujeitos estabelecem vínculos, construindo a identidade de Roda e percebendo a importância deste movimento diferenciado de formação docente.

Acho importante que esse movimento esteja presente na roda: o movimento de poder compreender a história singular de cada sujeito a partir de sua

própria apresentação [...] Penso que esse modo de compreender o sujeito, para além do encontro e estudos nas tardes de quinta, é muito importante para podermos estreitar os laços de confiança, respeito, companheirismo e solidariedade. (Karla, set/11)

Dialogar na Roda dos Sentidos ampliava dimensões para além do estudo do referencial, demonstrava a constituição de um espaço coletivo de abertura ao outro, em que se estabeleceu um elo de confiança entre os sujeitos envolvidos, que neste movimento aprenderam a compartilhar dúvidas, na busca pela construção dos conceitos a que se propôs a estudar. O registro de Arthur (março/11) demonstra que a acolhida do outro se torna importante para que possamos escrever nossas compreensões sobre o vivido: “[...] Agora, pensando e escrevendo, ou melhor, escrevendo e pensando vou iniciando esse processo de registro, me arriscando, me soltando e naturalmente confiando na acolhida do grupo [...]”.

Essa perspectiva de construção de saberes na Roda dos Sentidos foi possível pela efetivação de um espaço reconhecido, pelos professores que participavam desse espaço de formação, como coletivo. Henriete (maio/11) destaca essa concepção: “a escuta e o sentido de nossas reuniões esparrama-se por estas folhas (*do portfólio da Roda*) e o que há de pessoal, particular em cada um é chamado elo coletivo, tecendo-se uma escrita que vai e vem, entre o eu e o nós”. Demonstrando assim, que no processo de aprender junto, no coletivo, o que se destacava como especificidade de cada sujeito, reunidos no grupo, se estabelecia como parte do coletivo, sem deixar de ser característica individual, mas com outro sentido, quando compartilhada no convívio com os outros.

Neste espaço, a confiança era estabelecida pelo movimento do diálogo tão enfatizado por Freire (1996), pois estávamos ali como sujeitos aprendentes.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre os sujeitos. (p. 81)

Neste movimento de construção de conhecimento sobre o referencial estudado, tão importante quanto saber dialogar era saber escutar, era saber silenciar para ouvir o outro, estabelecendo, assim, a abertura para os seus ditos, para suas inquietações, que também eram do grupo como um todo, mas que em determinados momentos partiam da fala de um dos sujeitos, tornando parte das questões a serem exploradas por todos.

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala,

realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indignação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 1996, p. 117)

Escutar inspira nossos pensamentos, assim como expor nossas ideias, o ato de ouvir as concepções e construções de conhecimento do outro potencializa nossa própria capacidade de aprender, porque enquanto escuto, faço minhas reflexões, questiono, interrogo, para então comunicar o que foi construído. Muitas vezes, na ânsia por falar, perdemos grandes oportunidades de aprender ao ouvir o outro.

Segundo Warschauer (2001), “o processo de significação da conversa nutre-se não só da interação com o outro, como também do diálogo interno, este necessita do silêncio para se processar” (p. 179), nas leituras prévias dos textos nos estudos individuais antes dos encontros da Roda, cada diálogo, cada questionamento e compreensão compartilhada em grupo se manifesta em nossa memória, dialogamos internamente com esses dizeres. Mas, também durante os encontros, enquanto ouvimos o outro, construímos diálogos internos para a compreensão do dito.

Essa perspectiva de diálogo e escuta estão presentes no registro de Jenny (julho/11), como característica importante para a relação com o outro no processo de construção de conceitos.

[...] Conforme nossos diálogos vão sendo construídos, começo a olhar com outros olhos ao meu redor, com outros ouvidos a minha escuta e com outros sentimentos o que sinto. Acredito que é a partir deste movimento, desta descoberta, que conseguimos dialogar, diálogo baseado nos princípios da escuta, do olhar e do sentir [...] Escutar é deixar o outro atribuir a sua leitura de mundo. Sendo esta leitura de mundo, a chave para a construção da relação com o outro.

O processo dialógico se estabelece quando os sujeitos envolvidos aprendem este outro modo de ser e estar no mundo. A abertura para o diálogo no processo de aprender pressupõe abertura à escuta, premissa do diálogo verdadeiramente significativo. Ratificado pela escrita de Karla (abril/11), que enfatiza o diálogo como forma de compreender o outro por ele mesmo: “[...] Desejo que estes encontros de diálogo fortaleçam os laços de amizade e que possamos compreender o outro a partir de sua própria apresentação, na perspectiva do acolhimento e da percepção das suas presenças”.

As palavras de Karla retratam o sentido freireano, que expressa o diálogo como exigência existencial, sendo assim, incompatível com o ato de depositar ideias de um sujeito no outro, mas sim, um movimento que proporciona o encontro de ideias que possibilita a

construção de outros pensamentos através do que cada um pode expressar sobre si mesmo e sobre o mundo.

Porque é encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens. (FREIRE, 2011, p. 110)

O diálogo é o processo imprescindível e que dá início às aprendizagens nas Rodas de Formação, ampliado quando materializado no registro escrito. No caso da Roda dos Sentidos, a cada semana um sujeito ficava responsável pela escrita no portfólio coletivo do grupo. Transformando a escrita em outro espaço de formação docente. Destaco para esta compreensão o registro de Henriete, “[...] A escuta e o sentido de nossas reuniões esparrama-se por estas folhas (referindo-se às folhas do portfólio) e o que há de pessoal, particular em cada um é chamado elo coletivo”.

#### **6.1.4. A escrita como espaço de materialização do diálogo: reflexões dos sujeitos da Roda dos Sentidos**

Escrever para os professores torna-se necessário à medida que ao desenvolver o processo dialógico para fomentar sua constituição docente, o movimento da escrita materializa as discussões realizadas no coletivo de professores, instaurando um processo reflexivo sobre os estudos, relacionando-os à sua prática pedagógica.

Escritos que revelam quem somos, o que pensamos e o que sonhamos, como coloca Clarice Lispector quando afirma: “*Eu não escrevo o que quero, escrevo o que sou*”. Sendo assim, concordo com a professora Henriete quando coloca que a roda tem o sentido de movimento intenso, de exercício da alteridade, sendo um elo coletivo, com sentido de aprendizagem... (Karla, jun/11)

Warschauer (2001) enfatiza que escrever é imprimir o próprio pensamento, romper com a reprodução de algo que é alheio, com a prática escolar muito vivenciada pelo professor enquanto aluno e partir para o novo, para a construção da autoria. Relacionar-se com a escrita de forma diferente, como possibilidade de expressão do que nos interpela após os estudos, afirmando a capacidade dos professores em elaborar seu pensamento e definir sua compreensão do que estuda.

No caso da Roda dos Sentidos, a escrita era realizada no portfólio coletivo do grupo, ou seja, a cada encontro, um dos integrantes da roda escrevia suas impressões, seus

encantamentos, suas dúvidas, suas inquietações, entrelaçadas aos avanços teóricos dos estudos realizados. O próximo encontro era inaugurado pela leitura deste registro, fazendo com que os professores que vivenciaram esses momentos de aprendizagem pudessem perceber, a partir do olhar daquele que escreveu os avanços que estavam se configurando no decorrer do encontro, assim, como ressalta Marques (2001), a escrita que nos faz pensar e que se manifesta como outra forma de conversa, transforma-se em diálogo quando lida aos outros.

Deixo estes questionamentos registrados para que eu possa visualizar um elo entre o que estudamos e o que pesquiso, para refletir, pensar e repensar, resultando em uma nova escrita que pretendo compartilhar futuramente com a Roda dos Sentidos. (Patrícia, set/11)

Começo este relato contando, narrando e escrevendo o que despertou a minha atenção e ao mesmo tempo me inseri na incansável busca e procura por conhecimento. Não começo esta escrita descrevendo outras questões que despertaram a minha inquietude [...] devo confessar que ao escrever tenho no pensamento certa “expectativa do leitor” [...] assim, suspiro e escrevo, penso e tenho na lembrança o quanto foi bom participar desta tarde de estudos. (Jenny, abril/11)

Também era significativo o movimento realizado por quem não estava presente nos encontros e, por vezes, era lembrado, por seus relatos e interpretações dos conceitos a que nos dispomos a estudar. Com isso, quando este chegasse ao encontro posterior poderia inteirar-se do ocorrido, retomando a leitura pelos registros escritos no portfólio.

Muito nos chamava a atenção o quanto a escrita tornava-se significativa a cada novo registro. Nossa preocupação em colocar-nos como aprendentes também do processo de escrita materializava-se a partir dos relatos no portfólio coletivo, considerado como outro espaço de formação. Assim, expressa a escrita de Arthur (março/11) “Confesso que há pouco conheci a escrita, não a da alfabetização, mas a escrita do sentir, do pensar, do se expor para o leitor. Justamente eu que sempre fugi da escrita e me refugiei nos números, agora, me vejo gostando de lidar com algo que foi tão assustador”.

O sentimento de insegurança ao iniciar o processo de formar-se também através das reflexões que o registro escrito sobre os estudos e experiências vividas proporciona, pode ter sua origem nos momentos da vida escolar em que escrever era uma imposição sem significação. Warschauer (1993) acrescenta que a escrita pode ser mais difícil, pois compromete mais do que a fala, ao registrar nossas reflexões, podemos mudar de ideia, mas o que foi anteriormente escrito não pode ser mudado, por este motivo temos dificuldade em escrever sobre as aprendizagens quando estão no processo de construção.

A escrita no movimento da Roda dos Sentidos foi se modificando no decorrer do processo de formação, fomos dando liberdade a nos mesmos de nos abirmos ao outro pelos ditos e escritos compartilhados nos encontros. Escrevíamos para pessoas que faziam parte de nossas vidas, que a partir daquele momento contribuía para construirmos aprendizagens sobre conceitos relativos aos estudos e refletíamos sobre nosso trabalho docente. No processo de aprendermos uns com os outros e aprendemos a ler cada um em suas especificidades, constituíamos a Roda dos Sentidos. Desse jeito, relata Arthur sobre a escrita de Patrícia, “[...] quando a Patrícia desenvolve a sua escrita, ela começa teorizando Marx com muita competência, mas como é a Patrícia que conhecemos, não consegue ficar somente na teorização[...]”.

A escrita da experiência, quando é lida por outros, leva-nos a sair de nós mesmos para sermos capazes de partilhar os pensamentos, provocando a passagem do implícito para o explícito [...] Assim a escrita para o outro é, ao mesmo tempo, formadora da capacidade de partilhar. (WARSCHAUER, 2001, p. 190)

Neste sentido, escrever para a roda tornava-se significativo e a cada escrita, éramos convidados a reflexões intensas sobre nossa sociedade e nosso trabalho. Saíamos da zona de conforto que é escrever somente sobre o que estudamos e partimos para uma escrita reflexiva daquilo que vivemos enquanto grupo.

Acredito que seja porque na escrita nos desvelamos e nos revelamos quem realmente somos. Assim, poderia começar a escrever apenas sobre o que foi abordado na nossa roda dos sentidos desta quinta-feira, mas confesso que não seria uma escrita verdadeira. (Patrícia, maio/11)

Cabe ressaltar que escrever é um movimento que desacomoda, principalmente quando nos propomos a registrar os momentos vividos para além da construção dos conceitos a que nos propomos a aprender. No caso da Roda dos Sentidos, escrever tinha um tom de contar o que foi significativo nos encontros, as dificuldades em elaborar as aprendizagens sobre o que estudávamos e os sentimentos que estes momentos em roda mobilizavam.

Hoje fiquei com a tarefa de escrever em nosso diário, alias acredito não ser uma tarefa, porque tarefa me remete aos tempos da escola, quando o escrever era obrigatório, e esse meu escrever hoje é livre, com prazer... é gostoso escrever! Conforme os nossos diálogos das nossas prazerosas tardes de quintas-feiras vão sendo construídos. (Jenny, jul/11)

Warschauer (2001) enfatiza que acolher as experiências através da publicação da nossa escrita aos outros, aumenta a possibilidade de partilha e pode contribuir para iniciativas de



valorização da “voz” da prática como produtora de teoria. Para a referida autora, esse movimento, amplia a rede de partilhas e a articulação entre a teoria, a prática e a autoria.

Escrever desperta em cada sujeito da Roda dos Sentidos sentimentos de vivenciar e compartilhar um espaço de aprendizagem significativo na medida em que, ao mesmo tempo, em que expressamos esses sentimentos, nos envolvemos no estudo intenso do referencial a que nos propomos estudar. Conforme escreve Donatella, “[...] estou aqui pensando em como escrever para a roda meus sentimentos sobre tantos momentos de troca de saberes”.

As discussões na Roda dos Sentidos nos faz pensar sobre nosso sentimento de ser e estar no mundo e com os outros, o movimento de escrita a partir de um processo reflexivo de debate com o grupo fomenta novas discussões e contribuem para nossa formação docente constituindo-se como espaço de pensar sobre nosso trabalho e o contexto social em que o realizamos. Destacamos na escrita de Eleanor este enfoque, de acreditar nas lutas históricas vivenciadas pelo professorado e que nos define como trabalhadores e cidadãos: “Penso que devemos acreditar em nossos objetivos e lutar por eles, sejam enquanto trabalhadores ou cidadãos. Com esse sentimento vou encerrando minha escrita no portfólio, ansiosa por mais uma tarde de encontro e discussão”. (out/12)

Para Warschauer (1993) ao registrar o vivido deixamos marcas que retratam a história que foi construída neste processo. Ao escrever sobre a trajetória na Roda dos Sentidos, entrelaçando os referenciais estudados às impressões sobre a experiência de estudar no coletivo, os sujeitos que participaram dessa metodologia de trabalho construíam a história da Roda, resignificando sua própria formação docente.

Enfatizamos a escrita por meio dos registros no portfólio da Roda dos Sentidos, como forma de materializar os sentimentos e aprendizados vivenciados neste espaço, ratificando que este é um movimento que contribui para a constituição da identidade da roda, efetivando a formação docente.

Na minha ausência houve dois encontros e foram lidas duas escritas registradas no portfólio e estas escritas foram relidas para que eu pudesse saber o que se desdobrou na minha ausência. Um carinho por certo. Assim recebi essas releituras e as ouvi com muita atenção, percebendo cada palavra como se estivesse saboreando uma refeição preparada com ingredientes especiais. (Arthur, set/11)

O portfólio como espaço coletivo de registro dos encontros da Roda dos Sentidos tornava possível materializar nossos encontros a partir do olhar de um dos sujeitos da roda. Em muitos momentos foi possível voltar para reler sobre os encontros passados, fomentando

as escritas posteriores, assim como nossos sentimentos no decorrer de todo o processo formativo.

Relendo as narrativas, percebo que a escrita é reveladora das nossas vivências e singularidades. (Karla, nov/12)

Assim, encerro esse relato, meio narrado meio descrito, meio racional e meio emocional, uma escrita pensada e sentida. (Arthur, março/11)

Com licença, grupo, mas não vou registrar aqui, desta vez, o “conteúdo” literal do livro. Aprendi com Marx que a “vontade deve estar orientada a um fim”. Assim, em minha mente, projetei uma escrita que se aproximasse da narração de percepções tidas durante nosso último encontro. (Henriete, agosto/11)

“A escrita da própria experiência é oportunidade com grande potencial formativo, seja nos moldes de diários, seja em textos narrativos das experiências, sobretudo quando se trata de estratégia coletiva de análise de práticas” (WARSCHAUER, 2001, p. 185). Deste modo, a história da Roda dos Sentidos foi delineando-se no movimento de aprender uns com os outros, materializada nos registros escritos no portfólio coletivo. Ao retornar ao tempo ido, através da releitura dos registros, as percepções do modo como as experiências são contadas tornam esses momentos ressignificados pelos sentidos atribuídos nesse contexto.

Na metodologia das Rodas de Formação, utiliza-se a escrita em forma de relatos, reflexões, narrativas, como forma de materialização dos encontros vividos pelos componentes dessas Rodas. Cada grupo que se constitui, desenvolve estratégias para ressignificar os encontros vividos. Os registros escritos fazem parte do cotidiano das Rodas de Formação, visto que se torna mais um espaço de formação no contexto dessa metodologia.

Pelo processo de escrever somos capazes de produzir conhecimento sobre “ser professor”. Desse modo, ao tratar de um processo de formação específico, no espaço que é a Roda dos Formadores, ainda que o diálogo seja potencializado e entendido como fundamental no processo formativo, apostamos na complementaridade da escrita, compreendida também como modo de ampliar esse diálogo ao possibilitar o registro das vivências, das reflexões e das aprendizagens construídas. (LIMA, 2011, p. 98)

O processo de elaboração de um portfólio reflexivo e de formação do professor tem, na escrita, a possibilidade, para quem registra, de vivenciar, registrar, lembrar e refletir situações relativas à formação. (FIRME e GALIAZZI, 2013, p. 2) Por isso, no portfólio coletivo, os registros escritos sobre considerações dos estudos realizados em Roda, das impressões dos próprios encontros, do sentido de ser professor no diálogo com os pares, tornam-se indispensáveis ao movimento de formação docente.

O significado dado ao portfólio coletivo na Roda dos Sentidos está para além do simples relato descritivo. Sentimentos, angústias, dúvidas, ideias, compreensões em construção, inquietações, emergiam no momento da escrita onde relembávamos os momentos vividos na roda. Esta perspectiva de registro, para além da descrição, pode ser observada nas escritas dos sujeitos da Roda dos Sentidos:

Desta vez fui eu quem ficou com o caderno de narrativas, ou melhor, como o diário do grupo, ou ainda, como o livro de relatos com as ideias, pensamentos entrelaçados e contados em palavras. (Jenny, abr/11)

As páginas não são mais em branco, ganharam sentidos, cores, palavras, imagens, identidades e acima de tudo, muita amorosidade. Confesso que ainda me acostumo com essa forma de registro que ultrapassa a dimensão descritiva e ganha na narrativa o tom da conversa, da confiança e porque não da cumplicidade. (Arthur, maio/11)

Conforme podemos ler nos escritos dos sujeitos da roda, o portfólio tornou-se espaço de contar-nos, compartilharmos e construirmos as aprendizagens do que nos dispomos a estudar.

Os registros escritos, também, supõem um movimento de resgate da memória, como forma de materializar o vivido, como percebemos nas escritas dos sujeitos da Roda dos Sentidos:

[...] escrever no portfólio com intuito de lembrar, registrar e compreender os nossos movimentos na Roda da última quinta-feira [...] (Patricia, out/11)

Amigos, finalizo afirmando que os inúmeros escritos deste portfólio são como cartas destinadas a pessoas queridas, interessadas em registrarem os melhores momentos [...] O portfólio se assemelha a uma caixa de memórias... (Karla, set/11)

A escrita do que foi vivido pode contribuir para a apropriação dos referenciais estudados, fomentada pelo exercício do diálogo. É ao escrever o que a discussão propiciou que percebemos a coerência e a relevância de todo o processo dialógico, muitas vezes, confuso aos iniciantes nessas vivências de formação diferenciadas, que transforma o professor em sujeito ativo na própria formação.

A escrita no portfólio coletivo possibilita o desenvolvimento do trabalho em grupo, a partilha de ideias e, principalmente, a construção da responsabilidade de cada participante na elaboração desse mesmo portfólio. É uma possibilidade de formação em grupo, que depende do compromisso de cada participante que nele escreve, lê e reescreve [...](FIRME e GALIAZZI, 2013, p. 3)

O compromisso em participar do registro coletivo nos torna imersos na Roda da qual fazemos parte, nos aproxima e dá visibilidade aos nossos pensamentos, aprendemos a exercitar nosso senso de coletividade, ao escrever de forma a contribuir com os estudos do grupo como um todo. Refletimos sobre cada discussão em Roda, sobre aquilo que é dito e também sobre os momentos de silêncio, necessários à reflexão.

Ao compartilhar oralmente o registro escrito, quem escreve dá sentido a sua construção, fazendo com que os ouvintes ressignifiquem suas próprias interpretações sobre os estudos e sobre o encontro que é relatado, assim, concordamos com Souza (2010) ao destacar que “quando alguém narra uma experiência, (com)partilhando-a na Roda, outros interlocutores podem dela apropriar-se por inteiro e, ainda assim, a experiência retorna para o narrador ressignificada (p. 18)”.

Dessa forma, ao escrever e narrar sobre o encontro anterior, podemos compartilhar nossas compreensões e nossas inquietações. Conversamos com o outro em nosso pensamento, com suas palavras ditas no encontro sobre o qual escrevemos. Esses sujeitos estão presentes já que, a partir da lembrança dos seus ditos, aparecem em nossos pensamentos durante a escrita contribuindo significativamente para nossas reflexões.

Os sujeitos da Roda dos Sentidos são lembrados por aquilo que afetaram uns aos outros, a partir de seus ditos, de seus rostos, de suas memórias, que contribuíram para construir a história da Roda, partindo da história de cada um, contidas em seus relatos no portfólio:

Quando releio os registros, vejo rostos e suponho intenções, entendo motivos e suponho possibilidades... projetos... sobretudo sinto-me em boas companhias, feliz mesmo por ser Roda e aprender como os movimentos que ela convida a fazer. (Henriete, maio/11)

Chego curiosa para reler as maravilhosas escritas no portfólio, as quais, a cada relato, convidam-nos ao resgate das imagens de rostos, de sorrisos, de questionamentos e saberes, enfim, são as imagens de um percurso que registra uma história e anuncia o desejo de conhecer e aprender de cada sujeito. (Karla, nov/12)

O movimento de registrar de forma reflexiva as vivências nas Rodas de Formação são exercícios significativos para que o professor faça dele um hábito também em seu cotidiano na instituição onde atua. Escrever sobre suas vivências na sala de aula pode contribuir para pensar em estratégias de construção de conhecimentos desafiando-se a novas práticas pedagógicas no seu contexto de trabalho.

Warschauer (1993) defende que a disciplina do professor em registrar os acontecimentos e os avanços teóricos e pedagógicos, faz com que ele construa um caminho de autoeducação, este movimento “[...] consiste num re-pensar a ação pedagógica, num momento posterior a ela. Neste momento, o professor toma uma distância de seus atos e da realidade da sala de aula, de forma a distinguir-se do vivido para olhá-lo de uma forma particular (p. 35)”.

Quando o professor pensa sua ação pedagógica, exerce a capacidade de vivenciar a formação permanente, vinculando todas as áreas as quais percebe importantes para contribuir na transformação de seus fazeres e saberes no seu espaço de trabalho.

O professor toma consciência das relações entre o que pensa e o que faz, entre suas intenções e realizações, aproximando teoria e prática pedagógica. É um movimento dialético, pois toma a prática uma ação pedagógica mais lúcida, coerente e justa. É um *pensar na ação*, que possibilita ao professor articular os objetivos mais gerais da educação escolar e a realidade concreta de seus alunos. (WARSCHAUER, 1993, p. 35)

O exercício do registro reflexivo na formação possibilita que o professor perceba esse movimento como possível e imprescindível à prática pedagógica significativa. Percebendo essa atividade como possibilidade no cotidiano de sala de aula com seus alunos, construindo nesse espaço uma dinâmica diferente de ensinar e de aprender.

Conforme escreve Henriete: “[...] Portfólio não só diz o que foi, mas também pode anunciar o que convida a vir...” Além dos importantes avanços teóricos que o grupo realizou no coletivo, a Roda dos Sentidos proporcionou outra perspectiva de formação docente. A construção de estratégias para aprender, a abertura ao diálogo, a forma de materializar os encontros e avanços teóricos através da escrita, foram especificidades que constituíam esta Roda de professores, contribuindo para que pudessem refletir, através dos significados vivenciados neste espaço, sobre sua prática pedagógica com seus alunos.

Nesta perspectiva, Warschauer (1993) acrescenta que é importante acreditar que a aprendizagem é gradual, que respeitando as individualidades e as histórias de vida dos sujeitos com os quais interagimos na busca pelo conhecimento, sejam eles alunos ou professores, levaremos em conta que aprender é um ato contínuo, para a referida autora, “aprender faz parte da vida”.

#### **6.1.5. Considerações finais**

A Roda dos Sentidos constituiu-se pela resignificação dos processos de formação docente, expressando outros significados aos estudos e formação no coletivo como espaços

onde os professores entendem-se participantes efetivos na construção dos seus saberes e fazeres.

Estudar em Rodas de Formação torna significativo o processo de construção de saberes e fazeres, pois estes se dão num espaço ao qual entendemos coletivo, quando nos reunimos com objetivos comuns, mesmo que não tenhamos os mesmos pensamentos, mesmo que não concordemos com os mesmos aspectos sobre aquilo que estudamos, esse espaço coletivo proporciona o movimento da partilha, momento em que nos abrimos ao dizer do outro, ressignificando nossos próprios dizeres. Assim como avistamos no relato escrito:

Os sentidos de todos... gostei de escrever... Em nosso último encontro a Patrícia comentou: “— Não quero mais fazer disciplina, quero fazer só Roda!” Eu também... e que as disciplinas possam ganhar feições de Roda. Finalizo dizendo que os sentidos desta Roda é, pra mim e em mim, aprendizagem [...] sou grata pela vivência ao lado de vocês que me ensinam modos de se relacionar para além das relações sociais capitalistas. (Henriete, maio/11)

O estudo e formação em Roda tem seu significado singular, pois desponta de um lugar que sai da comodidade do ouvir e parte para o lugar de compartilhar, considerando que durante nossa vida profissional poucos são os momentos em que nos reunimos enquanto categoria docente, para dialogar sobre o que nos angustia, esta metodologia torna-se possibilidade significativa para a formação de professores.

O estudo e formação em Rodas proporcionam outros movimentos de construção de saberes, como metodologia de trabalho que possibilita o diálogo e a construção de sentido para os referenciais que nos propomos a estudar. Torna-se espaço de constituição docente pelo elo coletivo.

Assim como o diálogo, a escrita é uma estratégia bastante significativa quando torna-se parte do movimento de aprender com os outros, escrever para construir conhecimento e compartilhar aprendizagens na Roda de Formação, é uma forma de ampliar o diálogo no processo de formação docente, especialmente quando compartilhada com outros professores, com a leitura dessas escritas durante os encontros.

Estudar em Roda nos proporciona reflexões interessantes, os estudos teóricos, nos convidam a pensar nas fragilidades de nossa formação inicial enquanto professores, abrangente demais, sintética demais, quantas vezes paramos e nos perguntamos: “Isto não deveria ser lido na graduação?” Estudar em Rodas de Formação nos possibilita compreender

que a formação docente deve ser vivenciada no decorrer da profissão, enfatizando a formação continuada como imprescindível.

## **6.2. ESTUDOS SOBRE CATEGORIA TRABALHO NO ESPAÇO COLETIVO DA RODA DOS SENTIDOS: AMPLIANDO O DEBATE SOBRE O TRABALHO DOCENTE.**

**Maria Claudia Cardoso Farias**

**Vanise dos Santos Gomes**

**Resumo:** O presente artigo traça reflexões sobre uma pesquisa em nível de mestrado, que tem como temática a formação de professores na perspectiva das Rodas de Formação. A pesquisa foi realizada a partir da análise dos registros escritos semanalmente em um portfólio coletivo pelos sete professores que participavam da Roda dos Sentidos, durante os anos de 2011 e 2012, onde estudavam a categoria trabalho e seus entrelaçamentos com o trabalho docente na perspectiva marxista. Busca-se responder ao questionamento: que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos? Inspiram-se na metodologia da Análise Textual Discursiva – ATD, de Moraes e Galiuzzi, para análise dos dados. Desenvolve-se a categoria “reflexões sobre a categoria trabalho entrelaçada ao trabalho docente”. Para esta análise alicerçam-se o estudo através de Antunes, Marx, Lima, Saviani, Freire, entre outros. A partir das reflexões realizadas no decorrer das análises constata-se que as *metamorfoses* do mundo do trabalho modificam também a estrutura do trabalho docente. É importante fortalecer os coletivos de trabalhadores representados pelos sindicatos e resgatar o sentido das lutas históricas em prol da valorização da profissão, a fim de vivenciar uma *vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho*.

**Palavras-chave:** Roda dos Sentidos, Trabalho e trabalho docente, Sentidos do trabalho.

**Abstract:** The following article builds reflections on a Master's level research, which has teacher's education from "Teachers' Training Circle" perspective as the theme. The research was developed from the analysis of what seven teachers, who were participating at "The Circle of Meanings", had wrote weekly in a collective portfolio of records during 2011 and 2012, in which they were researching work category and its connections with teaching from a Marxist perspective. The aim is to answer the following question: which are the teachers' education meanings experienced on collective environments such as "The Circle of Meanings"? The Discursive Textual Analysis - DTA methodology, by Moraes and Galiuzzi,



inspired them to analyze these data. The category “reflections about work category connected to teaching” is then developed. Antunes, Marx, Lima, Saviani, Freire and others’ studies are the base for this analysis. From the reflections made during the analysis, it is possible to assume that the *metamorphosis* from work environment can also modify the structure of teaching. It is important to empower the groups of workers represented by the labor Unions and to recover the meaning of historical class struggles for profession recognition, in order to experience a meaningful life both at work and out of it.

**Keywords:** The Circle of Meanings, Work and teaching, Work Meaning.

O presente artigo traça reflexões sobre as mudanças no mundo do trabalho que atravessam o trabalho docente, conseqüentemente, a formação de professores. Busca-se argumentar que a metodologia de trabalho nas Rodas de Formação contribui para pensar o significado de coletividade na construção dos saberes e fazeres docentes. Podendo mobilizar assim, o resgate dos sentidos das ações políticas dos movimentos sindicais como representação do coletivo docente, construindo assim, significados para a vida dentro e fora do trabalho.

<sup>21</sup>Os professores têm vivenciado espaços formativos que auxiliam no avanço de algumas discussões, mas sua mobilização para tornarem-se críticos e modificadores de sua prática pedagógica pode ser possibilitada em espaços onde o diálogo não é a metodologia mais evidenciada? Se pensarmos nas formações em modelos de palestras, por exemplo, somente as reflexões individuais sobre o assunto tratado, ou pequenas intervenções ao final da exposição podem contribuir de forma significativa para pensar o cotidiano da vida profissional?

Não descartamos a importância da participação em eventos em que os professores possam ouvir os colegas e/ou pesquisadores exporem os avanços e dificuldades que tem sido fonte de análise e produção científica, pois estes espaços também são fonte de construção de

---

<sup>21</sup> As escritas desta dissertação contem a repetição do 2º ano 7º parágrafos nos três últimos textos, devido à especificidade da organização em artigos. Sugiro à banca que pule estes parágrafos, se assim considerar necessário, para que a releitura não se torne cansativa.

saberes. O que fomenta a discussão neste artigo, porém, é a utilização de metodologias que tornem possível uma articulação entre o que se estuda e os interesses dos contextos de trabalho dos professores.

Neste sentido, o movimento de formação a que nos referimos pode ser considerado como alternativa a ser pensada e construída junto ao coletivo de professores para pensarem o espaço onde atuam nas diferentes instituições de ensino. Damos destaque, assim, às chamadas Rodas de Formação, que surgem através da tese de Warschauer (2001), como espaço formativo diferenciado, que possibilita o diálogo, a troca de experiências e a construção de sentidos formativos para os sujeitos que estão envolvidos nesta perspectiva de formação.

Para compreendermos a relevância desta metodologia de trabalho, apresentamos a pesquisa realizada em nível de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que teve como objeto de estudo um grupo de professores disposto a aprofundar estudos acerca da categoria trabalho e das suas interlocuções com o trabalho docente, na perspectiva marxista, para uma melhor compreensão da sociedade vigente, buscando também entender no que as amarras deste sistema influem no trabalho docente. Tal grupo chama-se Roda dos Sentidos, assim intitulada por um dos componentes do grupo, inspirado pelo título do primeiro livro de Antunes (1999) que estudamos: “Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho”.

Foram sujeitos da pesquisa os componentes da Roda dos Sentidos, sete professores: um engenheiro, doutor em Educação em Ciências e professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, campus Rio Grande; três pedagogas mestradas do PPGEDU; uma doutora em educação ambiental, professora de história da rede estadual; duas doutoras em educação, professoras do Instituto de Educação da FURG.

Os nomes dos sujeitos que compõe a escrita desta dissertação são fictícios, escolhidos pelos componentes da Roda dos Sentidos, alguns deles relacionados à Marx, a partir do estudo da história deste filósofo, como por exemplo, Henriette que era o nome de sua mãe, Jenny e Eleanor que foram suas filhas. Donatella foi o nome escolhido por assim se chamar a esposa de István Mészáros que, como professora, se engajou na luta pela educação, juntamente com o filósofo. Patrícia foi um nome escolhido de forma afetiva, pois era a segunda opção no nascimento, assim com Arthur, que preferiu um nome pequeno, mas que demonstrasse força.

A discussão que impulsionou a pesquisa apontou para a seguinte questão: que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos? Na busca de possíveis respostas, foram analisados registros escritos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos nos anos de 2011 e 2012. Essas escritas compunham o que chamamos de portfólio coletivo do grupo, onde a cada semana um dos professores fazia o registro dos questionamentos, das dúvidas, dos anseios, dos sentimentos e dos avanços teóricos realizados pela Roda dos Sentidos.

Inspirados na metodologia da Análise Textual Discursiva – ATD<sup>22</sup>, de Moraes e Galiuzzi (2007), emergiram três categorias de análise, sendo que o presente texto busca discutir a seguinte: “reflexões sobre a categoria trabalho entrelaçada ao trabalho docente”.

Para este fim, buscamos um diálogo reflexivo com alguns autores que contribuem para melhor pensarmos as metamorfoses do mundo do trabalho, Antunes (1999, 2011); modo de produção capitalista, Marx (1849, 1865); trabalho e educação, Saviani (2007); os sentidos do trabalho docente, Lima (2005); Rodas de Formação como metodologia de trabalho, Warschauer (2001); formação de professores nas Rodas de Formação, Lima (2011); precarização do trabalho docente, Oliveira (2004); educação como ato político, Freire (1996).

Considerando a importância do tema sobre formação docente, apostamos, enquanto metodologia de trabalho no coletivo de professores, na perspectiva das Rodas de Formação, como possibilidade para a efetivação do movimento a ser realizado de estudo e diálogo para compreender de forma reflexiva o contexto da instituição onde trabalham e fazer interlocuções entre teoria e prática.

Como coletivos de formação que potencializam a troca de saberes e fazeres docentes, as Rodas de Formação é uma metodologia defendida por Warschauer (2001) considerando-as como espaços que viabilizam o diálogo, a troca de experiência e a construção de conhecimentos com sentidos para os sujeitos participantes desse movimento que é potencializado através dos registros escritos pelos professores.

---

<sup>22</sup> A metodologia de Análise Textual Discursiva – ATD de Moraes e Galiuzzi (2007), consiste na impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, realizando leituras e releituras dos textos; unitarização, momento em que os textos são separados em unidades de significados, pelos sentidos que cada fragmento aponta; pela aproximação das ideias contidas nas escritas, são construídas as subcategorias, das quais emergem as categorias finais; os metatextos são construídos a partir das categorias finais, momento em que o pesquisador traça análises com relação aos ditos dos sujeitos da pesquisa entrelaçados aos referenciais teóricos.

Na Roda dos Sentidos, registrar no chamado portfólio coletivo, os momentos vividos e os avanços teóricos do grupo de professores reunidos, contribuía para que as aprendizagens fossem ressignificadas. Na metodologia das Rodas de Formação, segundo Warschauer (2001) é a partir dos registros que os docentes deixam marcas que retratam a história que foi vivida durante o processo de formação.

### **6.2.1. Avanços teóricos construídos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos: a possibilidade da ampliação do debate no estudo coletivo**

A formação de professores quando pensada no espaço coletivo surge como alternativa à construção dos saberes e fazeres de forma que os professores tornam-se ativos no processo formativo, construindo sentido para os referenciais estudados avançando nos conceitos e relacionando-os com os contextos de trabalho.

O referencial teórico estudado pela Roda dos Sentidos possibilitou avanços no que diz respeito à compreensão do sistema societário vigente, ao adentrarmos nas concepções sobre a categoria trabalho, fazendo entrecruzamentos com as questões do trabalho docente, íamos construindo conceitos e elaborando argumentos para entendermos nosso papel enquanto sujeitos ativos na sociedade.

Este aspecto fica evidenciado na escrita de Karla<sup>23</sup>, quando destaca: “[...] percebi que não poderia ficar sem a possibilidade de construir outros conhecimentos que interpenetram a compreensão sobre nossas próprias vidas: o entendimento acerca dos conflitos que perpassam o cotidiano nas relações de trabalho que construímos”. (nov/12) Observamos neste registro, a preocupação com as questões das relações sociais e conseqüentemente de trabalho, que são permeadas pela lógica capitalista que organiza o sistema societário vigente, interferindo diretamente nas relações com os outros.

O registro de Arthur (maio/11) ressalta a intensidade do estudo em Roda, quando nos propomos ao diálogo com o outro e à busca pela construção do conhecimento no coletivo. As estratégias utilizadas pelo grupo para fomentar o debate e avançar nos conceitos torna as aprendizagens significativas.

Foi uma roda muito intensa [...] Penso ser esse capítulo vital para compreender os principais sentidos que o trabalho pode assumir na sociedade capitalista. [...] Percebemos que o mundo do trabalho tem se

---

<sup>23</sup> Os nomes aqui utilizados são fictícios e escolhidos pelos sujeitos, alguns em encontros da Roda dos Sentidos, outros em diálogos informais.

modificado radicalmente na contemporaneidade e compreender esses sentidos não é tarefa fácil, mesmo sob a batuta do Antunes [...] Minha racionalidade que tem sido provocada pelas leituras e pelas discussões que nos remetem aos dicionários e textos em busca de significados que nos entrelaçam. Esses momentos de aprendizagem tem sido especialmente bons. (Arthur, maio/11)

Compreender a sociedade a partir dos referenciais marxistas possibilitou aos professores da Roda a ampliação do debate pensando nessas discussões com seus alunos, nos seus contextos de trabalho. Esse aspecto pode ser observado no registro de Patrícia ao expressar o quanto é importante para seus alunos compreenderem o contexto social em que estão inseridos: “[...] é preciso o aluno ter contato e estudar os elementos que sustentam a sociedade capitalista, é necessário fazer os alunos conhecerem e pensarem sobre a mais-valia<sup>24</sup>, a força de trabalho<sup>25</sup>, o lucro<sup>26</sup>, o salário<sup>27</sup>, o preço<sup>28</sup> das mercadorias, a vida nesta sociedade”.

Considerando a perspectiva marxista, em que o trabalho em sua gênese consiste na transformação da natureza com o intuito de suprir a necessidade humana, consideramos importante, enquanto educadores que compartilham vivências em uma sociedade organizada por classes, entendendo as modificações que ocorreram no mundo do trabalho nas últimas décadas, compreender as amarras do sistema vigente neste espaço. Saviani (2007), expressa este conceito para que possamos entender o trabalho como essência humana.

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico. (SAVIANI, 2007, p. 154)

Neste sentido, o homem constrói sua essência humana ao transformar a natureza através do seu trabalho, constituindo-se sujeito histórico, aprendendo a viver no contexto

---

<sup>24</sup> Segundo Marx (1865), a mais-valia consiste no subtrabalho ou trabalho excedente, ou seja, dentro da carga horária do trabalhador, existe um tempo de trabalho comprado pelo capitalista para que o trabalhador exerça sua força de trabalho e existe um tempo de trabalho que excede o tempo vendido pelo trabalhador, daí constitui-se a mais-valia.

<sup>25</sup> O que os operários vendem ao capitalista em troca de dinheiro (MARX, 1849, p. 33)

<sup>26</sup> Segundo Marx (1865) o lucro consiste em uma das partes da mais-valia.

<sup>27</sup> Segundo Marx (1849), o salário se dá pelos custos de produção da força de trabalho e dos custos de existência do trabalhador.

<sup>28</sup> Segundo Marx (1849), o preço da mercadoria é determinado pelos custos que abrangem a produção, determinado pelo tempo de trabalho necessário a esta produção.

social do qual faz parte, relacionando-se com o outro e com o mundo, aprendendo com as mudanças na história da sociedade capitalista.

A teoria marxista aponta as mudanças do sistema social, como necessárias para que este prevaleça e se fortaleça fazendo com que os sujeitos que vivem neste contexto desacreditem na possibilidade de um modelo social diferente. Assim como a sociedade se modifica no decorrer da história, o mundo do trabalho também passa por essas mudanças.

Jenny (MAIO/12) destaca em seu registro a construção da Roda dos Sentidos, sobre o conceito dessas mutações no mundo do trabalho. “[...] Não podemos negar que as transformações do mundo do trabalho alimentam a expansão do capitalismo, estas caminham lado a lado, se reinventam igualmente”. A partir desse relato compreendemos com os estudos de alguns textos de Marx (1865, 1983), que historicamente a sociedade do capital se modifica e se fortalece a cada crise.

Neste processo histórico, a categoria trabalho, denominada por Antunes (1999) como classe-que-vive-do-trabalho, sofre *metamorfoses*, como conceito contemporâneo da *classe trabalhadora*, assim intitulada pela teoria marxista. Segundo o referido autor, [...] uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que *vendem sua força de trabalho em troca de salário*[...], por exemplo, os trabalhadores parciais precários, os temporários, os subcontratados, os terceirizados, além dos desempregados, que contam como mão de obra reserva de trabalhadores industriais.

Nesta perspectiva, se o mundo do trabalho sofreu *metamorfoses* no decorrer da história, como não considerar as mudanças ocorridas com relação ao trabalho docente? Os trabalhadores das indústrias, diretamente ligados à fabricação de mercadorias e que do ponto de vista do processo de produção são responsáveis pela geração de mais-valia e por consequência, pelo aumento do capital, foram atingidos pelas mudanças no mundo do trabalho.

Os professores - como parte da categoria de trabalhadores da educação - têm construído sua história através das lutas por valorização profissional e, por conseguinte, melhores salários. Mas, como trabalhadores, também sofrem com as mudanças no mundo do trabalho.

Neste contexto, a formação de professores tem se modificado desde o processo inicial. Vieira (2012) destaca que as mudanças no curso de pedagogia a partir da Resolução CNE/CP nº 1/2006, aponta para uma formação generalista, pois embora o curso tenha um enfoque

maior para a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, ainda abrange a gestão, e conforme destaca o artigo 4º a docência no ensino médio no Curso Normal.

Jenny destaca este aspecto sobre as mudanças no que tange a formação de professores, “[...] percebemos o profissional polivalente dentro do curso de Pedagogia, onde antes era especialista em educação infantil ou em anos iniciais, hoje é um profissional que forma-se para atuar em ambas as áreas [...]” (maio/12). Nesta escrita, podemos observar que na educação ocorreram mudanças a partir das que aconteceram no mundo do trabalho, ao registrar o termo “profissional polivalente”, Jenny ressalta o vocabulário capitalista inserido já na formação inicial dos professores.

Ressaltamos assim, a interferência das metamorfoses do mundo do trabalho nas questões ligadas ao trabalho docente, buscando exemplificar com a escrita de Jenny que se torna imprescindível o diálogo sobre o sistema societário que interpela nosso fazer docente. A reorganização do coletivo das categorias de trabalhadores pode caminhar como possibilidade de enfrentamento das novas demandas do capital incluindo neste âmbito a categoria dos professores.

Os professores que participavam do movimento de aprendizagens na Roda dos Sentidos buscavam construir os conceitos dos referenciais marxistas acreditando que esta compreensão é necessária para entender as amarras do sistema no qual vivemos. E no caminho percorrido para adentrar nestes estudos, eram construídas estratégias para serem compartilhadas no percurso das aprendizagens, como ressalta a escrita realizada por Arthur (maio/11) no portfólio coletivo da Roda dos Sentidos:

As páginas não mais em branco ganham sentidos, cores, palavras, imagens, identidades e acima de tudo muita amorosidade. Confesso que ainda me acostumo com essa forma de registro que ultrapassa a dimensão descritiva e ganha na narrativa o tom da conversa, da confiança e por que não da cumplicidade.

Da mesma forma, Karla (jun/11) destaca a potencialidade da utilização das imagens para o avanço nos conceitos a que a Roda se propunha a estudar, assim, escreve: “A nossa Roda é humanizadora em seu propósito e na sua dinâmica cotidiana: pelos dizeres, pelas imagens, pelos saberes e pelas escutas que potencializam, inventam e reinventam modos de busca por uma vida cheia de sentido”.

É importante destacar que “[...] além de desenvolver a criatividade e a originalidade, facilitadas pelo uso das diferentes linguagens, o portfólio pode ser um instrumento

organizador e revelador da aprendizagem”. (FIRME, 2011, p. 29) Neste sentido, a utilização de imagens, músicas, trechos de poesias, podem auxiliar como estratégia no desenvolvimento da compreensão dos referenciais estudados.

### **6.2.2. As metamorfoses no mundo do trabalho e o enfraquecimento dos movimentos sindicais: o resgate dos sonhos como possibilidade de enfrentamento**

O movimento sindical dos trabalhadores docentes é um dos espaços de construção do sentido de coletividade para esta categoria profissional. Com força de representação necessita ser percebida pelos docentes como lugar de reivindicação dos direitos e do fortalecimento das lutas históricas que constituem a docência, conforme Arroyo (2000).

Como espaço que estuda o trabalho e as interlocuções com o trabalho docente, a Roda dos Sentidos, a partir dos textos de Antunes (1999, 2011) e Marx (1845), sentia-se motivada a compreender o movimento sindical no contexto brasileiro. Além disso, como professores, alguns sindicalizados por atuarem em instituições de ensino, íamos compreendendo as amarras do sistema capitalista em prol do sufocamento desses movimentos.

O enfraquecimento das representações das categorias de trabalhadores tem contribuído para que a sociedade se distancie das discussões sobre as relações sociais capitalistas. Vítimas de uma mídia neoliberal, que busca introduzir pensamentos antagônicos às lutas de classes, a maioria da população fica a mercê da opinião formada por vozes e imagens manipuladoras que fazem parte dessas mídias.

Os sindicatos tem se tornado alvo de críticas rígidas, desqualificando sua representatividade. As avalanches de posicionamentos negativos por parte da mídia a esses movimentos sociais descartam qualquer ilustração ao que tem enfraquecido as representações dos trabalhadores por meio dos sindicatos. Sem destacar o que acontece dentro do mundo do trabalho que interfere substancialmente neste aspecto. Observamos isto nas palavras de Eleanor:

[...] são várias questões que alimentam a crise sindical, as quais afetam diretamente nas relações de trabalho, como por exemplo, a dificuldade do desenvolvimento de uma “consciência de classe” dos trabalhadores, ou seja, a falta de interesses em comum de mobilização e de luta. (out/12)

Este fato é reflexo de uma classe dividida pelas novas faces do mundo do trabalho, conforme ressalta Antunes (1999), a subdivisão do trabalho em categorias menores contribui



para a desestruturação da classe como um todo. A dificuldade dos trabalhadores temporários<sup>29</sup> construir o sentido de coletividade e participação sindical se dá pelo tempo curto e determinado a que é contratado para uma tarefa específica.

Eleanor traz à discussão na Roda dos Sentidos uma imagem disponível na internet para fomentar o diálogo, do que seria a compreensão sobre a união dos trabalhadores em prol de uma categoria como um todo.

Figura 1 – Força sindical



[http://geografiaem360graus.blogspot.com.br/2011\\_04\\_01\\_archive.html](http://geografiaem360graus.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html)

A imagem foi escolhida, pois representa a força dos trabalhadores, a força da coletividade, da organização. Um braço só, mas que representa muitos, permitindo que suas vozes sejam ouvidas na luta pela garantia de seus direitos. Seria esse braço a força de um sindicato organizado? Com efetiva participação dos trabalhadores? (out/12)

Henriete busca realizar uma reflexão teórica, trazendo as palavras de Antunes (1999) para construirmos o debate acerca do enfraquecimento dos movimentos sindicais, salientando, que ao aceitar o desmembramento da categoria, o aumento de vagas temporárias, por exemplo, contribuem para a precarização do trabalho, diminuindo a possibilidade de fortalecimento da categoria, onde o trabalhador que faz parte de uma categoria flexível, não se percebe participante ativo nos movimentos sindicais. Segue o registro de Henriete:

O contexto de atuação dos sindicatos é seduzido pelos cantos do poder, perde sua identificação de antes e torna-se, nas palavras de Antunes, “cada vez mais a expressão institucionalizada de um grupo de pressão e cada vez menos um sindicalismo com representação de classe”. Com “olhos para

---

<sup>29</sup> Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (TEM), o trabalho temporário é aquele prestado por pessoa física a uma empresa, para atender a necessidade transitória de substituição de seu pessoal regular e permanente ou a acréscimo extraordinário de serviços, e está regulamentado pela Lei nº 6.019, de 03 de janeiro de 1974 e pelo Decreto 73.841, de 13 de março de 1974. Dentro da teoria marxista, conforme Antunes (1999), o trabalho temporário surge como uma das formas de subproletarização da classe-que-vive-do-trabalho- hoje.

baixo”, aceita a inserção do parttime e a terceirização e, com isto, a maior precarização do trabalho. (maio/11)

Antunes (2011) ratifica que as metamorfoses do mundo do trabalho transformaram a classe trabalhadora, tornando-a, em suas palavras, *mais heterogênea, fragmentada e complexificada*. O que, conseqüentemente, afetou também os órgãos sindicais no mundo todo. O autor destaca, ainda, que especialmente na década de 1980, houve uma diminuição significativa no que tange as taxas de sindicalização em nível mundial. O que, a partir de então, tem sido uma característica progressiva no decorrer dos anos.

Com a relação entre trabalhadores e sindicatos sendo cada vez mais distante, perdem os dois lados que deveriam compor um apenas, ganham os capitalistas, fortalecendo discursos de incapacidade dos sindicatos em vislumbrar os direitos de seus representantes, muitas vezes, internalizados pelos próprios trabalhadores que, na sua grande maioria, não conseguem compreender as amarras societárias que interpelam seu trabalho e, por conseguinte, afetam suas vidas.

Durante os estudos da Roda dos Sentidos em 2012, vivenciamos o processo grevista das universidades federais. Na FURG, a adesão foi considerável, contando com a participação de servidores, professores e alunos, porém, o movimento não obteve os avanços desejados pelos trabalhadores em educação e pelos professores universitários. Diluiu-se e acabou culminando como retorno das atividades sem grandes mudanças. A Roda dos Sentidos, como estudiosa do mundo do trabalho, não poderia deixar de apoiar e aderir a este movimento. No retorno, com o reinício das atividades letivas, dialogamos sobre essa vivência e compreendemos que embora não tenha havido tantos avanços quanto os desejados pela categoria, os trabalhadores foram ouvidos, reivindicaram. Compreendemos que toda transformação histórica é traçada por lutas de classe, essa foi uma delas.

A roda vai e volta, porque é vida, é feita de gente. Ela volta e traz sentidos a quem dela faz parte e assim como eu, pertence à roda. Sentidos? Os mais variados possíveis, de vida, de trabalho, de busca pelo saber, é assim que estamos mais uma vez (re)unidos. (Eleanor, out/12. Retorno após o término da greve dos professores federais).

Assim, vivenciando o espaço da Roda dos Sentidos, vamos ressignificando nossa compreensão sobre essas manifestações sociais, compreendendo teoricamente as premissas que interpelam esses movimentos realizados dentro do mundo do trabalho. Neste sentido, destaca-se a escrita de Patrícia, quando atenta para nosso senso de criticidade sobre os assuntos que nos mobiliza enquanto cidadãos de direito:

[...] Devemos ter um olhar crítico [...], é importante continuar lutando pela transformação social, para obtermos a plena realização da liberdade, devemos nos comprometer com a nossa práxis se quisermos viver em uma sociedade que a liberdade seja o princípio fundamental.

Liberdade constituída pela autonomia dos sujeitos de direito, indivíduos que necessitam aprender a constituir-se em espaços coletivos, impregnados pelo dever de exercer sua cidadania, compreendendo seu ser e estar no mundo, com os outros. Assim, vislumbrar uma sociedade onde o trabalho seja cheio de sentido e que o tempo fora do trabalho seja vivido de forma a intensificar este sentido de liberdade só poderá ser conquistado quando for estabelecida ao trabalhador em sua concretude, ou seja, em tempo essencialmente livre.

[...] o empreendimento societal por um *trabalho cheio de sentido* e pela *vida autêntica fora do trabalho*, por um *tempo disponível* para o trabalho e por um *tempo verdadeiramente livre e autônomo* fora do trabalho – ambos, portanto, fora do *controle* e do *comando* opressivo do capital –, converte-se em elemento essencial na construção de uma sociedade não mais regulada pelo sistema de metabolismo social do capital e por seus mecanismos de subordinação, indicando assim os fundamentos societais básicos para um novo sistema de metabolismo social. (ANTUNES, 2011, p. 114-115)

Desta forma, é importante resgatar a esperança por uma sociedade mais justa, menos excludente, mais humanizada, como defendia Freire (1996), entender a esperança como parte da nossa historicidade humana, estimular através da esperança, a redescoberta dos nossos sonhos. Sonhos que perpassam o mundo do trabalho, pois este é essencial à humanidade, mas consideramos aqui o trabalho o qual destaca Antunes (1999), [...] *autodeterminado, autônomo e livre*, por isso, dotado de sentido [...] assim, o trabalhador se constituiria através da sua liberdade, humanizado e emancipado em seu sentido mais profundo, através da inserção na arte, na música, na literatura, utilizando seu tempo livre.

Karla enfatiza esses sonhos, particulares, mas construídos no decorrer dos encontros no coletivo da Roda dos Sentidos, materializados em suas palavras no diálogo com Marx e Antunes :

Assim, meu sonho de esperança para o mundo do trabalho integra o resgate do seu sentido ontológico, como atividade criadora e humanizadora, produtora de valores de uso e concretizador das nossas necessidades: “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana”. (ABRIL/11)

Sonhos individuais que construídos no coletivo tomam novos significados, refletindo a esperança de um grupo de professores que buscam orientar suas compreensões sobre a

sociedade ao estudar a categoria trabalho. Sonhos e esperanças que são revigorados e reacendidos a cada encontro, no debate, no diálogo, na discussão sobre nosso papel diante dessa sociedade em que vivemos. Assim, na Roda dos Sentidos, vamos aprendendo com o outro a ser professor, a encontrarmos espaços onde podemos construir tais esperanças e resgatar nossos sonhos.

No entanto, refletimos, seria possível resgatar o sentido e a relevância do espaço de movimento sindicalista como instrumento de luta pela valorização social da profissão de professor? A partir das *metamorfoses* que o trabalho docente sofreu nos últimos anos, os professores teriam espaço para dialogar sobre os movimentos sindicais dentro das instituições onde atuam? O grande número de professores contratados não deveria mobilizar todos os docentes em busca das nomeações, direito dos concursantes aprovados? Como cidadãos ativos, não estariam os professores ensinando seus alunos o real sentido político da educação ao lutar mais efetivamente por seus direitos?

Freire (1996) argumenta, o educador ensina em suas atitudes, enquanto sujeito político que reconhece seus direitos. Por isso, não deve deixar se manipular pelas nuances do sistema societário que caminha para a desvalorização social do trabalho docente. Como professor contratado que também possui necessidades a serem supridas com seu salário, deve buscar o coletivo, para juntarem-se à luta pelas nomeações.

Neste sentido, os sindicatos também devem estar abertos a esses professores, como ressalta Antunes (2011), é importante que o movimento sindical também seja um espaço de luta para os desempregados. No caso dos professores, seria importante que tivessem acesso a esse movimento durante e após o final de seus contratos, juntamente com o quadro efetivo dos docentes nomeados.

Em meio à pulverização da categoria docente, o trabalho com as Rodas de Formação dentro das instituições de ensino não seriam uma possibilidade para construção de espaço dialógico para pensar o próprio trabalho? Através de tal metodologia, os professores não estariam resgatando o sentido de coletivo, de categoria docente? No movimento de pensar junto, poderiam os professores compreender o contexto histórico social que produz o trabalho docente?

A formação de professores que valoriza a categoria e se coloca na busca pela construção de conhecimentos pensando na prática pedagógica, deve constituir-se a partir das

necessidades dos docentes envolvidos, partindo dos significados apontados pelos grupos que se constituem.

### **6.2.3. A concepção do ser professor na sociedade do capital: contribuições dos estudos sobre categoria trabalho na perspectiva marxista**

As metamorfoses do mundo do trabalho que afetam diretamente a classe-que-vive-do-trabalho, também perpassam suas prerrogativas ao trabalho docente. Enquanto profissionais os professores são classificados por Antunes (1999) como trabalhadores improdutivos, pois do ponto de vista do processo de produção capitalista, como funcionário público, está inserido juntamente com os trabalhadores prestadores de serviços, bancários, entre outros que não geram mais-valia diretamente, não valorizam o capital através do seu trabalho, como é o caso do trabalhador do chão da fábrica.

A categoria dos trabalhadores docentes tem-se tornado, nas últimas décadas, enfraquecida política, social e economicamente. No modelo societário vigente, na contemporaneidade, com as novas demandas do capital, ser professor não é uma opção rentável e reconhecida socialmente. Rotulados e, muitas vezes, sentindo-se incompetentes devido aos fracassos na educação nacional, os docentes são levados a desacreditar de seu próprio potencial aglutinador de novas perspectivas no seu trabalho. Cobrados a realizar projetos governamentais que muitas vezes diferem das suas propostas pedagógicas, estão cada vez mais desmotivados. Não fosse o suficiente, os professores vivem uma profissão solitária, sem espaços para o diálogo e a para a construção de coletivos de professores.

Se partilharmos da ideia de que é pelo trabalho que nos constituímos como seres sociais e históricos, solidão, em princípio, não se conjuga com trabalho. O isolamento entre as pessoas não é próprio do processo de humanização. O trabalho, sendo um fato da vida social, possui centralidade na constituição da consciência humana. (LIMA, 2005, p. 109)

A cada ano que passa, os salários dos professores tornam-se cada vez mais irrisórios, fazendo esses trabalhadores negligenciarem necessidades básicas a própria formação como leitura, cinema, arte, pois essas são, muitas vezes, substituídas pelas necessidades de subsistência. Nem mesmo a tentativa do governo federal para padronização salarial em nível nacional, com a instituição da Lei do Piso Salarial Profissional Nacional do Magistério, Lei 11.738/2008, atingiu a todos os estados, como é exemplo o Rio Grande do Sul, onde os professores da rede estadual não recebem o valor referente ao piso nacional.

<sup>30</sup>Os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nomeados ou contratados pelo estado do Rio Grande do Sul, não possuem hora atividade, período em que deveriam dispor dentro da carga horária de trabalho para planejamento, nem da formação continuada dentro da carga horária de trabalho, pois os professores necessitam realizá-la em seu período oposto ao de trabalho.

A hora atividade é um período de 1/3 referente ao total da carga horária trabalhada pelo professor, disponível para planejamento e correção das avaliações que realiza com os alunos, uma das premissas da Lei nº 11738/2008. No caso dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, o que vem sendo discutido pelos estados que não concedem como direito esse período de hora atividade é que esses docentes recebem remuneração por exercerem sua atividade em uma única turma, a chamada unidocência.

Conforme o Centro dos Professores do Rio Grande do Sul - CPERS <sup>31</sup>, a hora atividade para professores dos anos iniciais, não é concedida por que ele é um único professor, mas por que trabalha de forma multidisciplinar. Instituída através da Lei do Piso Salarial Profissional Nacional do Magistério, Lei 11.738/2008, não faz diferenciação entre os professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio, para conceder a hora atividade.

A discussão sobre o Piso Nacional do Magistério ainda se mantém acesa, visto que cinco estados ainda não cumprem com a Lei 11738/2008, são eles: Amapá, Amazonas, Paraíba, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>32</sup>. Ainda assim, aqueles que o pagam, não cumprem a questão das horas atividades, que também faz parte dos direitos garantidos por esta lei.

No início do presente ano, o governo federal divulgou um reajuste de 13% no salário, que chegou a R\$ 1.917,78 para 40 horas de trabalho semanais de um professor com ensino médio, curso Normal. No caso do estado do Rio Grande do Sul, com esta formação o docente recebe R\$ 1.260,20<sup>33</sup> por uma jornada de 40 horas semanais. O valor era 34,67%<sup>34</sup> abaixo do

---

<sup>30</sup> O trecho sublinhado faz parte do capítulo “Formação continuada: as reflexões sobre o tema e os avanços em busca de outros modelos de formação”.

<sup>31</sup> Fonte: [http://www.cpers.org.br/index.php?&menu=1&cd\\_noticia=3760](http://www.cpers.org.br/index.php?&menu=1&cd_noticia=3760) acesso em 05 fevereiro/2015

<sup>32</sup> Fonte: <http://noticias.terra.com.br/educacao/salarios-professores/> acesso em 05 fevereiro/2015

<sup>33</sup> Conforme tabela disponível no site do 35º Núcleo do CPERS Sindicatos

<http://cpers35.blogspot.com.br/p/tabelas-de-vencimentos.html> acesso em 06 fevereiro/15

piso nacional em 2014, quando o governo do estado pagava um completo para que o salário desses professores chegasse ao valor do Piso Nacional.

Além do exemplo do Rio Grande do Sul, já citado anteriormente, podemos citar São Paulo, em que a Secretaria de Educação entrou com recurso, contra o posicionamento judicial que se manifestou favorável à solicitação do sindicato ao cumprimento da hora atividade, suspendendo a decisão tomada pelo judiciário em janeiro de 2012<sup>35</sup>. O governo de São Paulo argumentou que os dez minutos de intervalo entre uma aula e outra deveriam ser considerados como período para atividades extraclasse.

Dentro da perspectiva de Arroyo (2000) os professores pertencem a uma categoria profissional arraigada por uma história de luta pelo reconhecimento da profissão, entendemos que os salários não acompanharam todo o processo de profissionalização vivenciado pela categoria.

No Rio Grande do Sul para que 29<sup>36</sup> mil docentes, que recebem menos que o Piso Nacional, alcancem esse valor são pagos completos financeiros, porém, enquanto não for incorporado ao salário, pode ser retirado. Não sendo reconhecido como política de direito, o completo torna-se mais uma forma de desvalorização da profissão. Apenas uma estratégia para os órgãos de gestão pública. Mesmo assim, concordamos com Solange Carvalho, vice-presidente do CPERS Sindicato, quando acrescenta essa necessidade enquanto o piso nacional não for pago. Porém, tal ação reforça ainda mais o descaso com a valorização dos professores.

Neste sentido, os professores ainda não têm seus direitos preservados, o cumprimento da Lei 11738/2008, é um dos fatores importantes para a efetivação da valorização docente.

Os trabalhadores na academia, nas escolas, continuamos em grande parte a atuar a partir das premissas dos ofícios, de uma herança. Carregamos uma ideia de coletividade, de domínio coletivo de saberes e fazeres, de passagens por rituais idênticos de titulação, seleção e concursos. Provamos dominar saberes, conhecimentos e competências adequados a nosso ofício, e como coletivo esperamos o direito de exercê-lo e ganhar para ter uma vida decente, correspondente ao valor que a educação tem na sociedade. (ARROYO, 2000, p. 26)

---

<sup>34</sup> Dado disponível na reportagem do site: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-01-22/minas-gerais-rio-grande-do-sul-e-rondonia-nao-cumprem-lei-do-piso-de-professor.html>

acesso em 06 fevereiro/15

<sup>35</sup> Fonte: [http://noticias.terra.com.br/educacao/sp-governo-ganha-disputa-com-sindicato-sobre-jornada-dos-professores\\_b30167ad5e8ce310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html](http://noticias.terra.com.br/educacao/sp-governo-ganha-disputa-com-sindicato-sobre-jornada-dos-professores_b30167ad5e8ce310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html) acesso em 06/fevereiro/2015

<sup>36</sup> <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/governo-do-rs-confirma-que-pagara-completo-do-piso-do-magisterio-129138.html> acesso em 06 fevereiro/2015

Essa questão perpassou os debates dentro da Roda dos Sentidos, registrada por Karla quando acrescenta:

Donatella (*que havia trabalhado no comércio de Rio Grande*) salientou as metas que os funcionários tinham que alcançar no Walmart, das quais atingem valores 20 vezes mais altos que os salários mensais de um professor da educação básica em apenas um dia de vendas. (set/11)

Reconhecer que a profissão docente é importante à sociedade é o bastante? Com toda a razão, a sociedade e o governo exigem formação, mas falta reconhecimento salarial proporcional às demandas a que os professores são impostos. A cada passo que os professores avançam em prol da profissionalização, outras demandas são solicitadas para que tenham direito a um salário digno. Como por exemplo, a participação nos cursos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa<sup>37</sup>. O professor que atua no ciclo da alfabetização, composto pelos três primeiros anos do ensino fundamental de nove anos necessita, além de realizar o curso em período fora da carga horária de trabalho, realizar com as crianças algumas atividades propostas no decorrer do curso. Caso contrário, não recebem a bolsa oferecida pelo Ministério da Educação, no valor de R\$ 200,00.

Oliveira (2004) destaca que a mudança ocorrida dentro da escola, que deixou de ser tradicional, autoritária, verticalizada, não a transformou em uma escola democrática, onde se estabeleceria o trabalho coletivo, com a participação de todos os sujeitos envolvidos, atuando como uma escola de qualidade. A referida autora argumenta que todos os valores necessários a uma escola democrática, como autonomia e participação foram transformados em procedimentos normativos, ou seja, regulamentados em nome de uma falsa democracia. Ainda acrescenta que estes aspectos reestruturaram o trabalho pedagógico, organizando a escola de forma a precarizar o trabalho docente.

Em seus questionamentos para a Roda dos Sentidos, Karla destaca o quanto a teoria marxista pode nos esclarecer quanto a essas questões vivenciadas pelos professores no decorrer de sua vida profissional:

Percebem que o pensamento de Marx, toda a sua teoria, está enraizada nas suas vivências, na sua história de vida? Mas, acima de tudo, a sua teoria permanece atual, pois está enraizada na nossa própria história de vida, e na história de milhões de trabalhadores e trabalhadoras. Especialmente, quando

---

<sup>37</sup> O Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa é um programa realizado pela parceria entre o Ministério da Educação e algumas universidades federais, que se organizam em regiões coordenando formações a nível estadual e municipal, com o intuito de que todas as crianças até oito anos estejam alfabetizadas e saibam realizar as quatro operações matemáticas.



tratamos da área da educação, quando lidamos com a escola e o trabalho precarizado dos professores. (set/11)

Lima (2005) salienta que quanto mais o professor é pressionado às exigências de programas que alienam seu trabalho, mais corre com conteúdos, sendo sobrecarregado, mais solicita deveres aos alunos, deixando de lado as emergências do cotidiano vivido em sala de aula, dando prioridade a aspectos aos quais nem sempre acredita serem os melhores a desenvolver no processo ensino e aprendizagem, negligenciando outros que capacitam os sujeitos a aprender juntos, a aguçar a criatividade, a construir conhecimento no coletivo.

O parcelamento das tarefas no âmbito escolar expropria o professor do seu saber, restando-lhe fragmentos de um saber-fazer, mais ligado à rotinização do que à compreensão dos princípios que regem as “opções” feitas. Isso porque as escolhas, em última instância, não recaem sobre o professor. Estes são, em maior ou menor grau, alienados do seu trabalho desde a definição dos programas, passando pela gestão do tempo e dos espaços, até a avaliação. (LIMA, 2005, p. 113)

A luta política, historicamente traçada por professores de outros tempos, tem sido enfraquecida, as representações sindicais estão desacreditadas. Um dos motivos são as aberturas de vagas para professores contratados<sup>38</sup>, tanto no âmbito estadual como municipal, mesmo com docentes aprovados em concursos públicos esperando suas nomeações. Com o aumento dos contratos emergenciais, o sindicato perde sua força, pois esses profissionais temem sua demissão, não tendo garantias como os concursados.

Em 2013, no concurso público para professores do estado do Rio Grande do Sul, foram aprovados 13 mil docentes. A Secretaria de Educação planejava nomear 5 mil até o início de 2014, porém, apenas 625 professores foram chamados, ou 12,5% do previsto<sup>39</sup>. Enquanto isso, os professores assistiram a renovação de 21 mil contratos temporários para ocupar vagas nas escolas estaduais em janeiro de 2014, conforme vincula a reportagem de Kamila Almeida em 20 de fevereiro do referido ano, no site do ZH notícias.

Podemos considerar que assim como o trabalho em geral, também o trabalho docente tem sofrido relativa precarização nos aspectos concernentes às relações de emprego. O aumento dos contratos temporários nas redes públicas de ensino, chegando, em alguns estados, a número correspondente

---

<sup>38</sup> O fato da contratação de professores temporários é bastante preocupante, principalmente quando existem concursados a espera de suas nomeações, essa é uma prática bastante comum na rede estadual de ensino no Rio Grande do Sul, porém, no município de Rio Grande, no ano de 2014, a categoria docente foi surpreendida com essas contratações, mesmo sendo necessárias às demandas educacionais.

<sup>39</sup> <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/02/governo-efetiva-apenas-12-5-do-planejado-para-o-magisterio-ate-o-inicio-do-ano-letivo-no-rio-grande-do-sul-4424999.html>  
acesso em 10 fevereiro/2015

ao de trabalhadores efetivos, o arrocho salarial, o respeito a um piso salarial nacional, a inadequação ou mesmo ausência, em alguns casos, de planos de cargos e salários, a perda de garantias trabalhistas e previdenciárias oriunda dos processos de reforma do Aparelho de Estado têm tornado cada vez mais agudo o quadro de instabilidade e precariedade do emprego no magistério público. (OLIVEIRA, 2004, p. 1140)

Sete estados brasileiros possuem mais professores em regime de contratos temporários do que contratos efetivos (concursados ou estáveis). São eles: Espírito Santo (71%), Mato Grosso (66,1%), Acre (62,9%), Ceará (60,2%), Mato Grosso do Sul (60,1%), Santa Catarina (59,8%) e Paraíba (51,9%)<sup>40</sup>.

Todo este cenário interfere diretamente no trabalho dos professores, na sua capacidade de união e articulação em prol das questões importantes à categoria como um todo. A organização dos professores dentro das instituições de ensino já se torna um desafio, visto que cada um tem suas demandas, muitas escolas não propiciam períodos de diálogo e a construção de espaços coletivos. Mesmo quando isso ocorre, os professores não consideram esse espaço e tempo como importantes ao diálogo e à formação.

Essa descrença é gerada pela aceitação de que o sistema vigente em nossa sociedade é poderoso, interfere nas mudanças de perspectivas e no descarte dos sonhos que outrora emergiam sob a forma de luta sindical em prol da categoria de professores. Entretanto, Antunes (2011) ratifica que na busca por uma nova lógica social, devemos resgatar algumas alternativas essenciais, uma delas inclui a necessidade de [...] empreender mudanças e resistências que, no plano imediato, incorporem as aspirações nascidas no interior da vida cotidiana da *classe-que-vive-do-trabalho* (p. 204). O referido autor utiliza como exemplo a luta histórica por redução da jornada ou tempo de trabalho, sem que haja redução nos salários.

É necessário que os professores retomem sua luta para construir com os alunos, momentos de reflexão para compreender o ser e estar nesta sociedade e em que medida, essas compreensões podem transformar as pessoas em sujeitos ativos pelas “mudanças possíveis”, pois segundo Freire (1996) uma das exigências para a docência é acreditar que estas possam ser geradas, também, no cotidiano vivenciado no processo educativo.

Nesse sentido, caminham os questionamentos dos sujeitos da Roda dos Sentidos, pela escrita de Jenny (Jun/11) “[...] A nossa Roda dos Sentidos se move, rodeia, gira, a partir dos pontos de interrogação que cada um traz consigo?” Assim, essas interrogações vão

---

<sup>40</sup> <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/08/em-7-estados-mais-da-metade-dos-contratos-de-professores-sao-temporarios.htm> acesso em 10 fevereiro/215

mobilizando outros saberes, fazendo conceber em que medida o trabalho docente pode contribuir para vislumbrar outra forma de viver em sociedade e de realizar nosso trabalho pedagógico nas instituições de ensino formal.

Somos educadores e lutamos para construir a consciência crítica nos nossos alunos, mas que sujeitos queremos formar? Que educação estamos priorizando? Qual é a práxis que estamos proporcionando? (Patrícia, maio/11)

Nossas dúvidas, reflexões e debates contribuem para construirmos conceitos sobre a sociedade do capital, articulando esses conceitos ao nosso cotidiano, ampliando o diálogo com nossos alunos nas instituições onde atuamos. Capacitando-os a entenderem processos vivenciados no contexto social em que vivem, construindo com esses sujeitos a compreensão sobre a sociedade vigente. Como Roda, nos constituímos a partir do debate, na medida em que [...] o coletivo apresenta-se como síntese de muitas vozes, vivido no seu caráter dialógico – de abertura e inacabamento. É tanto o lugar em que se vivem os consensos, quanto os dissensos. (LIMA, 2005, p. 165)

Caminhamos assim para o movimento que articula o nosso fazer pedagógico com a construção de novos modelos de relações sociais, em que o professor torna-se sujeito mobilizador de outros sujeitos, todos em prol de uma sociedade constituída por relações mais humanizadas e menos mercantilizadas, imperativo ao viver de uma sociedade mais justa. Destacamos as escritas dos sujeitos da Roda para expressar tais compreensões:

Acreditamos que a educação e as relações sociais não podem ser construídas pensando para o capital, ou seja, estando subordinadas às suas regras, valores e convicções. (Karla, set/11)

Acredito que podemos resgatar esperanças perdidas e partir rumo às mudanças necessárias, quem sabe iniciando pela valorização dos sujeitos socialmente marginalizados. Desmistificando rótulos de incapacidade e de representações sociais que temos destes sujeitos. (Donatella, abr/11)

Entender as amarras do sistema societário vigente torna-se imprescindível aos professores, que desejam compreender e contribuir na constituição da percepção de que um novo modelo de sociedade é possível.

Segundo Antunes (1999), o trabalho é o processo pelo qual o ser humano modifica a natureza e também se autotransforma. Para o autor, o processo laborativo também transforma a natureza humana. Embora uma vida cheia de sentido não possa se resumir exclusivamente ao trabalho, é na esfera do trabalho que a vida encontra seu primeiro momento de realização. Tornando-se cheia de sentidos.

A Roda dos Sentidos, como grupo constituído para o estudo de referenciais teóricos que abrangem a categoria trabalho na perspectiva marxista, possibilita o questionamento sobre a potencialidade das discussões teóricas realizadas no coletivo de professores ao pensar de forma crítica sobre as premissas da sociedade do capital que atravessam o trabalho docente.

Jenny (maio/12) traz em seu registro uma reflexão sobre a teoria de Antunes (2011) sobre as metamorfoses do mundo do trabalho, percebendo essa perspectiva no contexto de trabalho dos professores universitários:

Olhamos ao nosso redor, e percebemos dentro da universidade muitos exemplos de metamorfoses do mundo do trabalho, trazemos para a roda a diferenciação do que vem a ser subcontratação e terceirização, nomenclaturas estas encontradas dentro do processo de fragmentação da classe operária. Sendo que a subcontratação é uma atividade fim, exemplo: contratação de professores substitutos.

Durante os estudos, nossas discussões sobre a categoria trabalho eram ampliadas e dialogávamos em que medida o trabalho docente poderia contribuir para a concepção de outro modelo de sociedade. Expressávamos nossos sentimentos de impotência perante as amarras do capital, compreendemos, conforme Marx (1849, 1865) a força das engrenagens de um sistema que tem o poder de renovar-se a cada momento de crise.

Karla escreve um dos momentos em que a Roda dos Sentidos se manifesta: “[...] Por isso, “entramos em crise” ao procurar encontrar algum sentido do trabalho antológico em nossas ações cotidianas, nas outras formas vigentes de trabalho ou nos diversos espaços educativos (set/11)”. O que de uma forma mais ampla não se concretiza, visto que estamos arraigados aos tempos de vida dentro do sistema capitalista.

Mudanças significativas ocorreram no decorrer das últimas décadas com relação à categoria trabalho, Antunes destaca que a classe-que-vive-do-trabalho-hoje, sofreu modificações com a metamorfose do mundo do trabalho. Neste sentido, a classe de trabalhadores em educação também sofreu modificações, principalmente os professores, tem sentido as mudanças geradas pelas metamorfoses do mundo do trabalho.

Ao contrário, entretanto, daqueles que defendem o “fim do papel central da classe trabalhadora” no mundo atual, o desafio maior da *classe-que-vive-do-trabalho*, nesta viragem do século XX para o XXI, é soldar os laços de *pertencimento de classe* existentes entre os diversos segmentos que compreendem o mundo do trabalho. (ANTUNES, 2011, p. 198)

As contratações emergenciais em massa que enfraquecem a categoria, enquanto os professores aprovados em concursos públicos aguardam suas nomeações, a falta do

cumprimento da Lei 11738/2008 referente ao Piso Nacional do magistério, são algumas questões que fazem o professor desacreditar na valorização da profissão por parte dos órgãos públicos de gestão estaduais, municipais e federais.

A preocupação da gestão pública brasileira com relação às prerrogativas para conseguir investimentos externos contribui, cada vez mais, para que o trabalho do professor seja avaliado, mesmo que indiretamente através dos processos de avaliação a que o governo submete os alunos de todos os níveis de ensino. Com o intuito de prover financiamentos de órgãos internacionais, colocam nossas crianças, jovens e adultos estudantes, em processos avaliativos descontextualizados e extremamente rigorosos ao analisar suas avaliações apenas por critérios de percentuais de acertos, desconsiderando todas as teorias desenvolvidas nas últimas décadas no que tange ao processo avaliativo das aprendizagens.

Desta forma, a desvalorização dos professores perpassa desde o trabalho que realiza nas instituições de ensino, estando sujeitos às premissas das avaliações externas, por sua formação docente, a mercê de políticas que ainda reforçam a atualização dos saberes e fazeres docentes, sem levar em consideração o caminho percorrido pelos docentes por sua profissionalização. Como neste contexto o professor pode ressignificar os espaços de formação dos quais faz parte? Em que medida podem as Rodas de Formação apontar novos caminhos de formação docente?

As Rodas de Formação, como espaço configurado para a construção dos saberes e fazeres docentes, a partir das necessidades dos professores que se reúnem para refletir criticamente sobre seus contextos de trabalho anunciam o sentido da constituição docente no coletivo.

#### **6.2.4. O trabalho docente (re) significado a partir dos estudos na Roda dos Sentidos: espaço coletivo que possibilitou a concretização do “tempo livre” dentro e fora do trabalho.**

O estudo e formação em Rodas é uma possibilidade metodológica para promover o diálogo na construção dos saberes e fazeres dos professores, de forma que vai de encontro à precarização do trabalho docente, ocorrida com a inserção de novas demandas no cotidiano do trabalho, devido às inúmeras tarefas solicitadas pelos diversos programas governamentais que atingem o fazer docente na escola e em outras instituições de ensino.

Os sujeitos da Roda dos Sentidos compreendem que o trabalho do professor está amarrado às premissas do capital. O tempo de trabalho dentro da sociedade capitalista movimenta nosso cotidiano, a escrita a seguir ilustra o quanto estamos condicionados a ele:

[...] tempo que é a chave do capital, talvez o tempo seja a chave da própria vida. [...] Chave que nem sempre temos no nosso chaveiro e quando a temos às vezes não sabemos como usar. Quem é dono do seu tempo? Quem é o senhor da chave? O capitalista? Não sei se ele é dono do seu tempo, mas sei que ele é o dono do meu tempo, dono do tempo da Roda dos Sentidos, dono do tempo do trabalhador. (Arthur, set/11)

Porém, ao vivenciarem o movimento da Roda dos Sentidos, os professores percebem que essa metodologia desenvolve o trabalho coletivo, esparrama significado àquilo que é construído, compreendem este espaço como formativo, tornando o trabalho cheio de sentido. Construindo conceitos sobre a categoria trabalho, elaboram argumentos para a compreensão de outros modos de perceber o próprio trabalho docente.

Discutir sobre as lutas históricas com relação à redução da jornada de trabalho, se torna imprescindível à concretização de uma mudança em prol de uma sociedade moldada de encontro às premissas do capital, Antunes (2011) destaca que [...] uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho [...] (p. 112).

Assim, os sujeitos da Roda dos Sentidos, ao estudarem este conceito, argumentaram que vivenciar o espaço de formação em que estavam imersos, com uma metodologia diferenciada, sem hierarquia, onde se sobressaía o estudo e o debate como mais importantes do que a quantidade de páginas desenvolvidas por encontro, aproximavam-se do que entenderam sobre *tempo livre dentro do trabalho*. Esta compreensão pode ser percebida na escrita de Henriete:

Nossa opção [...] é fazer pensar no tempo-livre, já que este é a mola propulsora para significação dos sentidos do trabalho. Mais ainda é fazer pensar nos sentidos que damos às nossas vidas, ainda que tenhamos a consciência de que em nossa constituição estão arraigadas as entranhas do sistema capitalista [...] Nada disso, porém, impede-nos de promover rupturas, de construir outros sentidos, dentro e fora do trabalho que anunciem talvez, não uma outra lógica societária (ainda!), mas que anuncia uma postura irreverente não obedecendo a todos os comandos do capitalismo. (Jul/11)

O debate sobre esta nova perspectiva de sociedade está longe de esgotar-se, estabelecer o diálogo em busca das compreensões que possam fazer com que os professores, alunos, comunidade escolar, universitária, dentre outras instituições, torna-se indispensável.

Entender que esse movimento se dá nas partilhas e nas relações não mercantilizadas, pode contribuir para as mudanças sociais que desejamos.

Mas em que momento da vida dentro e fora do trabalho, pode o professor pensar criticamente sobre essas questões, quando vive sobrecarregado? Ao trabalhar quarenta ou sessenta horas, quando disponibiliza de tempo para o diálogo com seus pares para pensar seu contexto de trabalho? Que sentido pode dar ao seu tempo livre?

Para Antunes (2011), o tempo livre é o tempo fora do trabalho, mas sem sobrecarga durante o tempo de trabalho, uma vez que a carga horária seja reduzida. Além disso, o autor ressalta que o tempo livre deve estar desconectado às premissas do sistema capitalista de consumo, mas que seja essencialmente autônomo.

A escrita de Jenny (jun/2011), constrói sua compreensão sobre o tempo livre atravessado pelo consumismo, vivenciado por trabalhadores que ao alienar seu tempo de trabalho, também o fazem fora do trabalho.

Muitos trabalhadores não se reconhecem e se realizam mais naquilo que produzem. As pessoas vivem em lugares que não se sentem pertencentes, por isso tendem a buscar sua felicidade no consumismo, sua terapia, sua carência afetiva e social. Talvez seja essa a alienação à indústria cultural. Desta forma mesmo em nosso “tempo livre” estamos bebendo da mesma fonte do sistema capitalista.

Nesse registro fica evidenciado que os conceitos marxistas que atravessam a vida dos trabalhadores dentro do trabalho, concebem o tempo fora do trabalho, o processo de produção capitalista não possibilita que possamos vislumbrar outras formas de viver para além dessa lógica.

Se pensarmos, por exemplo, nos professores dos anos iniciais do ensino fundamental de nove anos, os quais ainda não recebem o direito à hora atividade, no decorrer da carga horária de trabalho, se esse direito fosse efetivado, não estariam esses profissionais dispendo de um tempo fora do trabalho para realizar outras atividades e não as decorrentes do seu trabalho?

Antunes (2011) traz uma discussão referente ao que compreendemos por redução da carga horária de trabalho. Segundo o referido autor, como luta histórica na geração de mais empregos, pode acabar sendo substituída pela intensidade no processo de produção, é necessário ficar atento quanto às estratégias do sistema capitalista, já que a redução na carga horária pode gerar pressão por uma maior produção durante o tempo de trabalho. Destaca

ainda, [...] lutar pela *redução da jornada de trabalho* implica também e decisivamente lutar pelo controle (e redução) *do tempo opressivo de trabalho* [...] (p. 111)

Quando construímos elos que estão para além das premissas do capital de produção e consumo, estamos indo na contramão das relações sociais capitalistas. Neste sentido, os sentimentos que se desenvolvem nas relações de trabalho, como afetividade, amizade, cumplicidade, confiança, são uma brecha para que se vislumbre uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho. A escrita de Arthur (abril/12) ilustra essa perspectiva:

Para falar em sentidos penso que a Roda está para além dos sentidos das relações sociais, penso que ela pode dar sentidos a nós mesmos em nosso processo de aprendizagem e produção de conhecimento. [...] Compreendendo o que conseguimos compreender, nos limites do nosso horizonte e na ampliação desse horizonte, sendo assim um verdadeiro diálogo e aprendizagem. Uma aprendizagem nada bancária [...]

Enquanto educadores que tem seu trabalho afetado pelas premissas do capital, é importante que possamos articular os conhecimentos teóricos adquiridos no percurso da construção do pensamento crítico, em prol de encontrarmos possibilidades para entender os sentidos do trabalho docente neste contexto social. E, conseqüentemente, construirmos concepções distintas às que vivenciamos na contemporaneidade como tempo livre fora do trabalho.

Assim, quando os professores constroem outros sentidos dentro do trabalho, assumindo-se como categoria que se fortalece no trabalho coletivo, tornando-se agentes pertencentes de seu próprio tempo, vislumbrando outros modos de ser professor com seus pares, poderão auxiliar na construção de um modelo societário onde o trabalho seja ressignificado e resgate seu sentido antagônico de constituição humana.

Freire (1987) concebe as relações entre os sujeitos em um processo dialógico, inseridos em um movimento de constituição do *eu* através do outro. A transformação de cada um de nós se dá na interação dialógica com o outro a partir dele. [...] Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a *pronúncia* do mundo, para a sua transformação (p. 96).

Neste aspecto, destaca-se a fala de Henriete, demonstrando que a reflexão sobre as relações que estabelecemos no trabalho na escola e em todas as instituições de ensino atravessam as mudanças sociais e vice versa.

[...] pensando sobre os sentidos do trabalho na escola e, também, no sentido das relações com o outro com quem convivo no trabalho!! E, para além disso



[...] nos sentidos da vida fora do trabalho! Bem, temos compreendido que estes três “sentidos” estão interconectados, sendo perpassados, todos, pela mesma lógica. Vejo que não há como ter relações interpessoais saudáveis se o trabalho que realizo (da maneira como realizo) não é saudável! (nov/12)

Segundo Warschauer (2001), a instituição escolar conforme se organiza possibilita maior ou menor participação dos atores sociais que a constituem, promove oportunidades de ação, mas sempre existem maneiras de encontrar formas para agir, ou o que chama de “frestas para a ação dos sujeitos”. Desta forma, os professores encontram ou abrem essas “frestas” dentro da instituição. Possibilitando a percepção de que se criem “frestas” também no sistema como um todo.

Ao compreender que os sentidos do trabalho devem perpassar os sentidos da vida, entende-se que dar significado ao trabalho é estabelecer outras perspectivas de vislumbrar os sentidos da vida. É ornamentar os sonhos por uma sociedade mais justa, menos excludente e desfrutá-la, como sujeitos capazes de vivenciar o trabalho com sentido.

#### **6.2.5. Algumas considerações**

Entendemos que a formação docente tem sinalizado algumas mudanças no que tange a sua configuração, mas ainda permanece grande parte como status de aperfeiçoamento e não como espaço de reflexão e debate entre os professores. Salientando que o trabalho docente, precarizado pelas mutações no mundo do trabalho, parece ainda não estar dentro dos moldes que se julga adequado por aqueles que detêm o capital e desejam que a educação permaneça submetida ao sistema societário vigente.

Há muito, as lutas dos professores por salários dignos, condições de trabalho e reconhecimento social têm sido negligenciadas. Acreditamos que o descrédito dos sindicatos que ocorre pela diminuição de associados devido ao grande número de professores contratados temporariamente contribui para o enfraquecimento dessas lutas. Assim, a contribuição de Antunes (2011) para este aspecto, salientando que a força sindical também se dá pelos trabalhadores desempregados, que não devem perder os direitos sindicais junto com suas vagas no mercado de trabalho, necessitando ser acolhidos por estes movimentos sociais.

Temos nossa história. Somos sujeitos. Fazemos parte de uma história, de um processo social ao longo do tempo. Aí nos descobrimos como professores, como categoria, não estática, mas histórica, em construção. As leis, as políticas de formação, os planos de carreira, a estrutura dos sistemas escolares foram construindo um perfil de professor, mas também a categoria vem se construindo a si mesma, seu perfil. (ARROYO, 2000, p. 135)

O resgate histórico das lutas de todos os trabalhadores e, por conseguinte dos professores, contribui para resgatar a esperança, para repensar também os seus sonhos pelo trabalho digno, com salários condizentes com o empenho de sua força de trabalho, se dará, no momento em que tornarem a engajar-se de forma coletiva, na luta por uma sociedade mais justa, com menos exclusão e marginalização social.

Os trabalhadores docentes aprenderam seu ofício no decorrer de seu processo histórico de luta, neste sentido, Arroyo (2000) acrescenta que o professorado é categoria que pode sempre se renovar, porque vive e aprende nas tensões sociais diversas. É importante neste momento histórico que presenciemos reconhecer seu potencial regenerador e principalmente, seu poder de luta e conquista.

Acreditamos que a educação continuada nos moldes, como afirma Lima (2005), para além das organizações governamentais, vivenciada pelos professores no contexto de seu trabalho, tendo como possibilidade as Rodas de Formação, conforme destaca Warschauer (2001), coloca o professor como protagonista em seu processo de formação continuada cuja importância atravessa toda sua vida profissional. E pode tornar-se uma das ferramentas que potencializam a conquista de novos espaços de diálogo e de enfrentamento em busca de modo de ser professor que nos forneça o verdadeiro sentido do trabalho docente.

Encontrar o sentido da vida dentro do trabalho e o sentido do trabalho dentro da vida. É o que nos propõe Antunes (2011), consolidando assim, uma sociedade verdadeiramente humanizada.

### **6.3. A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA COLETIVIDADE NO ESPAÇO DE FORMAÇÃO INTITULADO RODA DOS SENTIDOS**

**Maria Claudia Cardoso Farias**

**Vanise dos Santos Gomes**

#### **Resumo:**

O presente artigo busca construir reflexões a partir de uma pesquisa realizada em nível de mestrado que teve como temática central a formação docente em Rodas de Formação. O referido estudo concretizou-se pelas análises dos registros escritos por um grupo de professores que se reuniam para o estudo da categoria trabalho e seus entrecruzamentos com o trabalho docente. Tal grupo, intitulado Roda dos Sentidos, utilizou como metodologia os pressupostos do diálogo seguido da escrita como forma de avançar nos referenciais teóricos e registrar as impressões e sentimentos que constituíram esse movimento. Assim, inspirados na metodologia da Análise Textual Discursiva – ATD, de Moraes e Galiazzi, foram analisados os registros dos anos de 2011 e 2012 a fim de responder ao questionamento: que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos? No presente texto, desenvolve-se a categoria “Rodas: Sentidos afetivos”. O diálogo com alguns autores foram essenciais para a fundamentação desta categoria, como Freire, contribuindo com a concepção da amorosidade como ato político; Warschauer, teorizando sobre as Rodas de Formação como espaço coletivo de construção e troca de saberes; Arroyo, levantando questões sobre a humana docência; entre outros. Através das reflexões realizadas nas análises dos registros dos sujeitos no diálogo com os referenciais estudados, constata-se que as Rodas de Formação tornam-se possibilidade para que os professores possam compartilhar saberes, mas, para além disso, aprende-se a conceber que a construção do conhecimento perpassa aspectos referentes aos sentimentos como afetividade, amorosidade, amizade, alegria e esperança. Constituindo-se como lugar de compreender sua humana docência, a partir do momento em que no coletivo aprende a estabelecer relações entre a construção do conhecimento e a expressão dos sentimentos vividos no processo de formação.

**Palavras-chave:** Formação docente; Rodas de Formação; Afetividade.

#### **Abstract**

The following essay aims to build reflections from a research developed on Master's level, which had teachers' training at “Teachers' Training Circle” as its main theme. The mentioned study was developed by the analysis of what a group of teachers, who had meetings to study work category and its connections with teaching, had in written records. This group, named The Circle of Meanings, applied as a methodology the assumptions of dialogue followed by writing as a way to go further with the references and to register the perceptions and feelings that made part of this movement. This way, inspired by the Discursive Textual Analysis – DTA methodology, by Moraes and Galiazzi, records from 2011 and 2012 were analyzed to answer the following question: which are the experienced meanings on teachers' training in collective environments such as “The Circle of Meanings”? We develop in this text the

category “Circles: Affection Meanings”. The dialogue with some authors was essential to base this category. As Freire, who contributed with the conception of affection as a political action; Warschauer, discussing the Teachers’ Training Circle as a collective environment for building and exchanging knowledge; Arroyo, bringing questions about human teaching; among others. Through the reflections made in the analysis of the subject’s records in the dialogue with the studied references, we assume that the Teachers’ Training Circle became a possibility for teachers to share knowledge and further more to learn how to accept that knowledge building passes through aspects related to feelings, such as affectivity, affection, friendship, happiness and hope. It consolidates as a place to understand its human teaching, from the moment in which in the collective we learn how to create connections between knowledge building and showing feelings, which were experienced in the education process.

**Keywords:** Teachers’ education; Teachers’ Training Circle; Affectivity.

O presente artigo traça reflexões sobre a afetividade como um dos aspectos relevantes quando pensamos na formação docente, argumentando como a construção de vínculos entre pares pode contribuir na constituição docente através de processos formativos que possibilitem compartilhar conhecimentos no coletivo.

<sup>41</sup> Os professores têm vivenciado espaços formativos que auxiliam no avanço de algumas discussões, mas sua mobilização, para tornarem-se críticos e modificadores de sua prática pedagógica, pode ser possibilitada em espaços em que o diálogo não é a metodologia mais evidenciada? Se pensarmos nas formações em modelos de palestras, por exemplo, somente as reflexões individuais sobre o assunto tratado, ou pequenas intervenções ao final da exposição podem contribuir de forma significativa para pensar o cotidiano da vida profissional?

Não descartamos a importância da participação em eventos onde os professores possam ouvir os colegas e/ou pesquisadores exporem os avanços e as dificuldades que têm sido fonte de análise e produção científica, já que estes espaços também são fonte de construção de saberes. O que fomenta a discussão neste artigo, porém, é a utilização de metodologias que tornem possível uma articulação entre o que se estuda e os interesses dos contextos de trabalho dos professores.

---

<sup>41</sup> As escritas desta dissertação contem a repetição do 2º ano 7º parágrafos nos três últimos textos, devido à especificidade da organização em artigos. Sugiro à banca que pule estes parágrafos, se assim considerar necessário, para que a releitura não se torne cansativa.

Neste sentido, o movimento de formação a que nos referimos pode ser considerado como alternativa a ser pensada e construída junto ao coletivo de professores para pensarem o espaço onde atuam nas diferentes instituições de ensino. Damos destaque, assim, às chamadas Rodas de Formação, que surgem através da tese de Warschauer (2001), como espaço formativo diferenciado, que possibilita o diálogo, a troca de experiências e a construção de sentidos formativos para os sujeitos que estão envolvidos nesta perspectiva de formação.

Para compreendermos a relevância desta metodologia de trabalho, apresentamos a pesquisa realizada em nível de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que teve como objeto de estudo um grupo de professores disposto a aprofundar estudos acerca da categoria trabalho e das suas interlocuções com o trabalho docente, na perspectiva marxista, para uma melhor compreensão da sociedade vigente, buscando também entender no que as amarras deste sistema influenciam no trabalho docente. Tal grupo chama-se Roda dos Sentidos, assim intitulada por um dos componentes do grupo, inspirado pelo título do primeiro livro de Antunes (1999) que estudamos: “Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho”.

Foram sujeitos da pesquisa os componentes da Roda dos Sentidos, sete professores: um engenheiro, doutor em Educação em Ciências e professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, campus Rio Grande; três pedagogas mestradas do PPGEDU; uma doutora em educação ambiental, professora de história da rede estadual; duas doutoras em educação, professoras do Instituto de Educação da FURG.

Os nomes dos sujeitos que compõe a escrita desta dissertação são fictícios, escolhidos pelos componentes da Roda dos Sentidos, alguns deles relacionados à Marx, a partir do estudo da história deste filósofo, como por exemplo, Henriette que era o nome de sua mãe, Jenny e Eleanor que foram suas filhas. Donatella foi o nome escolhido por assim se chamar a esposa de István Mészáros que, como professora, se engajou na luta pela educação, juntamente com o filósofo. Patrícia foi um nome escolhido de forma afetiva, pois era a segunda opção no nascimento, assim com Arthur, que preferiu um nome pequeno, mas que demonstrasse força.

A discussão que impulsionou a pesquisa apontou para a seguinte questão: que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos? Na busca de possíveis respostas foram analisados registros escritos pelos sujeitos da

Roda dos Sentidos nos anos de 2011 e 2012. Essas escritas compunham o que chamamos de portfólio coletivo do grupo, em que a cada semana um dos professores fazia o registro dos questionamentos, das dúvidas, dos anseios, dos sentimentos e dos avanços teóricos realizados pela Roda dos Sentidos.

Inspirados na metodologia da Análise Textual Discursiva – ATD<sup>42</sup>, de Moraes e Galiazzi (2007), emergiram três categorias de análise, sendo que o presente texto busca dar conta da discussão sobre a afetividade como um dos aspectos que contribui significativamente na própria constituição docente e no sentido de coletividade. Os sentimentos e valores perpassam o cotidiano dos professores por estarem diretamente ligados à formação do ser humano, assim, desenvolver esses sentidos no espaço de formação oportuniza refletir criticamente sobre a relevância dada a esses aspectos no decorrer da vida profissional.

Para este fim, buscamos um diálogo reflexivo com alguns autores que contribuem para melhor pensarmos a afetividade dentro do contexto da formação docente. Sobre a questão da amorosidade, destacamos Freire (1996, 1992, 2006, 2011), ratificando o amor nas relações educativas como ato político; Warschauer (2001), entendendo que ser profissional da educação é experimentar sentimentos e a construção de espaços coletivos de formação docente pode contribuir para desenvolver criticamente este aspecto; Arroyo (2000), levantando questões sobre a humana docência.

### **6.3.1. Rodas de Formação: construir a docência pelos sentimentos que mobilizam a busca pelo conhecimento**

A formação de professores tem sido pensada a partir da busca pela concretização de perspectivas que contribuam para que os professores possam realizar sua formação pelo viés reflexivo, através de metodologias que possibilitem esse exercício na construção dos saberes e fazeres docentes. Com isso, algumas pesquisas apontam em direção a novas organizações do tempo e espaço de formação docente. Como é o caso de Souza<sup>43</sup> (2010) e Lima (2011)<sup>44</sup>, que

---

<sup>42</sup> A metodologia de Análise Textual Discursiva – ATD de Moraes e Galiazzi (2007), consiste na impregnação do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, realizando leituras e releituras dos textos; unitarização, momento em que os textos são separados em unidades de significados, pelos sentidos que cada fragmento aponta; pela aproximação das ideias contidas nas escritas, são construídas as subcategorias, das quais emergem as categorias finais; os metatextos são construídos a partir das categorias finais, momento em que o pesquisador traça análises com relação aos ditos dos sujeitos da pesquisa entrelaçados aos referenciais teóricos.

<sup>43</sup> Histórias de constituição e ambientalização de professores de química em rodas de formação em rede: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas.

desenvolvem suas teses pesquisando a formação inicial e continuada de professores, realizadas através da metodologia das Rodas de Formação.

A Roda de Formação é a teoria defendida por Warschauer (2001) como configurada em espaços que dão significado à construção de conhecimento através do movimento da partilha de saberes e fazeres docentes. Metodologia esta em que os professores sentem-se pertencentes, articulando sua própria formação docente.

Argumentamos que as Rodas de Formação surgem como possibilidade metodológica em busca da construção de espaços coletivos de constituição docente. Assim, [...] a formação constitui-se num processo complexo que envolve conhecimentos teóricos e práticos e, embora significada por cada indivíduo, é potencializada por espaços/tempos coletivos. (LIMA, 2011, p.21)

A organização da formação docente, a partir da metodologia de trabalho das Rodas, pode contribuir significativamente para que os sujeitos possam desenvolver a compreensão de que a construção de saberes e fazeres docentes torna-se ampliada através do momento que compartilham essas aprendizagens com seus pares, no coletivo.

Ao escrever, “[...] De tudo o que somos e o que deixamos de ser, a presença em roda é o que mais diz de nós... é o que temos e ao mesmo tempo o que nos falta. É o que desejamos porque somos movidos pela ideia de que aprender nunca é um ato solitário”, Henriete<sup>45</sup>, (março/12)<sup>46</sup> demonstra que o estudo em Roda nos faz compreender a importância do outro no nosso próprio processo de aprendizagem. E por estarmos nessa relação entendemos que existem aspectos como, a afetividade, a insegurança, a empatia e a antipatia, a serem desenvolvidos neste contexto.

Ratificando essa ideia, Lima (2011) compreende o movimento de formação em Roda, potencializada pela “partilha, com amorosidade, respeito, diálogo, conflitos, desafios, superações, dúvidas e certezas”, aspectos vivenciados no movimento da Roda de formadores analisada em sua pesquisa e que acentua a importância da construção desse movimento

---

<sup>44</sup> O diário em roda, roda em movimento: formar-se ao formar professores no Proeja.

<sup>45</sup> Os nomes são fictícios e escolhidos em alguns momentos de diálogo nos encontros da Roda dos Sentidos ou em conversas sobre a pesquisa.

<sup>46</sup> A opção por destacar a data em que os registros foram realizados é no sentido de que o leitor possa ir percebendo o desenvolvimento da escrita dos sujeitos no decorrer dos dois anos que foram analisados neste estudo.

coletivo, baseado nesses pressupostos, muitas vezes, negligenciados no processo de formação docente.

Seria possível aos professores absterem-se dos sentimentos que abrangem a construção de seus saberes e fazeres no percurso de seu processo formativo? Não estariam, nesse movimento, negligenciando aspectos imprescindíveis à formação humana em que se inclui a formação para o trabalho? Se não desenvolvem aspectos como afetividade, respeito, diálogo, com seus pares, em que medida conseguirão desenvolvê-los com seus alunos?

A constituição docente em Rodas de Formação torna-se possibilidade na medida em que nesta perspectiva metodológica os sujeitos avançam nos estudos teóricos sem deixar a margem significados que nos constituem como seres humanos. Sentimentos como afetividade, respeito, amizade, podem ser aspectos que fortalecem a construção de conhecimentos, sendo que, neste contexto, os sujeitos constroem vínculos que permitem a abertura ao diálogo e aos questionamentos. A escrita de Arthur aponta esta perspectiva:

Penso que é basicamente o emblema da Roda dos Sentidos. Afetividade, abertura para dizer e demonstrar o que se sente [...] é uma lição e uma característica que se aprofunda nessa Roda de estudos, Roda de convivência, Roda de aprendizagem e acima de tudo, uma Roda de respeito com o outro.

A profissão docente, por se basear na relação entre as pessoas, é permeada pelos afetos, pela simpatia/antipatia que acompanha as relações. Por isso, concordamos com Warschauer (2001), quando destaca que “ser profissional da educação significa experimentar sentimentos” (p. 190). Angústias, realizações, afetos, frustrações, são sentimentos vivenciados no processo de ensino e aprendizagem, muitas vezes, incompreendidos já que não estamos preparados para enfrentá-los ou desenvolvê-los.

Sentimentos que são experienciados no processo de aprendizado nas Rodas de Formação, onde os professores constroem sentido ao que estudam mobilizados por discussões acesas pela relação que estabelecem com os referenciais a que se propõe entender.

É preciso ousar para dizer cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (FREIRE, 2006, p. 10)

Esse movimento só é possível quando os professores sentem-se acolhidos uns pelos outros, a satisfação por aprender torna-se intensa e, isso, aparece nos registros escritos pelos sujeitos da Roda dos Sentidos. Karla (abril/11) declara, “[...] desejo expressar a minha alegria



e satisfação em compartilhar conhecimentos, experiências estéticas, sonhos, esperanças”. Donatella (nov/12) acrescenta que “[...] estudar sozinha não tem o mesmo significado e o mesmo prazer que estudar na Roda dos Sentidos”.

Vivenciar espaços com propostas metodológicas que caminham para o diálogo e para a construção de conhecimentos teóricos encharcados de sentido, podem contribuir para a compreensão de que a formação docente também se constitui pelos aspectos relacionados aos sentimentos dos professores. Assim, [...] a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo físico, emocional e afetivo. (FREIRE, 2006, p. 9)

A formação docente para os sujeitos que participaram da Roda dos Sentidos possibilitou outro olhar sobre a própria docência. Como expressa a escrita de Karla, quando aponta o que compreende como significado do trabalho docente no coletivo.

O sentido da aprendizagem em roda está presente na dimensão concreta do significado do trabalho, constituindo-se numa lógica que está para além do caráter abstrato e fetichizado das relações sociais e da construção do conhecimento. Passamos a compreender o sentido verdadeiro do trabalho coletivo através do estudo em roda, tão enfatizado nas teorias educacionais, mas que se encontra distante dos muros da escola e da universidade. (Karla, nov/12)

As Rodas de Formação emergem como espaço em que os professores têm a possibilidade de expressar seus anseios, dúvidas, questionamentos, emoções, sem deixar de serem críticos aos seus próprios discursos e esta característica não inibe os sujeitos de terem abertura ao diálogo, pois se sentem pertencentes a esse espaço que é construído na relação com o outro. Jenny aponta essa perspectiva na sua escrita: “Sorrir, gargalhar, sentir o outro tão próximo. A nossa Roda é Roda, nos permite e nos deixa expressar sentimentos livres, sem preocupação”. Passa também pelo sentimento de Eleanor: “Posso dizer que meu olhar em relação a este espaço é de admiração e desejo de continuar a partilhar com vocês, roda, minhas dúvidas e hipóteses”.

Na tese de Souza (2010), os sujeitos da pesquisa compartilham suas histórias ao vivenciarem a disciplina de Estágio IV, no Curso de Química da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, onde eram realizadas Rodas de Formação como metodologia de trabalho. Questionamos a partir da leitura dessa tese se, aprender a narrar os sentimentos enquanto graduandos não possibilitaria uma abertura maior para realizar essa narrativa durante a

trajetória profissional na docência? Vejamos o que destaca Souza (2010) quanto à importância desse movimento de compartilhar essas narrativas:

Contou-se de sentimentos, expectativas, medos, aprendizados, afetos; as narrativas trouxeram lembranças, algumas possivelmente revisitadas ou mesmo recontadas, de professores inesquecíveis; também apresentaram sujeitos que contaram de si, contando-se. Compartilharmos seus significados com outros leitores pode trazer novas possibilidades para re-contar e compor novos ou diferentes significados. (p.102)

Nas Rodas de Formação os professores constroem seus aprendizados compartilhando experiências e estudos que realizaram durante sua trajetória profissional, desta forma fomentam a construção dos novos conceitos a que se propõe a estudar. Na Roda dos Sentidos, os momentos vividos tornaram-se significativos pela partilha dos avanços teóricos construídos uns com os outros, e que estão expressos nos registros escritos pelos sujeitos. Karla (set/11) destaca: “Confesso que, carinhosamente, inicio esta narrativa com a expressão de alegria por compartilhar, vivenciar, partilhar, “entrar em crise”, dar risadas [...]”.

Nessas perspectivas, também aponta a escrita de Henriete: “Entre vontades e risos tão afetuosos que nascem nesta nossa roda, vamos atrás desta compreensão rumo à compreensão (ou à contrariação do Arthur)”. Assumindo o processo dialógico como constituinte do movimento de aprender no coletivo, sem deixar de evidenciar o relacionamento afetivo entre os sujeitos nesse processo.

Neste sentido, a Formação em Rodas proporciona a construção de um sentido para a docência que vai para além dos saberes, constituído na relação dos estudos com os fazeres que interpelam o cotidiano dos professores. “O dever-ser que acompanha todo ato educativo e todo educador exige reflexão, leitura, domínio de teoria e métodos. Porém não se esgota aí seu aprendizado, porque situa-se no campo dos valores, da cultura. É um saber de outra natureza”. (ARROYO, 2000, p. 43)

Em um de seus relatos escritos, Eleanor faz uma analogia entre a Roda dos Sentidos e a “roda gigante”, buscando, assim, demonstrar seus sentimentos ao vivenciar esse espaço de formação.

Escolhi a imagem de uma roda gigante, a utilizo para ilustrar meus sentimentos (iniciais) sobre a Roda dos Sentidos. Considero a roda gigante uma mescla de diversão e desafio, algo que não se enfrenta sozinho e que a cada volta que dá um novo horizonte, um novo saber é encontrado. Ambas as rodas não ficam paradas, estão em constante movimento e dão lugar a diferentes pessoas, todas abertas a compartilhar esta aventura. Bem, é assim que sinto, desafiada a adentrar nos estudos de Marx e rodar com vocês em dúvidas, conceitos e sentidos. (abril/12)

Ao vivenciar espaços de formação os quais podemos construir saberes e fazeres docentes com prazer compreendemos que [...] a alegria e a esperança fazem parte da natureza humana exatamente por ser o homem um ser inacabado em constante construção como indivíduo e como história com os outros e com o mundo, história como possibilidade (REDIN, 2008, p. 31). Neste sentido, a Roda dos Sentidos aponta para uma metodologia formativa que indica uma alternativa de constituição docente pelo sentido dado aos estudos e pelos que foram construídos nas relações entre pares. É o que podemos abranger a partir da escrita de Karla: “[...] a Roda dos Sentidos é humanizadora, pois inter-relaciona construção do conhecimento e reflexão crítica ao prazer de estudar e estar junto”. (jun/11)

Na escrita de Patrícia (set/11) consideramos que a formação constituída no coletivo, pode contribuir para o resgate do sentimento de esperança dos docentes que compreendem seu trabalho afetado pelas premissas do sistema societário no qual vivemos: “[...] estudar em Roda algo tão complexo e com uma possibilidade de mudança em longo prazo só me enche de esperança e me motiva porque é ao lado de amigos, de pessoas que sabem ouvir o outro [...]”. Emerge como aspecto indispensável para pensarmos a possibilidade da construção de novos paradigmas sociais. Neste sentido, não seria através do sentimento de esperança que não é somente a espera, mas do movimento de luta que nos torna esperançosos, conforme destaca Freire (1992), que inauguraríamos o que o referido autor nos remete como o sentido em acreditar nas mudanças possíveis?

Mudanças que perpassam o cotidiano do trabalho docente, a partir de outros movimentos formativos, como por exemplo, as Rodas de Formação, onde se estabelecem outros modos de sentir e construir o trabalho docente. Quando o professor consegue expressar seus sentimentos dá novos sentidos ao espaço de estudo e formação, como podemos perceber na escrita de Arthur:

[...] as palavras assumem o comando, se lançam para expressar o que penso e tomam vida própria para que vocês saibam o que também sinto nesse momento e não só nesse momento, mas em qualquer momento em que a roda dos sentidos toma corpo e chega a mim de maneira sempre muito agradável. (nov/11)

Os sentimentos que perpassam os espaços educativos por onde os professores traçam sua trajetória constituem a docência no contexto da nossa sociedade. A desvalorização profissional, o descaso da gestão pública quanto às necessidades de formação no contexto onde professores atuam, o desgaste emocional, são alguns aspectos importantes que indicam o porquê do adoecimento desses profissionais da educação.

Algumas pesquisas vêm apontando o adoecimento dos professores. Em 2012<sup>47</sup>, a coordenadora regional do APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo declarou que os professores estão doentes. De acordo com o site pesquisado, que traz o estudo "A Saúde do Professor da Rede Estadual de Ensino", dos entrevistados, 27% de docentes afirmaram que tiveram que abandonar o trabalho de sala aula. O principal motivo, relatado por 57%, foi a depressão.

No Rio Grande do Sul, uma pesquisa realizada pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - CPERS Sindicato em 2012 apontou que 49,87% dos professores têm propensão a desenvolver transtornos psíquicos<sup>48</sup>. Na época, o então Secretário de Educação José Clovis de Azevedo, em entrevista ao site clicrbs, argumentou que buscaria resoluções investindo também na formação permanente, além de outros aspectos.

A formação vivenciada hoje pelos docentes poderia contribuir para diminuir o adoecimento desses trabalhadores? Construir espaços de formação onde os professores possam sentir-se pertencentes e dialogando com seus pares sobre seus contextos de trabalho pensando no coletivo, possibilitaria o resgate da esperança desses educadores por um espaço de trabalho mais saudável?

Nos dois estados citados a precarização do trabalho docente pelo excesso de demanda das atividades a que o professor está submetido é um dos aspectos apontados pelas pesquisas para o citado adoecimento. Se pensarmos na carga horária que o professor atua em sala de aula, somada à sua jornada de trabalho fora da escola, fica evidente que há sobrecarga de trabalho.

A hora atividade, período de 1/3 referente ao total da carga horária trabalhada pelo professor, disponível para planejamento e correção das avaliações que realiza com os alunos, torna-se de extrema importância, como uma das premissas da Lei nº 11738/2008, que regulamenta o Piso Salarial Profissional Nacional do Magistério. Ainda em processo de efetivação em muitos estados, continua sendo uma das bandeiras de luta dos movimentos sindicalistas pela valorização da profissão.

---

<sup>47</sup> Fonte: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias/pesquisa-aponta-que-depressao-e-maior-causa-de-afastamento-de-professores/> acesso em 09 fevereiro/2015

<sup>48</sup> Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/19,1430,3887298,Pesquisa-mostra-que-49-87-dos-professores-tem-propensao-a-desenvolver-transtornos-psiquicos.html> acesso em 09 fevereiro/2015

Compreendemos que as Rodas de Formação surgem neste cenário como possibilidade para que os professores construam espaços em que possam dialogar sobre essas problemáticas e consigam avançar em prol da efetivação de contextos de trabalho em que na coletividade possam encontrar soluções para suas problemáticas. Ainda assim, entendemos que essa metodologia - a qual acreditamos ser um avanço para a formação docente - não é uma solução emblemática ao adoecimento dos professores, tampouco à desvalorização da profissão. Constatamos, a partir da análise dos dados da pesquisa apresentada, que esta metodologia é uma possibilidade para a abertura de novas perspectivas de trabalho para os professores.

Segundo Lima (2005), na ausência de espaços coletivos de partilha os professores acabam realizando suas propostas pedagógicas como podem, como acreditam ser o melhor caminho, para si e para seus alunos. Vivenciar processos de formação que possibilitem compartilhar saberes e fazeres constitui-se, também como forma de criar parcerias para pensar sobre esses aspectos. Dialogar sobre as angústias, os medos, os anseios, as inquietações e também as alegrias, as conquistas, os desafios, pode contribuir para que os docentes melhorem sua relação consigo mesmo e com os outros, aprendendo a valorizar seu trabalho no coletivo.

A escrita de Karla demonstra o sentimento sobre a participação na Roda dos Sentidos, salientando que, ao relacionarem-se uns com os outros, neste contexto, os professores conseguem realizar o estudo e a formação docentes como proposta política.

Percebemos que o espaço da Roda dos Sentidos torna-se privilegiado pelas pessoas que o compõe, mas também pela proposta desenvolvida, no seu sentido político, na sua formatação e finalidade, situando-se na contramão dos precários processos formativo dos educadores do Brasil, pautados em alternativas desvinculadas das problemáticas da realidade social que vivenciam os professores nos dias de hoje. (Nov/12)

Os significados vividos e compartilhados em espaços como os da Roda dos Sentidos, não poderiam ser multiplicados e ao serem vivenciados nos contextos de trabalho dos professores tornarem-se uma alternativa à precarização do trabalho docente?

Acreditamos que as Rodas de Formação apresentam-se como espaço de constituição do ser professor, como alternativa ao cenário de desvalorização profissional e de frustração quanto à efetivação dos direitos dos professores que vivenciam um cotidiano de trabalho exaustivo, onde se sentem pressionados pela sociedade a não cometer qualquer equívoco. Como metodologia de trabalho, que chama o professor ao diálogo, contribui para a construção de espaços colaborativos com melhores condições de trabalho.

### **6.3.2. A escrita como espaço para compartilhar sentimentos vividos na construção do conhecimento e no reencontro com a humana docência**

Muitos sentimentos cujos professores estão expostos são ligados diretamente ao seu contexto do fazer pedagógico, por estarem em constante processo educativo com outros seres humanos. Defendemos que as instituições são responsáveis pelos saberes construídos no decorrer da história, porém, é importante termos clareza de que estes saberes estão arraigados pela nossa constituição como sujeitos ativos nesse processo.

Quando os professores conseguem expressar esses sentimentos no espaço de formação, podem construir outros sentidos para o próprio trabalho. Porém, não trazemos aqui a concepção da formação de professores como espaço terapêutico, mas como lugar para se pensar criticamente sobre o trabalho docente, inclusive sobre os sentimentos entrelaçados aos contextos onde atuam os professores. Anseios, dúvidas, medos, questionamentos, alegrias, que são compartilhados no cotidiano com seus colegas de profissão e com seus alunos.

Nas Rodas de Formação, são utilizadas algumas estratégias para articular os estudos teóricos, com as vivências da docência. Através da escrita, lugar em que os professores que participam das Rodas expõem os avanços com relação aos estudos realizados e, também, todos os sentimentos que perpassam o processo de formação docente.

No caso da Roda dos Sentidos, o portfólio coletivo, como era chamado pelos sujeitos que participavam desse espaço de formação, constituía-se como lugar onde eram registradas as construções teóricas e os significados que entrelaçavam esses estudos ao diálogo que era traçado no percurso das aprendizagens. Fica evidenciado na escrita de Jenny, a importância da escrita como espaço para expressar também os sentimentos:

Hoje começo a escrever com muitos sentimentos tecidos na companhia do outro, sentimentos esses que para quem vive nos movimentos da roda de estudos “Roda dos Sentidos” mostram não somente o que eu sinto, mas, os sentimentos dos outros que sentem junto a mim, dos muitos outros que me constituem, do sentimento do outro entrelaçado com o meu, assim, somos nós, o eu junto ao outro, o nós junto a nós mesmos. Logo, escrevo não pra mim, mas para nós da Roda dos Sentidos. Jenny (maio/12)

O espaço que a escrita enquanto registro das vivências ocupa dentro da formação dos professores torna-se significativo quando a possibilidade de refletir criticamente alia-se ao desejo de compartilhar com o outro nossas aflições, angústias, mas também e principalmente as conquistas e avanços na construção do conhecimento. No registro de Jenny, percebemos a importância do outro, dos sentimentos que são compartilhados e ressignificados,

demonstrando que as relações estabelecidas no processo de formação na Roda dos Sentidos foram construídas neste coletivo. Segundo Souza (2010), “numa relação, não basta apenas um dos envolvidos querer compartilhar algo. O desejável é que esse algo a ser compartilhado efetivamente retorne a ele no sentido da apropriação dos seus significados”. (p. 20)

Da mesma forma no registro de Donatella (nov/12) observamos que o sentido da escrita se dá pela partilha do que foi vivido no espaço da roda mas também em outros espaços ressignificados por esta experiência:

Nossa... Que saudade que estava deste movimento da escrita na Roda dos Sentidos. Principalmente neste período em que a Roda esteve tão presente na minha vida que vocês nem imaginam... Como pode ser que em duas semanas posso ter acumulado tantos dizeres para essa escrita de hoje. O processo de seleção de mestrado me fez refletir muito além de tudo o que já havia pensado sobre esse movimento que construímos de aprendizados dentro da Roda [...] Só quero deixar registrado, o quanto pra mim essa Roda faz diferença... Pra pensar sobre meu papel enquanto educadora de crianças, jovens e adultos, que está com o pé na escola.

A afetividade era um dos aspectos que fazia com que as relações estabelecidas na Roda dos Sentidos fossem sendo construídas e contribuindo assim nos avanços dos estudos. Compartilhar essas escritas no início dos encontros fazia com que o movimento da Roda fosse inaugurado, enquanto um dos sujeitos lia seu registro, outros significados eram atribuídos àquilo que se ouvia. Por isso, concordamos com Souza (2010) ao destacar que uma narrativa lida aos outros é reconstruída por quem ouve e por quem a escreve, considerando que realizamos reflexões interessantes nesse processo de compartilhar nossos pensamentos e aprendizagens.

Na Roda dos Sentidos, a cada semana um dos sujeitos era responsável pela escrita sobre o encontro, registrada no portfólio coletivo, era alternada entre os professores que participavam da Roda. O movimento de iniciar a tarde de estudos com a leitura do registro escrito no portfólio coletivo era um momento esperado. Podemos perceber esse significado a partir da escrita de Arthur:

Fico muito impressionado com a afetividade que se coloca nesse espaço branco, nessas folhas cheias de linhas que esperam para serem preenchidas, completadas, escritas, confessadas ou simplesmente registradas. Sem dúvida a leitura do portfólio é o ponto alto dos encontros. (nov/11)

Lima (2011) acrescenta que “a experiência relatada é a vivenciada pelo grupo e, ao ser partilhada, pode explicitar diversos aspectos que estavam obscuros inclusive para o autor do relato” (p. 108). É ao ouvirmos o que o outro percebeu sobre o encontro vivido que podemos

encontrar novos sentidos para aquela experiência. Ouvir os relatos a partir das escritas dos sujeitos da Roda dos Sentidos contribuiu para a compreensão do outro a partir dele mesmo.

Jenny destaca o quanto é diferente ouvir ou ler o registro escrito:

Estava folheando o nosso livro, antes de começar a minha escrita, devo confessar que estava com saudades! Como é gostoso relembrar! Ainda devo expressar a minha tamanha curiosidade em ler os registros da Henriette do dia 25/05 e o da Donatella, do dia 02/06, pois não pude estar presente no dia das leituras destas escritas. Já afirmo que não foi a mesma coisa ler, é bem melhor, em meu ponto de vista e escuta, ouvir a leitura na voz do escritor, já que esse ao escrever expressa sentimentos e atribui sentidos a sua escrita. Ainda acredito que a leitura na voz do escritor, seja um complemento da escrita. (junho/11)

Os registros escritos no portfólio coletivo da Roda dos Sentidos expressa o que foi construído durante o processo de aprendizagem dos referenciais estudados. A amorosidade vivida neste movimento pode ser percebida também através do comprometimento com do estudo e a formação.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade [...] (FREIRE, 1996, p. 45)

Neste sentido, percebemos a docência entrelaçada por aspectos que transcendem os saberes e fazeres dos professores e ultrapassam os referenciais teóricos. São, estes, ampliados pelos sentimentos que perpassam as relações humanas, pois tais aspectos fazem parte do cotidiano vivido no contexto de trabalho, entre professores e entre estes e seus estudantes.

Ao negligenciar os aspectos relacionados com o ser e sentir não estaria o professor negando sua própria humanidade? A racionalidade exclui os sentidos afetivos, construídos na relação com o outro? Aprender a expressar os sentimentos no processo formativo com outros docentes pode contribuir para que os professores construam outros modos de viver a docência?

Ser professor e professora exige mais do que estudo teórico de referenciais sobre educação, “dominar” conteúdos que devem ser “ensinados” aos alunos, ou ainda, amar a profissão que escolheu. Então refletimos: o que é necessário para que os docentes sintam-se realizados no cotidiano do seu trabalho? Entendendo que esta é uma questão complexa, que não tem uma única resposta, compartilhamos essa pergunta para que possa despertar em nós e nos possíveis leitores, o que nos mobiliza, enquanto docentes que vivenciam o dia a dia em sala de aula.



Ao pensar no processo de formação dos professores no decorrer de sua carreira profissional e refletindo sobre o contexto de seu trabalho, acreditamos, na formação continuada como espaço onde os docentes podem dialogar e estabelecer vínculos afetivos que contribuem na construção do sentido de pertencimento à categoria. O trabalho coletivo, com seus pares, aponta que “a formação dos professores junto ao desenvolvimento de atitudes será fundamental. A formação deve ajudá-los a estabelecer vínculos afetivos entre si, a coordenar suas emoções, permitindo que se situem na perspectiva do outro, sentindo o que o outro sente”. (IMBERNÓN, 2010, p. 110)

Considerar como importante a relação afetiva dentro dos espaços educativos está para além de uma postura dita romântica e necessita de um compromisso tão rigoroso que não permite a falta de seriedade na busca pela construção de conhecimentos. Ainda assim, engloba a articulação entre a construção teórica e os sentidos dados à vida neste processo de aprender uns com os outros a “ser humanos”. Como demonstra a escrita de Karla: “A nossa roda é humanizadora em seu propósito e na sua dinâmica cotidiana: pelos dizeres, pelas imagens, pelos saberes e pelas escutas que potencializam, inventam e reinventam modos de busca por uma vida cheia de sentido”. (jun/11)

Ao nos relacionarmos com os outros, no processo de formação do ser professor, compreendendo que nossos valores e sentimentos nos constituem como sujeitos históricos, percebemos o outro como parte integrante da/nossa formação. Diante disso, apontamos a escrita de Arthur, quando ressalta as relações afetivas construídas na sua trajetória formativa:

Isso quer dizer acolhida, respeito, consideração, amorosidade, humanidade, sensibilidade. Assim é a Patrícia. Por isso eu gosto dela, que vem se tornando uma grande amiga. Penso que posso dizer isso nesse relato, a final, aqui começamos a nos mostrar e a nos conhecer e a relatar o que nos é importante. Pessoas assim e ainda com grande conhecimento teórico e grande vivência na educação, que venho conhecendo, me fazem respeitar essa área do conhecimento que no momento elejo como meu campo de estudo. (Arthur, março/11)

O relato de Arthur demonstra que o conhecimento teórico de Patrícia não afastou dela sua humana docência. Em um de seus relatos escritos, Patrícia traz questionamentos quanto ao seu fazer pedagógico constituído pela prática do teatro na sala de aula.

Percebi que venho dedicando há algum tempo a prática do teatro na sala de aula, pois acredito que o exercício do teatro contribui para o aluno tornar-se mais crítico na leitura do mundo, porém, consegui ver que somente isto não basta para termos a mudança que tanto sonhamos. Este recurso pedagógico não vai modificar a realidade do aluno se não estiver aliado à discussões do

mundo capitalista em que vivemos, é preciso o aluno ter contato e estudar os elementos que sustentam a sociedade capitalista [...] (set/11)

Arroyo (2000) destaca que na redefinição dos saberes construídos nas escolas, as funções sociais, políticas e culturais desta instituição, não fizeram com que se perdesse a importância do conhecimento nem do ofício de ensinar. Ampliando o debate e pensando em todas as instituições onde atuam os professores, acreditamos que nosso ofício de ensinar arraigado pelo sentido que nos faz sujeitos no mundo e com o mundo, está encharcado de sentimentos construídos no decorrer de nossa trajetória de vida, que também inclui nosso ser e estar em sala de aula.

Reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos. Por aí reencontramos o sentido educativo do nosso ofício de mestre, docentes. Descobrimos que nossa docência é uma humana docência. (p. 53)

Os professores vivem um dilema, ou são amorosos e não conseguem ser rigorosos<sup>49</sup> em suas construções teóricas, ou são extremamente conteudistas sem criar relações afetivas com os alunos por considerarem que isto não “impõe respeito”. Neste sentido, é importante refletir sobre o quanto “a formação em atitudes (cognitivas, afetivas e comportamentais) ajuda no desenvolvimento pessoal dos professores, em uma profissão em que a fronteira entre o profissional e o pessoal está difusa”. (IMBERNÓN, 2010, p.109) Desta forma, poderá o professor lidar com os sentimentos que perpassam o cotidiano da sala de aula sem temer a perda de sua seriedade no processo de ensino e aprendizagem.

Souza (2010), em uma reflexão com os sujeitos do estudo que realizou em sua pesquisa, argumenta sobre os conteúdos que perpassam o cotidiano dos professores, algo que inquietava os graduandos que no processo do Estágio IV do curso de Química dialogavam sobre essas questões.

[...] a discussão a respeito dos conteúdos não pararia por aí. Falei ainda que, neste meu referencial, a oralidade, a argumentação e a escrita constituíam conteúdos, ditos procedimentais. Destaquei que, por outro lado, argumentação e oralidade, numa perspectiva dialógica, envolvem: respeitar a opinião do outro; escutar atentamente o que o outro diz; desenvolver a criticidade, a sociabilidade, a afetividade. (SOUZA, 2010, p.160)

---

<sup>49</sup> Rigoroso no sentido que Freire (1996) destaca, como a partir de sua metodologia o professor seja capaz de auxiliar os alunos a desenvolverem seu senso crítico através do processo dialético aprendendo a construir suas aprendizagens.

Neste sentido, o contexto de trabalho do professor entrelaça conteúdos a serem desenvolvidos e construídos com os alunos, mas também valores, sentimentos e emoções que são aspectos importantes de serem discutidos no cotidiano da sala de aula. Assim, entendemos a complexidade do trabalho docente, que interpela desde a relação entre teoria e prática, diretamente ligada à formação humana, até as relações que se estabelecem nas vivências com os outros durante os processos de aprendizagem.

Se para uma visão reduzida o direito à educação se restringe a ter toda criança na escola e ao domínio de habilidades primárias, para os movimentos sociais de que os professores participaram esse direito é mais largo, é o direito ao conhecimento, ao saber, à cultura e seus significados, à memória coletiva, à identidade, à diversidade, ao desenvolvimento pleno como humanos. (ARROYO, 2000, p. 53)

Em sua escrita, Donatella faz uma reflexão sobre o sentido do trabalho: “Seria o sentido que dou ao trabalho modificador do sentido do outro? A vida humana foi sequestrada pelo capitalismo, mas como pode ela se libertar? E pode?” (jun/11) Questionamentos como esses, construídos em espaços coletivos de formação docente, como é o caso da Roda dos Sentidos, podem tornar-se combustível para reacender nos professores algumas concepções sociais muitas vezes deixadas à margem das discussões relacionadas com a prática pedagógica, substituídas por tantas outras demandas, que as instituições de ensino necessitam dar conta. Questões como resultados de avaliações, analisados apenas em seus percentuais e não em todo o seu contexto, por exemplo, dão lugar a debates, uma vez que deveriam estar associados a estes.

De tal modo, ao vivenciar o processo formativo no coletivo, aliando teoria e prática, na constituição docente, os professores têm a possibilidade de construir significados que se constroem no elo entre os conhecimentos e os sentimentos, sentidos dados ao trabalho e à vida de seres humanos, sujeitos históricos envolvidos na educação e na história de outros sujeitos.

### **6.3.3. Considerações finais**

Ser professor na sociedade em que vivemos torna-se um grande desafio, muitas vezes confundido “somente” como um ato de amor, já que para ser educador é preciso “gostar”, “ter paciência com as crianças”, saber “lidar” com as inquietações da adolescência, saber entender os estudantes. Mas muitos desses discursos se tornam vazios quando ao entrar na sala de aula o professor não consegue encontrar apoio para desenvolver seu trabalho, nem da gestão

escolar, visto que muitas vezes, as pessoas que exercem esses cargos não conseguem encontrar alternativas viáveis para a resolução de problemas, nem dos familiares dos alunos que, muitas vezes, delegam aos professores toda a responsabilidade pela educação das crianças e jovens.

Ao defender que a amorosidade é uma das premissas da educação, Freire (1996) se refere ao aspecto político desse sentimento como aquele capaz de efervescer o sentido de ser educador em uma sociedade excludente. Ensinar e aprender com os educandos a tornarem-se cidadãos de direitos, na luta por outra perspectiva social.

Como em constante aprendizado de sua profissão, o professor necessita de espaços formativos que contribuam para refletir sobre o contexto social que produz o trabalho docente. Neste sentido, as Rodas de Formação defendidas na tese de Warschauer (2001) surgem como alternativa na construção de espaços dialógicos e que transformem o processo formativo em um lugar de compartilhar experiências e construir conhecimentos dando sentido ao trabalho que se realiza no coletivo.

Para dar sentido ao trabalho docente é importante considerar os sentimentos como aspectos que envolvem os processos educativos nos quais os professores vivenciam seu fazer pedagógico com seus colegas e também com seus alunos. Concebendo assim, que para ser competente a docência não precisa abrir mão da afetividade, da alegria, da amorosidade.

Arroyo (2000) ratifica a necessidade de nos compreendermos enquanto humanos, “Um professor profundamente humano. Aprendi, aprendemos que educar é revelar saberes, significados, mas antes de mais nada revelar-nos como docentes educadores em nossa condição humana. É nosso ofício. É nossa humana docência” (p. 67). Reconhecer a humanidade é um dos passos para aprender que ser professor não é dotar de poderes acima da capacidade humana de resolução de problemas, é articular soluções no coletivo de trabalho, é entender que os sentimentos humanos fazem parte do processo de aprender uns com os outros.

[...] ser professora, professor é um modo de ser [...] A vida toda se mistura com a condição de professor(a). É um modo de vida, de dever-ser que tenciona todas as dimensões, tempos e vivências. E todas as lembranças. Suportar essa tensão tão vital, somente com muito tesão pelo magistério. Quantos(as) não resistem e se esgotam, se destroem como humanos(as). (ARROYO, 2000, p. 129)

Os significados construídos na Roda dos Sentidos apontam para a construção de conhecimentos no movimento de compartilhar saberes e avançar nos conceitos a partir dos estudados no coletivo. Espaço de formação docente onde sete professores registravam, de

forma escrita, no portfólio coletivo, suas construções teóricas entrelaçadas aos sentimentos vividos no processo formativo, efetiva-se como possibilidade para pensar em outros movimentos de formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEIXANDO MARGEM PARA OUTRAS REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE

*[...] Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é determinada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. (FREIRE, 1996, P. 53)*

A partir das palavras de Freire (1996), busco realizar algumas reflexões, argumentando que a formação docente, como parte da vida profissional, se dá no percurso da história do sujeito que trabalha como professor. Constitui-se de maneira significativa quando partilhada com seus pares, contribuindo para que pensem criticamente sobre os contextos onde atuam.

Por isso, a importância do debate sobre formação de professores torna-se cada vez mais reconhecida pelos órgãos gestores da educação. Ainda em passos lentos, percebemos movimentos que caminham para a valorização docente através da perspectiva de que a formação continuada é uma das premissas para uma educação de qualidade no Brasil.

Porém, é necessária a construção de novas possibilidades de formação que venham a somarem-se aos modelos já consolidados, de palestras, simpósios, eventos onde os professores podem ouvir pesquisadores e outros profissionais como, por exemplo, da psicologia, que contribuem com os estudos aos quais se dedicam.

Neste sentido, o estudo ora apresentado envolvendo uma perspectiva de formação de professores denominada Rodas de Formação, pode contribuir para que se pense nesta possibilidade de trabalho dentro das instituições onde os professores atuam, para que assim, possam além refletir sobre as experiências vividas em outros espaços de formação, realizar estudos e diálogos sobre as problemáticas vivenciadas em seus contextos de trabalho.

Esta perspectiva poderá ser uma possibilidade de mudanças dentro das instituições educativas formais, quando os professores constituírem seu cotidiano de trabalho através da partilha dos saberes e fazeres e do diálogo como espaço de reflexão do pensar junto, percebendo o trabalho docente significativo quando vivenciado no coletivo. Poderão, assim, acreditar, dar outros sentidos ao seu trabalho.

Percebendo a potencialidade das Rodas em sua formação, o professor passa a acreditar nesta metodologia como proposta pedagógica na sala de aula, com seus educandos, oportunizando momentos de construção e partilha de conhecimentos, torna a aprendizagem mais significativa para todos os sujeitos envolvidos.

Warschauer (1993) defende que construir conhecimento na escola necessita estarmos envolvidos em processos de recriação, criar espaços que possibilitem esse movimento. As Rodas emergem como um desses espaços, onde os sujeitos envolvem-se por e pela sua própria aprendizagem, construindo elos entre o conhecimento e suas necessidades enquanto sujeito social, político, histórico.

Ao considerar a importância da ressignificação da formação de professores, é relevante que prevaleça a necessidade da construção dos espaços onde os professores constituem-se pelo exercício da coletividade. Como considera Imbernón (2010), quando ressalta que a formação docente seja potencializada pela construção de espaços de reflexão e participação, para que os professores aprendam no diálogo com os seus pares durante os processos de formação a desenvolver o trabalho colaborativo, partindo das necessidades democráticas pensadas no coletivo.

As Rodas de Formação surgem como possibilidade, afirmando-se como espaço constituído pela docência vivenciada no coletivo, onde os estudos tornam-se aprendizados construídos e as problemáticas do cotidiano docente são compartilhadas na medida em que são questões de interesse comum do contexto onde a Roda se organiza.

Para Warschauer (2001), o que caracteriza as Rodas de professores, é a forma como se organiza a participação e a partilha, a construção de práticas coletivas de planejar e avaliar, os processos educativos do cotidiano escolar como um todo. Porém, o professor só saberá trabalhar desta forma, quando houver possibilidades de articular o trabalho pedagógico no coletivo, estabelecendo sua formação docente como espaço a ser construído.

Desta forma, a Roda dos Sentidos se constituiu no movimento de estudo e formação no coletivo de professores, através das leituras dos referenciais marxistas sobre o trabalho, fazendo interlocuções com o trabalho docente através da partilha de saberes e fazeres e da construção de reflexões sobre as questões que envolvem a docência no contexto capitalista.

Realizamos a análise das escritas construídas pelos sujeitos participantes da pesquisa buscando encontrar **que significados de formação docente são vivenciados em espaços coletivos como o da Roda dos Sentidos**. Questionando-nos sobre as estratégias de

construção do conhecimento que foram apresentadas no movimento de estudos realizados pela Roda dos Sentidos, e ainda, que compreensões foram possibilitadas dentro do contexto de estudo e formação em Roda acerca do contexto histórico social que produz o trabalho docente.

Constatamos que as vivências de estudo e formação na Roda dos Sentidos, proporcionou momentos de avanços teóricos, realizados a partir de diálogos sobre o trabalho e o trabalho docente, potencializados pelos registros escritos e compartilhados nos encontros da Roda. O que foi constituindo o espaço de partilha de aprendizados, mas também de construção de compreensões sobre o papel do professor na sociedade capitalista, não como aquele que entende as instituições de ensino como único espaço educativo, que proporciona reflexão sobre ser e estar no mundo, mas como um dos espaços que contribuem para a compreensão das amarras do sistema capitalista na sociedade a qual vivemos.

Os sujeitos da pesquisa, na qual me incluo também, construíram a formação de professores como um espaço onde se estabeleceu a coletividade como premissa para a constituição docente. Percebendo a partir dos registros escritos, que o movimento das Rodas de Formação é uma possibilidade ao trabalho docente na medida em que foi, primeiramente nos “encantando” pela metodologia proposta, mas principalmente pelo movimento intenso de estudo que em Roda torna-se prazeroso e significativo. Como podemos ler no registro de Karla (jun/11):

A Roda dos Sentidos, a cada encontro, sendo traçada e construída do modo como nós a desejamos, espanta-nos encantar com as coisas especiais que nela acontecem [...] A nossa roda é humanizadora em seu propósito e na sua dinâmica cotidiana: pelos dizeres, pelas imagens, pelos saberes e pelas escutas que potencializam, inventam e reinventam modos de busca por uma vida cheia de sentido.

Também perpassa o registro de Arthur (set/11), quando ressalta que o significado do estudo e formação em Roda nos “encanta” também pelas relações que construímos nesse processo:

Na minha ausência houve dois encontros e foram lidas as escritas registradas e essas escritas foram relidas para que eu pudesse saber o que se desdobrou na minha ausência. Um carinho por certo. Assim, recebi essas leituras e as ouvi com muita atenção [...] A Jenny, com seu sotaque característico e a sua cadência suave no falar e sua escrita meio narrada, meio conversada, encanta. Confesso que fiquei encantado [...] Em seguida foi a vez da Karla, ela leu a carta que nos escreveu [...] Karla é bem humorada, ela também fala com uma peculiaridade, um jeito que é só dela [...] Mais uma vez fiquei encantado [...] Para finalizar a querida Patrícia fez a leitura de sua escrita [...] sua sensibilidade permite que ela perceba muitas coisas e a sua afetividade



se encarrega de externar isso. A fala da Patrícia é sempre muito sensível. Adivinha o que aconteceu? Fiquei encantado.

Assim, destacam-se no movimento da Roda dos Sentidos, algumas premissas ao trabalho docente, o encontro, os dizeres, as imagens, os saberes, a escuta, e o sentido que damos a esse movimento de aprendizagem da docência através do estudo e da formação no coletivo.

Reconhecíamos o espaço da Roda como um lugar de aprender e partilhar experiências na construção dos conceitos marxistas e a especificidade que se constituía na Roda dos Sentidos, se dava pelas histórias vividas e compartilhadas pelos sujeitos neste processo de formação.

As Rodas de Formação possibilitam aos docentes, a construção da coletividade, que se dá através do estudo e formação pensando criticamente sobre os contextos de trabalho dos professores reunidos com objetivos comuns, estabelecendo assim, eles para refletir sobre a docência.

Esta perspectiva pode contribuir também para o resgate do sentido coletivo que apoie os movimentos constituídos pela representação sindical dos docentes, um tanto abandonado e negligenciado principalmente pela flexibilização dos cargos de professores, na maioria com contratos temporários, como apontamos no decorrer da dissertação. Fragmentando a categoria de trabalhadores docentes, enfraquecendo assim, o sentido de luta coletiva.

Vivenciar a formação docente no coletivo pode dar outros sentidos ao movimento de luta dos professores, reconfigurando os sindicatos como lugar de direito de todos os trabalhadores, pois concretiza a potencialidade dos movimentos sociais com sua história de luta como representação política.

Além disso, as Rodas de Formação, quando vivenciadas pela metodologia da partilha e do diálogo ampliados pelos registros escritos, proporcionam a construção de elos afetivos. O movimento das Rodas contribui para aprendermos a lidar com os sentimentos que perpassam o trabalho docente, por que nossa profissão é situada no campo das ciências humanas e por isso, envolve os significados de sermos humanos. Precisamos expressar nossos sentimentos, e entendê-los como parte de nós, construindo no processo de aprender com o outro, também o sentido da afetividade, da amizade, do companheirismo, estabelecendo novos sentidos para o trabalho também pelo sentido atribuído ao outro neste processo, efetivando o espaço da formação docente como constituído na coletividade.

Por isso, o sentido de coletividade constitui-se como premissa para os avanços no que se refere à formação de professores. Os sujeitos da pesquisa apresentada que vivenciaram a Roda dos Sentidos conceberam esse espaço pelo sentido do estudo no coletivo, ampliado pelo diálogo e pelo registro escrito das experiências vividas neste contexto.

A história que foi construída na Roda dos Sentidos, não pode ser repetida em outro espaço, pois cada Roda tem sua história, entrelaçada pelas histórias de cada um dos que dela fazem parte. O que os possíveis leitores dessa dissertação poderão experienciar através das análises dos registros escritos pelos sujeitos dessa Roda são minhas impressões sobre esse movimento de formação, entrelaçada aos referenciais que apontaram diálogos significativos.

Arthur (set/11) escreve sobre os significados de vivenciar a Roda dos Sentidos, destacando em seu registro o sentido de fazer parte deste espaço de formação:

“[...] Assim, como os vários sentidos que a vida nos oferece, desde os das relações pessoais até o das relações com o trabalho, cujos sentidos nos aproximou e nos mantêm próximos. Até quando? Não sei, mas certamente até enquanto percebermos sentido nessa proximidade. Ou seja, enquanto a roda ainda fizer sentido.”

Da mesma forma Henriette (mar/12), escreve sobre a permanência na Roda dos Sentidos, “Ocorre, porém, que nosso tempo aqui não tem prazo. Ele se estende até a Roda anunciar sua vontade de ficar. Depois vira história e, por isso mesmo, sempre presença”. História sempre lembrada nos encontros dos anos posteriores ao período em análise neste estudo. Assim, com a promessa de entender-nos sempre aprendentes no processo do nosso trabalho docente, passamos a percorrer outros espaços, mantendo sempre na nossa história, na memória e nas propostas pedagógicas, traços dos movimentos de aprendizagens e de constituição docente que foram e são vivenciados na Roda dos Sentidos.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de. **Histórias de sala de aula nas Rodas de professores de química: potência para a formação acadêmico-profissional**. Rio Grande: FURG, 2012.

ALBUQUERQUE, Fernanda; GALIAZZI, Maria do Carmo. **A formação do professor em Rodas de Formação**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos; v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago; Brasília, 2011.

ALVES, Rubem. **A Pedagogia dos Caracóis**. Campinas, SP: Verus, 2010.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. – 15. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

APOESP – **Depressão é a maior causa de afastamento dos professores** – Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/noticias/noticias/pesquisa-aponta-que-depressao-e-maior-causa-de-afastamento-de-professores/>> ACESSO EM 09 FEVEREIRO/2015

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AZZI, Sandra. **Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico**. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.) Saberes pedagógicos e atividade docente./ Textos de Edson Nascimento Campos... [et. al.]; Selma Garrido Pimenta (organização) – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável**. 2. Ed. – Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CLARINDO, Tania Tuchtenhagen. **Tecendo saberes em Alfabeturas: a Educação Ambiental no tear das Rodas de Formação continuada de professoras**. Rio Grande: FURG, 2011.

CLICRBS – **Governo efetiva apenas 12,5% do planejado para o início do ano letivo no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/02/governo-efetiva-apenas-12-5-do-planejado-para-o-magisterio-ate-o-inicio-do-ano-letivo-no-rio-grande-do-sul-4424999.html>> ACESSO EM 10 FEVEREIRO/2015

CLICRBS – **Pesquisa mostra que 49,87% dos professores tem propensão a desenvolver transtornos psíquicos**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/19,1430,3887298,Pesquisa-mostra-que->

49-87-dos-professores-tem-propensao-a-desenvolver-transtornos-psiquicos.html> ACESSO EM 09 FEVEREIRO/2015

CPERS SINDICATOS – **Unidocência e hora atividade** – Disponível em:  
<[http://www.cpers.org.br/index.php?&menu=1&cd\\_noticia=3760](http://www.cpers.org.br/index.php?&menu=1&cd_noticia=3760)> ACESSO EM 06 FEV/2015

DOMINGUES, Marcelo Vinicius de La Rocha; CARVALHO, Diogo Sá; CARVALHO Andréa Bento. **O Polo Naval e Offshore e o desenvolvimento regional na Metade Sul do Rio Grande do Sul**. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 34, Número Especial, p. 933-954, 2013

FIRME, Márcia Von Frühauf. **Portfólio coletivo: artefato do aprender a ser professor(a) em roda de formação em rede**. Rio Grande: FURG, 2011.

FIRME, Márcia Von Frühauf; GALIAZZI, Maria do Carmo. **A aula experimental registrada em portfólios coletivos: a formação potencializada pela integração entre licenciandos e professores da escola básica**. Revista Química nova na escola. V. 35, nº 1, páginas 1-6, fevereiro de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – 37ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed.rev. e atual. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

GALIAZZI, Maria do Carmo (et al). **Aprender em rede de conversações em ambiente de partilha nos torna coletivo inteligente**. In: OSÓRIO, Mara Rejane Vieira; GOMES, Vanise dos Santos (orgs.). Formação, experiência docente e práticas escolares. – Rio Grande, RS: Ed. Da FURG, 2014.

GOOGLE IMAGENS – Sindicato – Disponível em:  
<[http://geografiaem360graus.blogspot.com.br/2011\\_04\\_01\\_archive.html](http://geografiaem360graus.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html)> ACESSO EM 13 JANEIRO/2015

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIMA, Cleiva Aguiar de. **O diário em roda, roda em movimento: formar-se ao formar professores no Proeja**. Rio Grande: FURG, 2011.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro. **Sentidos do trabalho: a educação continuada de professores**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARQUES, Mario Osório. **A formação do profissional da educação**. – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MARX, Karl. **Trabalho estranhado e propriedade privada**. In: MARX, Karl. “Entfremdete Arbeit und Privateigentum”, Okonomisch-philosophische Manuskripte, MEGA, 1,2, Berlin: Dietz Verlag, 1982, p. 363-375. In: ANTUNES, Ricardo (org.) A dialética do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Salário, preço e lucro**. Londres (1865) In: ANTUNES, Ricardo (org.) **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Trabalho assalariado e capital**. In: MARX, Karl. Lohnarbeit und kapital. (1849) In: Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro. – 2ª edição – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – **Trabalho temporário** – Disponível em:  
<[http://portal.mte.gov.br/trab\\_temp/](http://portal.mte.gov.br/trab_temp/)> ACESSO EM 06 fev/2015

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, set/dez 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In. PIMENTA, Selma Garrido (org.) Saberes pedagógicos e atividade docente./ Textos de Edson Nascimento Campos... [et. al.]; Selma Garrido Pimenta (organização) – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PORTAL TERRA – **Piso salarial dos professores** Disponível em:  
<<http://noticias.terra.com.br/educacao/salarios-professores/>> ACESSO EM 06 FEV/2015

PORTAL TERRA - **SP: governo ganha disputa com sindicato sobre jornada dos professores**  
Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/sp-governo-ganha-disputa-com-sindicato-sobre-jornada-dos-professores,b30167ad5e8ce310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>> ACESSO EM 06 FEV/2015

REDIN, Euclides. **Alegria.** (p.31) In: STREK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José; (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 p. 152-180; jan./abr. 2007.

VIEIRA, Suzane da Rocha. **O sentimento de pertencimento na formação do pedagogo: o curso de Pedagogia da FURG no contexto das novas Diretrizes Curriculares.** - FURG - 2012.

SOUZA, Moacir Langoni de. **Histórias de constituição e ambientalização de professores de química em rodas de formação em rede : colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas /** Moacir Langoni de Souza. Rio Grande: FURG, 2010.

STREK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José; (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

UOL EDUCAÇÃO – **Em 7 estados mais da metade dos contratos de professores são temporários**  
Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/08/em-7-estados-mais-da-metade-dos-contratos-de-professores-sao-temporarios.htm>> ACESSO EM 10 FEVEREIRO/2015

WARSCHAER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

## ANEXOS

### Cronograma de atividades

Atividades	2014												2015			
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
<b>Busca por referencial</b>	x	x	x	x	x											
<b>Escrita do projeto</b>	x	x	x	x	x	x										
<b>Produção de dados</b>							x	x								
<b>Qualificação</b>							x									
<b>Análise dos dados</b>									x	x						
<b>Escrita da dissertação</b>											x	x	x	x	x	
<b>Defesa</b>																x